

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

TUANE PACHECO

O QUE PODE U PROFESSORE AFROCENTRADE?

Campo Grande - MS

2025

TUANE PACHECO

O QUE PODE U PROFESSORE AFROCENTRADE?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Antonio da Silva

Campo Grande - MS

2025

TUANE PACHECO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcio Antonio da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto (Coorientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Thiago Donda Rodrigues
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Campo Grande - MS

2025

*Dedico a minha bisavó Sebastiana Maria da Conceição,
cujos frutos reverberam potentes nessa terra.
Aus ancestrais que foram caminho.
Aus descendentes que o alargarão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu Ori por me guiar no caminho.

Agradeço a minha mãe Marlene, minha vó Zélia, minha bisã Sebastiana (em memória), vocês me inspiram todos os dias.

Gratidão a todas as pessoas que um dia fizeram parte da rede de apoio necessária em vários momentos. Foi preciso muitas mãos para que a entrega fosse realizada pelas minhas.

Agradeço as participantes da pesquisa pelo tempo dedicado aos nossos encontros.

Ao professor Márcio por acolher a mim e a pesquisa com paciência e cuidado. Ao grupo de pesquisa GPCEM por contribuir nessa jornada.

Agradeço ao professor Ricardo pelas orientações, por ser fonte de inspiração e sabedoria. Ao grupo de pesquisa Grupeafro, espaço de trocas que reverbera a união fraterna.

Agradeço a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e ao Programa Pós-Graduação em Educação Matemática - PPGDumat, foi um privilégio estudar nessa instituição pública.

A Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Ensino Superior (CAPES) por ter fomentado essa pesquisa.

A todos que de alguma maneira atravessaram essa pesquisa, minha sincera gratidão.

RESUMO

Nesta pesquisa, exploro as potencialidades da Afrocentricidade pela ótica do pesquisadore. desbravando um caminho metodológico afrocêntrico, com o objetivo de investigar como a Afrocentricidade pode reverberar na formação continuada de professorus de matemática para além do ofício de educadore. A investigação se deu antes, durante e depois de uma oficina *online* intitulada: “Afrocentricidade e Educação Matemática: construindo redes de apoio”, cuja construção metodológica foi desenvolvida no caminhar com a pesquisa, tendo como aporte teórico a Afrocentricidade, cujas Categorias Analíticas e Processos de Transformação da Consciência foram categorias de análise dos dados produzidos ao longo dos quatro encontros da oficina. Os resultados discutidos em cada capítulo evidenciam a fragmentação da identidade negra e apontam para a importância da Localização Psicológica, Social e Cultural estar em centralidade com suas experiências afrodiaspóricas. Concluo que é indispensável para a formação de professorus que a formação enquanto sujeito seja tomada como prioridade. O afastamento do centro racial e o epistemicídio são fatores condicionantes para sentimento de deslocamento que atravessa e impede o aquilombamento, estratégia de construção coletiva necessária.

Palavras-chave: Educação Afrocentrada; Formação de Professores; Educação Matemática; Professor negro.

ABSTRACT

In this research, I explore the potential of Afrocentricity from the perspective of a researcher, paving the way for an Afrocentric methodological path, with the aim of investigating how Afrocentricity can reverberate in the continuing education of mathematics teachers beyond the role of educator. The research took place before, during and after an online workshop entitled: “Afrocentricity and Mathematics Education: Building Support Networks”, whose methodological construction was developed during the research, with Afrocentricity as its theoretical basis, whose Analytical Categories and Processes of Transformation of Consciousness were categories of analysis of the data produced throughout the four workshop meetings. The results discussed in each chapter highlight the fragmentation of black identity and point to the importance of Psychological, Social and Cultural Location being central to their Afro-diasporic experiences. I conclude that it is essential for teacher education that training as a subject be taken as a priority. The distance from the racial center and epistemicide are conditioning factors for the feeling of displacement that permeates and impedes the quilombola movement, a necessary collective construction strategy.

Keywords: Afrocentric Education; Teacher Training; Mathematics Education; Black Teacher.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Convite Para Oficina	30
Figura 2: Insalubridade	66
Figura 3: Preto ou Branco	67
Figura 4: Encarceramento em massa	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - autodeclaração de cor/raça dos inscrites	31
---	----

SUMÁRIO

SUMÁRIO	8
Abram-se os caminhos	10
Caminhos se fazem caminhando	17
1. Ubuntu: Eu Sou porque Nós Somos	24
1.1. Quem eu sou?	30
1.2. Quando me descobri negro?	38
1.3. Uma conversa com uma mina branca	41
2. Eu Afrocentrade	50
2.1. Tudo que nós tem é nós	52
2.2. E u alune negro?	58
2.3. Árvore da Supremacia Branca	62
3. Eu, Professore Afrocentrade	74
3.1. O que você lembra de ter estudado sobre história e cultura do povo negro no período escolar?	77
3.2. A lei 10.639/03 garante o ensino justo e inclusivo? O atual modelo educacional dá conta de atender as demandas dos afro-brasileiros?	84
3.3. Pensar em escolas afrocentradas é utopia?	89
4. Eu, Professore de Matemática Afrocentrade	97
4.1. “Cultura Dominante”	103
4.2. Como você configura o seu encontro com a Afrocentricidade?	111
4.3. Eu Sou ume, Mas Não Sou só	115
5. Não há fim no fluxo das águas	119
Referências Bibliográficas	128
Glossário de Pronomes Neutros	130

Odú - Caminho¹

Thiago Elniño (part. Caio Prado)

*Que não nos falte fé
Nem boas energias
Que sejamos axé
No caos do dia a dia
Axé pra quem for de amar
Amor pra quem for axé
E que cada um siga seu caminho
Sendo para o outro o melhor que puder
Na fé de Orunmilá
De Orunmilá nós seguimos na fé
Pra que no caminho tenhamos do mundo
Sempre o melhor que o mundo tiver
Axé pra quem for de amar
Amor pra quem for de axé
E que cada um siga seu caminho
Sendo para o outro o melhor que puder
Na fé Orunmilá
De Orunmilá nós seguimos na fé
Pra que no caminho tenhamos do mundo
Sempre o melhor que o mundo tiver
Tu é confuso, qual teu signo?
Mina, eu não sei
Sei do Orixá, se tu me entende, eu sou
filho de Rei
O que não me engessa, mas mostra um
caminho*

*Que é difícil de seguir, mas eu não
preciso seguir sozinho
Então não futilize o saber ancestral
É você mais que ninguém quem define
qual teu inferno astral
A unidade com todo expande a
consciência
Sensibilidade e disciplina, é mais que
obediência
No fim das conta, nós é átomo
organizado
De forma tão certa, mas, carai',
fazendo tudo errado
Jogando a conta dos erro no
sobrenatural
E assim deixando de entender como
Orixá é tão real
Baba falou: “segue na fé que nós
'tamo' orgulhoso
No jogo é visto pra você um futuro tão
glorioso
E nunca se esqueça que a honra do teu
povo
É o que te trouxe até aqui e vai te levar
pra casa de novo”
E vai te levar pra casa de novo
E vai te levar pra casa de novo*

Abram-se os caminhos²

Uma dissertação de mestrado pode surgir de vários lugares a depender do olhar de quem a escreve. Essa pesquisa é carregada de renascimentos. O que era pra ser não foi e deu espaço para o que precisava ser. Espaço apertado, quadrado, um tanto sufocante. Impossível seria se não houvesse brechas por onde a água escorre e encontra caminho(s).

Falar sobre consciência racial e estratégias de aquilombamento é uma tarefa um tanto quanto desafiadora e muitas vezes incômoda. No texto a seguir, esteja certo que iremos nos incomodar e refletir acerca das problematizações trazidas a respeito da situação do nosso povo. Há um convite direto para a reflexão, adianto dizendo que os incômodos são propositais, pois acredito que através dele é que tomamos impulso para nos movimentar.

Convido-lhes, pessoas negras e não negras, a refletirmos sobre nosso lugar social no mundo, e como podemos agir, a partir deste lugar singular que ocupamos, para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

A necessidade constante de reivindicação desse lugar vem de uma longa e cruel afirmação do contrário, de que negro não tem lugar social e não merece tal prestígio. Se estou em um ambiente acadêmico hoje, sendo u primeire da minha família a estar numa universidade pública, e u primeire a ocupar um espaço na Pós-Graduação, é graças às mulheres negras da minha família que não puderam ocupar esses espaços por estarem trabalhando na casa dos brancos para criarem seus filhos sozinhas. Essa realidade não é exclusiva, muito menos rara.

Ressalto que quem lhes escreve é uma pessoa negra e quando lê-se “nosso povo” é a respeito desta identificação, que talvez tenha sido tardia, atrasada pelo processo de miscigenação que há muito nos afasta da negritude, porém, uma identificação racial necessária para unir pesquisa e ensino com a luta política.

A respeito de identidade, ressalto ainda que escrevo em linguagem neutra como um posicionamento político de inclusão de pessoas trans não binárias em espaços acadêmicos. Com o uso dessa linguagem, incluímos pessoas que não se identificam com a binaridade de gênero, como também pessoas que usam pronomes feminino e masculino, sendo uma linguagem que busca incluir todas as identidades.

Esta pesquisa parte do olhar de uma pessoa parda, trans não binária, nascida e criada no interior do Rio de Janeiro a partir de 1997, quando a jornada começa. Segunde filhe de

²MC Tha - Abram Os Caminhos <https://www.youtube.com/watch?v=LE43Bb3xXGw>

cinco de uma mulher negra e mãe solo, viúva antes dos trinta. Saí de casa aos 18 anos e várias outras características foram compondo a minha identidade em constante movimento.

Ter sido criada numa família grande e negra, por mulheres fortes e determinadas, me ensinou muito do que sei hoje, e essa história de vida é parte da minha Agência. Inspiro em Asante (1980) entendendo Agência como a capacidade de agir a partir do lugar singular que ocupamos, armando-nos das ferramentas disponíveis, sejam teóricas, técnicas e/ou da experiência, em favor da emancipação e bem viver da comunidade negra.

Uma Agência Afrocêntrica me permite enegrecer os aspectos da minha vivência como um todo, em especial, no meio educacional, ao qual baseia-se este trabalho, e usar de um posicionamento enquanto sujeito político para centralizar os melhores interesses do povo africano, dentro e fora da diáspora.

Escrever sobre Afrocentricidade me induz a falar sobre os atravessamentos que me trouxeram ao desenvolvimento desta pesquisa. Na educação básica, estudei em diversas escolas, sempre na periferia ou na única escola da cidadezinha, pois nos mudávamos muito. Tenho muitas lembranças de colegas negres, todas as minhas melhores amigas eram meninas negras, mas tenho apenas uma lembrança de professora negra, de Matemática, inclusive, no final do Ensino Médio.

Fui criada junto com a minha família materna onde as grandes referências sempre foram mulheres negras retintas, cujo cuidado com as crianças eram de proteção de um mal invisível, ao qual eu, negre de pele clara, não tinha acesso direto, mas sempre soube o que não devia fazer e como devia me comportar, sempre soube onde as mulheres da minha família trabalhavam, como algo que parecia regra: servir a patroa branca e ganhar roupas usadas.

Nessa infância, marcada por uma família grande e negra, é onde se constrói minha Agência. Hoje, entendo que minha localização psicológica, social e cultural sempre esteve lá, só me faltava reconhecimento racial necessário, impedido pelo processo de miscigenação que rouba o pertencimento de pessoas como eu.

Durante muito tempo, não soube como me descrever racialmente, não sabia o que “pardo” de fato significava, tendo ouvido inúmeras vezes que “pardo é papel”. Como saber? Se das opções que tinha para marcar nas autodeclarações em situações diversas eu sabia que não era preta, porque minha cor era mais clara que a da minha mãe, minha avó, minhas primas, mas também sabia que não era branca, porque a pele branca era diferente da minha.

O limbo racial me acompanhou até a vida adulta, um misto de admiração, medo e vergonha. Hoje, entendo que muitas vezes me ausentei de debates raciais por estar perdida,

por não saber como poderia expressar o que eu sentia em relação a minha raça pois me faltava letramento racial.

Essa conscientização racial só foi possível por intermédio do acesso a conhecimentos emancipadores, em um curso gratuito de formação continuada para professoras em uma escola pública estadual, em Nova Andradina - Mato Grosso do Sul, ao qual pude participar como estagiária no meu último ano de graduação em Licenciatura em Matemática, sendo eu, a única pessoa da área de exatas presente nesta formação. Este fato diz muito sobre o desenvolvimento desta pesquisa.

O poder em afirmar-me enquanto pessoa negra virou a chave da consciência racial em minha mente, pois eu não olhava mais o grupo que eu tanto me identificava de fora e me sentia excluída por ter a pele clara, motivo de auto ódio durante muito tempo. Pude afirmar-me enquanto negra e entender a diversidade que compõe tal grupo étnico. Mesmo que essa afirmação tenha chegado na vida adulta, aos 22 anos, no último ano da graduação, foi significativa para minha trajetória pessoal e consequentemente acadêmica. Mas a consciência racial por si só ainda não era suficiente para trazer a raça para minhas pesquisas no meio acadêmico, lugar político de ocupação.

Do início da trajetória no mestrado até aqui, produto final desta etapa, houve mudanças circunstanciais na pesquisa e na vida. Enfrentamos, em 2020, o ápice da pandemia de COVID-19, fator que foi empecilho para o desenvolvimento da proposta inicial, que seria produzida em uma comunidade quilombola em Campo Grande, MS. Com isso, dediquei-me ao estudo teórico sobre o ensino para alunas negras no Brasil. A situação que eu já enxergava como ruim, foi ficando pior conforme avançava nas pesquisas.

Em meus estudos acerca de pesquisas no campo da Educação Matemática, eu constatava ausência de algo que representasse o que eu queria dizer a respeito da educação do povo negro. Não me soava justo, tampouco natural, a afirmação “ensinar a cultura do dominante”³ dentro de uma perspectiva teórica que mais se aproximava com o ensino para o aluno negro na área da Educação Matemática. O incômodo gerado pelo fato de o modelo de ensino introduzido no Brasil não ser pensado na inclusão de pessoas negras, e estar até nos dias atuais sem uma significativa melhora, era recorrente em meus estudos.

Em uma das buscas, tive acesso a uma tese (Benedicto, 2016) onde a palavra que define o encontro com essa pesquisa é gratidão. Um trabalho guiado pela Afrocentricidade onde me senti representada. Em suas linhas finais, o seguinte convite: "Temos um longo

³ Frase retirada de textos de Ubiratan D’Ambrósio (2005, 2008).

trabalho pela frente. Sendo assim, reforço o convite para debatermos as teses aqui apresentadas a fim de que possamos, como família étnica, planejar adequadamente nosso futuro na sociedade brasileira” (Benedicto, 2016, p. 282). Logo apressei-me a entrar em contato com o professor Ricardo Benedicto, autor da tese, que me acolheu no Grupo de Pesquisa em Educação Afrocentrada (Grupeafro) liderado por ele, onde tenho o prazer de aprender e vivenciar a Afrocentricidade.

Nas palavras de Asante (1980, p. 3), “a Afrocentricidade é um modo de pensamento e ação no qual a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanos predominam”. A Afrocentricidade trouxe suporte teórico para um novo olhar sobre os fenômenos, me ajudando a entender e colocar em palavras o que eu já sentia em relação à educação dos alunos negres, trazendo também o suporte teórico para a movimentação política que traz a raça como centralidade para a academia.

Asante diz que a “Afrocentricidade é a conscientização sobre a agência dos povos africanos. Essa é a chave para reorientação e recentralização, de modo que a pessoa pode atuar como agente, e não como vítima ou dependente” (Asante, 2009, p. 94). Esse entendimento para além das linhas teóricas impulsionou o desenvolvimento desse trabalho para além de uma obrigação burocrática de conclusão de curso.

Um dos pontos centrais da Afrocentricidade é o conceito de Agência, entendido como a capacidade de agir sobre sua própria realidade, consciente de seu lugar de existência no mundo, em prol do melhor para si e seu povo. Segundo Asante, “agência é a capacidade de dispor de recursos psicológicos, e culturais necessários para o avanço da liberdade humana” (Asante, 2009, p. 94).

Entendo a Afrocentricidade para além de termos teóricos e metodológicos da experiência acadêmica. Entendo como um modo de viver e estar no mundo. Sobre como enxergar a natureza como coexistente, sobre a relação com o tempo, com os mais velhos e com as crianças, a conexão com a espiritualidade. Quando decidimos nos voltar para a conexão com a ancestralidade, nada é como era antes.

Quando falamos em agir em prol do melhor para si e seu povo, pensamos no sentimento de pertencimento a uma agência africana. Quando falamos sobre o lugar de existência no mundo, me refiro ao lugar político que nossos corpos negros ocupam na sociedade. Munidos de todo conhecimento técnico, científico e/ou da experiência, e o sentimento de pertencimento, sua vontade enquanto parte essencial da comunidade, temos a capacidade de agir.

Podemos pensar no sentimento de pertencimento e representatividade como Ubuntu, um antigo ditado Iorubá que pode ser traduzido como: “eu sou porque nós somos”. Sentir-se pertencente a um grupo e a esse grupo unir-se, uma união fraterna de companheirismo em prol do melhor para todos. Exemplo de herança africana potente que nos lembra que somos família, em essência, são os terreiros de religiões de matriz africana, comunidades que praticam o amor nas relações entre as pessoas, todos convivendo como uma grande família.

O pertencimento é parte essencial de uma agência afrocentrada. Ter a consciência de que cada um de nós é importante e necessário para a comunidade, e que todos nós podemos nos movimentar a partir do nosso lugar singular de ocupação, impulsionou-me a pensar nesta pesquisa como um movimento de partilha, de construção com o povo negro presente na área da Educação Matemática.

Pensando na potência de uma agência afrocentrada em todos os setores da sociedade, propus o desenvolvimento de uma oficina de modo que pudéssemos aproximar a Afrocentricidade dos educadores matemáticos. Acredito que a troca de experiências e saberes nos incentiva a criarmos redes de apoio sólidas e nos unirmos como família étnica, nos apoiando uns nos outros nessa dura missão de libertação das tantas amarras impostas pelo racismo em nós mesmos e nas pessoas onde nossa voz alcança.

Na visão afrocêntrica, todo conhecimento deve ser emancipador. Segundo Asante (1980, p. 56), “nosso objetivo enquanto intelectuais negros é fornecer ao mundo a análise mais válida e valiosa possível dos fenômenos africanos”. Para isso, precisamos que nossas crianças acessem uma educação que tire as vendas da colonização, do capitalismo e do patriarcado.

Além das linhas teóricas, trago problematizações que valem a pena serem discutidas. Aqui, encontram-se aflições de um pesquisador sedente pela libertação intelectual de seu povo. Para tanto, busquei aproximar-me de professores e pesquisadores a fim de, em uma troca de vivências, experiências e conhecimentos, podermos pensar juntas como a Afrocentricidade pode ser estratégica em nossas vivências dentro e fora de sala de aula.

Busco refletir sobre o processo de formação dos professores participantes, não somente a formação acadêmica, mas a formação contínua enquanto sujeitos no mundo. Nesse sentido, proponho-me a investigar: **o que pode o encontro de professores negres com a Afrocentricidade?**

O que pode surgir a partir do encontro? O encontro pode gerar potencialidades que serão percebidas por nós ou não. Os atravessamentos das questões debatidas podem surgir em outro momento da trajetória dos envolvidos, onde a experiência pode vir a fazer sentido a

partir de alguma vivência que coloque u professore em sintonia com o que debatemos na oficina.

Podem surgir problematizações novas acerca dos temas que u pesquisadore que vos fala não esteja preparade para lidar. Pode surgir o vazio de expressões acerca do tema que para mim é tão caro. Podem surgir explanações que façam a pesquisa tomar outro rumo. “O que pode” é subjetivo e está aberto a escuta atenta e olhar respeitoso, o que nos proporciona entusiasmo em desenvolver a pesquisa em meio a tantas possibilidades.

“O que pode” nos auxilia na reflexão de possibilidades formativas e abre espaço para o imprevisível. O encontro com a Afrocentricidade que para mim foi tão potente, pode reverberar nus participantes da oficina, ou no próximo estágio, nus leitorus do texto? Pode acontecer isso ou aquilo, ou nada disso.

Para investigar o que pode acontecer a partir do encontro de professorus e pesquisadorus, propus uma oficina *online* intitulada “Afrocentricidade e Educação Matemática: construindo redes de apoio”, cujo percurso metodológico desenvolvido por meio de questões problematizadoras e tarefas propostas, foi desenvolvido à luz da Afrocentricidade como referencial teórico e metodológico.

A oficina ocorreu em quatro dias, cujo percurso foi construído de forma que pudéssemos explorar as potencialidades do sujeito em sua totalidade, enxergar u professore/pesquisadore para além de seu ofício. Quem é essa pessoa no mundo? Quais as relações da pessoa com o Ser Professore? Como a Afrocentricidade pode potencializar o trabalho du professore?

Para refletirmos juntas, busquei trazer problematizações a respeito da situação do povo negro no Brasil, ligados diretamente as várias formas de genocídio do nosso povo, como epistemicídio, racismo científico, nutricídio, racismo ambiental, encarceramento, etc. de modo a convidar os pares a refletirmos juntas sobre a tomada de consciência de quem somos, onde estamos em termos de lugar social, o que nos trouxe até aqui e os mecanismos que nos aprisionam em determinados lugares.

Para tanto, nos apropriaremos da Afrocentricidade enquanto referencial teórico e metodológico, suas categorias analíticas Centralidade/Marginalidade, Localização Psicológica, Social e Cultural e Agência, assim como os Processos de Transformação da Consciência: consciência da pele, consciência do meio, consciência da personalidade, preocupação/interesse e consciência afrocêntrica, onde juntos, são aportes para o planejamento e análise dos encontros.

O encontro com a consciência afrocêntrica abre espaço para a agência africana se estabelecer de forma coerente e bem elaborada, onde o indivíduo passa a centralizar suas decisões, falas, comportamentos, gostos, etc. na sua raça. Isso quer dizer que de forma natural, enxerga com as lentes da Afrocentricidade e passa a racializar o mundo à sua volta. Na visão afrocêntrica, todo conhecimento é libertador, dessa maneira, o professor negro assume um importante papel na comunidade, sendo um dos responsáveis pela educação libertadora de seu povo.

Assumindo como princípio norteador o ser humano como potência criadora, ou seja, aquele que tem o poder de, inerentemente, afetar sua realidade de modo a reconstruir-se, potencializar-se e agir sobre o mundo à sua volta, afetando e sendo afetado pelo que lhe cerca, tenho no Ser Professor um instrumento potente de transformação de mundo.

Entendo que parte da vivência de existir enquanto ser humano é sermos pessoas melhores e contribuirmos positivamente para o mundo. A reforma interna ao qual precisamos passar em vários momentos da vida é importante para esse processo. Entender que EU, enquanto professor negro, tenho um papel de relevância na vida de muitas crianças/jovens/adultos nos remete a pensar na responsabilidade de nos educar para ensinar. Não apenas pegar o diploma de licenciado e ir para a sala de aula, mas também educarmos enquanto seres responsáveis pela melhora coletiva. Como diz certa autora desconhecida: “antes de ser um bom profissional, seja um excelente ser humano”.

Ao pensar na potência do Ser Professor para além do sentido profissional, entendo como uma característica que molda a personalidade, pois passamos a enxergar o mundo com os óculos do ensino. A forma como enxergamos o mundo varia de acordo com os óculos que possuímos, que nos permitem acessar e interpretar informações por uma determinada ótica.

Não estamos todos no mesmo barco, mesmo vindo (quase) todos de navio. Cada ser humano negro carrega dentro de si memórias de uma vida, de trajetórias e vivências que marcaram o Ser Negro e lhe permite enxergar o mundo de um determinado lugar particular. Se sou negro, vou enxergar com os óculos da raça, se fui socializado como mulher, mais uma lente para os óculos, se sou pobre, outra camada de lente, se sou vegano, outra.

A trajetória da oficina foi pensada para também explorar o pertencimento à raça, como nos sentimos quando falamos de nosso povo? A afrocentricidade é sobre ter o compromisso político de centralizar a raça nas tomadas de decisões. Não que todos devam viver em prol da militância em favor da raça. A agência africana nos conduz a utilizar de nossas capacidades, dentro de nossos limites, no nosso lugar de ocupação do mundo, em prol da união e avanço da comunidade negra.

Caminhos se fazem caminhando

Desbravar um percurso metodológico afrocêntrico é percorrer um caminho novo, abrindo uma trilha para que us futuros caminhantes explorem, munidos de diferentes ferramentas e habilidades no aperfeiçoamento dos caminhos rumo aos nossos objetivos coletivos.

Mesmo não havendo na literatura brasileira, no momento de produção desta pesquisa, referências da abordagem afrocêntrica como um método de pesquisa, embarco nesse desafio de criar o percurso metodológico que entrelaça experiência de vida e Afrocentricidade, explorando questões que na minha trajetória de encontro foram importantes.

Neste trabalho, busco investigar as potencialidades da Afrocentricidade no percurso formativo dos professorus, em especial, na área da matemática por ser minha área de formação, mas esse não é o objetivo final. Junte com pesquisadoras e professorus de diferentes áreas, estamos trilhando caminhos em direção a uma Educação Afrocentrada, do ensino básico ao superior, pois acreditamos ser por meio da educação que transformamos todas as outras áreas e construímos o futuro afrocentrado que objetivamos.

Essa pesquisa nasceu de inquietações e perguntas sem respostas. No caminhar com a pesquisa, fui descobrindo que as nossas referências existem, porém foram tão afastadas de nós que o reencontro parece inalcançável. Na relutância em gritar indignações tão pouco ouvidas, exploro um caminho de descobertas antes percorrido por mim, sistematizado em poucos dias com a intenção de promover reflexões e debates.

Em meu percurso formativo, tinha sempre em mente a necessidade de percepção do mundo para além das regras e exatidões matemáticas. Para mim, a figura do professore em sala de aula, por si só, traz uma importância política, marca um lugar, representa identidades na medida que exclui muitas outras.

Nesse sentido, busco pensar na formação de professorus de forma ampla, em um processo que não está desvinculado da vida. O encantamento reside na individualidade do ser, por isso, abro espaço para a valorização dessa individualidade, para que cada um possa se expressar e ser visto em sua particularidade, entendendo que cada um é importante para a luta coletiva.

O processo, encarado como a parte mais importante do percurso metodológico da pesquisa, é a sistematização da trajetória de encontro do pesquisadore com a Afrocentricidade. Nesse encontro, busco explorar a emoção, trazer o sujeito que vive, sente e

sonha, antes da figura do educadore, para que as facetas que constituem o ser conversem e se potencializem.

As reflexões levantadas na trajetória da oficina podem reverberar de maneiras diferentes nos participantes a depender do modo como cada uma interage com o desafio. “O que pode” é uma questão aberta também por isso. Nesse sentido, abro espaço para que o leitor explore os diversos atalhos e bifurcações, que caminhem conosco nos mergulhos e respiros.

Certamente tal trajetória não é linear, é um caminho cíclico, cheio de retornos onde a trajetória pode ser revisitada. A estrutura apresentada, alinhada à experiência do pesquisadore, utiliza as categorias analíticas e os processos de transformação da consciência na construção do caminho metodológico, investigando os processos sem enquadrar as participantes em determinados níveis.

Em certa medida, representa o processo do próprio pesquisadore, onde busquei destacar o que na minha trajetória foi significativo no processo de encontro com a Afrocentricidade. Tais problematizações, de certo, mudarão a depender do espaço-tempo de desenvolvimento de pesquisas futuras.

Para o planejamento do percurso metodológico desenvolvido durante a oficina, explorei em questões problematizadoras e tarefas propostas, as categorias analíticas Centralidade/Marginalidade, Localização Psicológica, Cultural e Social, e a categoria Agência, assim como os Processos de Transformação da Consciência: reconhecimento da pele, reconhecimento do meio, consciência da personalidade, preocupação/interesse e consciência afrocêntrica.

Tais elementos teóricos foram explorados durante a oficina “Afrocentricidade e Educação Matemática: construindo redes de apoio”, que aconteceu no mês de agosto de 2022, de forma virtual pelo Google Meet, onde todos os encontros foram gravados com a prévia autorização das participantes, sendo utilizado o material gravado para análise e discussão. Ao todo, foram 4 encontros de aproximadamente duas horas cada, com início às 19h30 e término previsto para 21h30. Também utilizamos como canal de comunicação um grupo no *Whatsapp*.

Participaram da oficina 6 pessoas de idades variadas e todas identificando-se como mulheres e atendendo pelo pronome feminino, nesse sentido, ao me referir as participantes, preservarei o uso do pronome escolhido por elas. A presença das participantes nos encontros foi variada, como veremos nos capítulos seguintes.

Para preservar suas identidades, receberam nomes de flores, são elas:

- Bromélia - 32 anos, colombiana, autodeclarada parda, cursando doutorado em Educação Matemática, atuou como professora do Ensino Médio por 4 anos na rede pública de ensino;
- Camélia - 22 anos, autodeclarada parda, cursando Serviço Social, pesquisadora da Educação, trabalha como merendeira na rede pública de ensino há 2 anos;
- Girassol - 43 anos, autodeclarada parda, mãe, cursando mestrado em Educação Matemática, atua como técnica em Educação na rede particular de ensino, tendo atuado como professora por 16 anos;
- Margarida - 41 anos, autodeclarada branca, mãe, cursando mestrado em Educação Matemática, atua como professora no Ensino Médio na rede pública de ensino há 4 anos;
- Orquídea - 46 anos, autodeclarada branca, mãe, cursando doutorado em Educação Matemática, atua como professora nos anos finais do ensino fundamental há 15 anos;
- Tulipa - 35 anos, autodeclarada parda, mãe, formada em pedagogia e cursando mestrado em Educação Matemática, atua como professora nos anos iniciais da rede pública há 8 anos.

Desta maneira, destaco a organização dos temas de cada dia da oficina, que foi pensado de modo a trazer essa construção da potência do Eu somados a potência do Ser Professore e a potência do Ser Afrocentrade. Não é nosso objetivo restringir ou limitar os elementos, mas sim valorizar a singularidade e especificidade de cada um deles.

No primeiro dia de encontro, trago para a reflexão a potência do **Eu Sou**, onde discutimos sobre como os participantes se enxergam no mundo. Para tanto, exploramos a pergunta disparadora “quem eu sou?” de modo que os participantes pudessem esmiuçar como se apresentariam ao mundo, como se explicasse qual seu lugar de fala. Com essa proposta, busquei ressaltar a importância que a identidade racial pode ter na vida dos sujeitos, sobretudo aqueles cujo a consciência racial está deslocada do centro, por isso, abri espaço para discutir sobre a miscigenação e como esse processo criminoso roubou inúmeras identidades negras no Brasil.

Tendo explorado o nosso lugar político de ocupação no mundo, vamos discutir como a Afrocentricidade pode potencializar nossa vivência por meio de uma agência afrocentrada. No segundo dia de encontro falamos sobre “**Eu Afrocentrade**” e como uma visão afrocentrada nos possibilita análise crítica dos fenômenos de genocídio sofridos pela população negra no Brasil.

No terceiro dia de encontro, propus a reflexão sobre como esse eu, enquanto sujeito, munido de agência afrocentrada, enxerga o lugar de atuação enquanto professor. Como a Afrocentricidade nos ajuda a olhar para como a educação formal esteve presente para a comunidade negra? Nesse sentido, o foco deste encontro “**Eu, Professore Afrocentrado**” foi trazer a visão afrocêntrica para discutirmos a educação para os alunos negres no Brasil e a lei 10.639/03⁴ a partir do lugar político do professor.

As identidades se entrecruzam o tempo todo, sempre se afinando ou expandindo. O próximo recorte que propus fazer traz a figura do professor para a comunidade dos educandos matemáticos. No quarto dia de encontro, busquei refletir com apoio da Afrocentricidade como estamos sendo representados no campo da Educação Matemática.

Assim se configuram os capítulos seguintes, onde a conexão com a proposta de agência é articulada com as demais Categorias Analíticas e Processos de Transformação da Consciência. Cada capítulo aborda um dia de oficina, com o planejamento, o desenvolvimento e a análise de cada dia de encontro, conversando com a teoria e demais autores que compõem nossa análise.

Pensar em um recorte racial em hipótese alguma desconsidera demais identidades dos sujeitos, consideramos a Interseccionalidade também dentro do recorte racial. A Afrocentricidade, por ser pautada no amor e respeito a todos os seres, em sua essência é contra todo tipo de repressão, preconceito ou discriminação. Nas palavras de Asante, “a Afrocentricidade procura consagrar a ideia de que a Negritude em si é um tropo de éticas. Assim, ser negro está contra todas as formas de opressão, racismo, classismo, homofobia, patriarcalismo, abuso infantil, pedofilia e dominação racial branca (Asante, 1980, p. 3).

Mesmo que nós, sujeitos negres, carreguemos inúmeras outras identidades, temos em comum o nosso centro, nossa primeira casa, de onde vieram nossos ancestrais. Carregamos ainda, todas as marcas que nos atravessam de diferentes maneiras, espaços e tempos, temos esse laço que nos une. A partir da diferença criada pela dominação branca, nos tornamos “os outros”. Na diferença fenotípica, onde eles fincaram suas barreiras, nós fincamos nosso orgulho.

Assim como é necessário nos reconhecermos enquanto sujeitos únicos, potentes e pertencentes a algo maior, penso que assim também deva caminhar a humanidade. Para

⁴ Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, entre outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no.%22%2C%20e%20d%C3%A1%20o%20provid%C3%AAs.

desqualificar a proposta de união do povo negro, usa-se “somos todos humanos” quando na verdade ainda não conseguimos, enquanto espécie, nos conectar com o que é ser humano, o amor em essência. Na medida em que a humanidade conseguir se comportar como ser humano, existindo em comunhão amorosa com todos os seres, abriremos mão naturalmente da ideia de rótulos identitários, quando não existir u outre, seremos todes iguais.

Porém, ainda estamos preses num tempo onde o ser humano é arrogante e egoísta, onde a demarcação du outre serve para criar o padrão. Sistema esse que desqualificou e coisificou u “outre” de pele preta. Tentaram nos pôr em extinção, queriam exterminar os negros deste país. Projetaram o esquecimento das barbaridades que fizeram e do nosso povo que reexistiu. Tentaram muito nos apagar da história, mas reexistimos e estamos aqui ainda hoje. Este trabalho honra a memória dos meus, dos nossos ancestrais.

Caminhos se fazem caminhando, espelhando-nos em pessoas mais velhas, reverenciando e sendo continuidade. Nosso povo é correnteza, e no desbravar dos caminhos abrimos trilhas em meio a selva densa, na certeza de nunca andar só. É nesse caminhar junto que construímos o futuro que desejamos.

A situação de opressão está dada. Enquanto não podemos existir em um mundo onde somos de fato todes iguais, precisamos tornar este mundo cada vez melhor para a nossa existência agora e para as gerações futuras. Um projeto de futuro só pode ser pensado com base em uma educação que prepare para viver e construir em conjunto e comunhão com todes us seres. Vamos juntas?

Ubuntu⁵

Thiago Elniño

*Desceu no terreiro e veio falar comigo
Um guia sobre o arquétipo de um preto
antigo
Disse: Calma, misi fio, que as coisas vão
melhorar
Suncê tem que tá preparado, pra a
pressão, tu aguentar
Porque as crises vem e vão, mas nunca em
vão
Existe um vão, entre sua razão e a
compreensão
De por que as pedras rolarão pelo
caminho
Suncê nunca tá sozinho
Suncê tem que aprender a não se abater
Porque seus irmãos de luta tão lá fora
esperando por você
A dor é implacável, mas ensina que
É do veneno que se extrai a vacina e
Misi fio' tira um tempo e medita
Bota fé naquilo que tu acredita
Saí de lá e pude me tranquilizar
Tomei um passe
E fui para casa pronto para continuar
Andar com fé
Eu vou naquilo que sou
Que é o que você é
Ubuntu, eu sou porque nós somos*

*E na crise tamo junto
Andar com fé
Eu vou naquilo que sou
Que é o que você é
Ubuntu
Porque o bagulho é louco, nego
O dia chegou, cê nunca arregou
Da sua resposta, então levanta e vai pra
luta
Fé é a resposta da pergunta
Do que faz os fortes superarem suas
barreiras ocultas
Eu sei que assusta
O que o futuro pode ser
Mas o futuro é apenas algo que ainda tá
pra acontecer
E se ainda não rolou
Mano, vive o presente
Porque essa vida é fugaz, óh
Passa e a gente não sente
Éh, a ansiedade massacra a gente
E sonho com um amanhã bem diferente
Com liberdade
Sonha em ocupar cidades
Sem ser um pombo
Chega de comer migalha
Partiu quilombo
Dos que não aceitam submissão, não
Larguem suas correntes na senzala e
partam pra missão, vão
Libertar seus irmãozinhos que não tiveram
a sorte
Que Oxalá nos retire o medo da morte
Andar com fé*

5

<https://www.youtube.com/watch?v=oZjXL1-UDLw>

*Eu vou naquilo que sou
Que é o que você é
Ubuntu, eu sou porque nós somos
E na crise tamo junto*

1. Ubuntu: Eu Sou porque Nós Somos

Não fomos ensinados a pensar enquanto povo em uma sociedade colonizadora que vive a nos afastar desde que nossos ancestrais foram sequestrados de seu continente de origem. O afastamento do sentimento de luta coletiva ao qual enfrentamos há séculos, muito nos retirou o vislumbre dessa possibilidade.

Não por acaso, vivemos em uma sociedade individualista, onde somos ensinados a competir desde os primeiros anos escolares, ensinados a sermos melhores que os outros para alcançar o primeiro lugar, não melhores no sentido de superar nossas próprias limitações. Não nos ensinaram a nos conhecer, tampouco conhecer nossos ancestrais.

A colonização nos afastou de forma brutal do nosso verdadeiro centro ancestral, nos fizeram acreditar que estamos sozinhos. Neste país, os ditos donos pertencentes a uma minoria branca dominadora, colocaram em prática o plano de nos exterminar por completo, e quando o corpo não desapareceu, as mentes foram encarceradas. Como enfatiza Munanga (1999, p. 16), “apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal inculcado por meio de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças dos negros e mestiços”.

A Afrocentricidade nos convida a refletir sobre esse lugar deslocado em que estamos vivendo, trata-se de “uma questão de localização precisamente porque os africanos vêm atuando à margem da experiência eurocêntrica” (Asante, 2009, p. 93).

Como prosseguir, então, diante de tamanhos obstáculos introduzidos e reforçados ano após ano, para que nós, povo negro, não nos conectemos verdadeiramente uns com os outros, como família étnica que somos?

Neste contexto de opressão, onde as amarras da colonização atuam fortemente no imaginário coletivo, temos como premissa que a libertação intelectual é a chave para a superação da situação opressora. Ora, não seria a tomada de consciência o primeiro passo para agir sobre o problema? Agora, o que faremos a partir disso é pensado a partir do lugar social que cada pessoa negra ocupa na luta coletiva.

Para pensarmos em avanços, nos alerta Asante, (1980, p. 72),

No processo de alcançar vitória social, política e econômica sobre as coisas que nos afetam negativamente, devemos chegar ao nosso objetivo através de várias táticas. Uma estratégia é um plano de longo prazo para alcançar um objetivo, enquanto tática é a ciência de organizar e gerir os detalhes do comportamento humano.

Estrategicamente, penso que um sistema educacional afrocêntrico pode criar a base para a mudança social que tanto vislumbramos para um futuro afrocentrado, o nosso primeiro objetivo. Para tal, podemos pensar em diversas táticas. Retorno a dizer que o lugar social que cada um de nós ocupa é relevante e necessário para a luta coletiva. Como corrobora Asante, o futuro afrocêntrico será construído sobre as fundações criadas pelos gigantes que existem em você. Seu conhecimento, sua condição, sua visão, pertencem a todos nós (Asante, 1980, p. 165).

Nesse sentido, trazemos esta pesquisa a partir de um lugar de professore e pesquisadore cujas táticas pensadas não pretendem ser a solução definitiva, mas sim um dos diversos caminhos para se chegar ao objetivo final. Caminho esse que busca valorizar o indivíduo, sua história singular, pois “o objetivo do afrocentrista é manter o africano dentro, e no centro de sua própria história” (Asante, 2009, p. 97).

Considerando a tomada de consciência e a valorização do lugar de individualidade como pontos de partida, buscamos trazer para os participantes da oficina reflexões a respeito deste lugar ocupado por cada ume. Como diz Asante (1980, p. 45), “é a soma de toda consciência individual que constitui a consciência coletiva.” Se nossa consciência racial está ferida, precisamos agir sobre ela de forma individual para então alcançar o coletivo.

Nesse sentido, o primeiro dia de encontro da oficina reuniu duas perguntas centrais ao qual os participantes foram convidados a explorar, foram elas **quem eu sou?** e **quando me descobri negro?**

Além de explorar o olhar positivo de si e a valorização da trajetória de cada ume, um dos objetivos do primeiro questionamento ‘quem eu sou’ buscou dar liberdade para respostas diversas para que pudéssemos analisar como se materializam os processos de transformação da consciência nas falas de cada ume.

Asante (1980) entende que há cinco níveis de consciência que levam a transformação,

O primeiro nível é chamado de **reconhecimento de pele**, que ocorre quando uma pessoa reconhece sua pele e/ou herança, porém não consegue compreender a realidade mais além. O segundo nível é o **reconhecimento do meio**. Nesse nível, a pessoa percebe como o meio define sua negritude através da discriminação e do abuso. O terceiro nível é a **consciência de personalidade**. Ocorre quando uma pessoa diz “eu gosto de música ou de dança”, e sem dúvida está falando com toda honestidade, mas isso não é Afrocentricidade. O quarto nível é a **preocupação/interesse**, onde a pessoa reconhece os três níveis e demonstra interesse e preocupação com os problemas negros e tenta lidar de maneira inteligente com os erros do povo africano. No entanto, aqui também falta afrocentricidade no sentido de que não se tornou um comprometimento com a base cultural afrocêntrica. **Consciência afrocêntrica**, o quinto nível consciente de

envolvimento na libertação de sua própria mente” (Asante, 1980, p. 41. Grifo nosso).

Entendo tais níveis como Processos de Transformação da Consciência que se inter cruzam e transformam a forma como a pessoa negra enxerga a si e o mundo em que vive. A começar pelo **reconhecimento da pele**, do próprio corpo, suas características fenotípicas marcadas por uma herança africana, seja na pele, cabelo ou traços físicos. Este processo colocado como primeiro nível de transformação pode ser confuso e desafiador para pessoas pardas, cujo tom da pele miscigenada carrega marcadores não facilmente identificáveis. Nesse sentido, considerar os demais processos que estão para além de características físicas, ajuda na compreensão da identidade racial.

O **reconhecimento do meio** nos alerta para a percepção social de onde nossos corpos estão inseridos e como a sociedade trata corpos semelhantes aos nossos. Em quais meios sociais pessoas como nós estão sendo representadas? Quais os contextos? Como a sociedade afirma nossa negritude através da discriminação e racismo, é um ponto importante para entendermos como nosso corpo negro é lido socialmente. Porém, entendo este processo de reconhecimento do meio para além de como a sociedade nos enxerga.

No contexto de reconhecimento racial, lançar um olhar crítico sobre nossa criação familiar, costumes, tradições, ensinamentos que passam de geração em geração, nos ajuda a perceber as nuances da negritude em nossas famílias, mesmo que o tema raça não seja discutido. Olhar atentamente para o contexto familiar pode nos ajudar a compreender aspectos da nossa própria negritude.

A **consciência da personalidade** traz a valorização de aspectos culturais de herança africana sobrepondo-se a cultura eurocêntrica que nos foi imposta. Nossa sociedade colonial tem como regra valores, crenças, expressões artísticas, espiritualidade e afins, advindo de um modelo eurocêntrico que se coloca como único e universal. A valorização da cultura negra impulsiona o sentimento de pertencimento à nossa comunidade.

No processo de **preocupação/interesse**, a pessoa negra naturalizou os processos anteriores, onde reconhecer-se como pessoa negra e afirmar sua personalidade não é mais uma questão problema a ser trabalhada. Preocupa-se com os problemas que afligem seu povo e se interessa em contribuir para saná-los, porém pode se sentir perdida e sem direcionamento sobre como fazer isso. Tem consciência do sofrimento, mas o que fazer para sair dele? O que muitas vezes pode ser confundido com soluções individuais para problemas do coletivo.

Já na **consciência afrocêntrica**, a pessoa negra está comprometida com a libertação intelectual de sua mente, podendo assim construir estratégias significativas de emancipação de seu povo. Aqui, não cabe individualismo, pois a consciência afrocêntrica entende que nós só seremos libertes verdadeiramente quando todos os irmãs estiverem livres de suas amarras.

Ao chamar o participante a refletir sobre o questionamento **quem eu sou**, que também tinha como intenção ser interpretado como uma apresentação ao grupo, lançamos um olhar afrocêntrico para suas respostas a fim de identificar os primeiros níveis de transformação da consciência. Ao passo que não conhecíamos quem poderia participar, o questionamento poderia trazer essa aproximação com os participantes, além de observar como eles se colocam no mundo.

Tendo explorado como se materializam nas falas de apresentação os primeiros níveis de transformação da consciência, trouxemos o questionamento “quando me descobri negro” a fim de instigar essa reflexão a níveis mais profundos. Se não apareceu raça na fala inicial, o participante foi convidado a mergulhar em seu íntimo e questionar a sua negritude, averiguar se em algum momento da vida houve essa percepção.

Ou seja, em que momento da trajetória a percepção de ser uma pessoa negra passou a fazer parte da vida que ele já levava? Uma vez adquirido as lentes da negritude, fixa-se nos óculos de leitura do mundo de maneira permanente. Nunca mais conseguimos esquecer que somos negres, pois isso é o princípio do que somos. Tudo ao nosso redor está relacionado a raça, quer queiramos ou não.

A Afrocentricidade enquanto teoria de mudança social nos leva a um caminho lado a lado com a crítica. Trata-se da “medida de nossa vida” (Asante, 1980, p. 45). Racializamos nossa vivência em todos os ambientes, sendo assim, o racismo fica cada vez mais escancarado. Esse olhar afrocêntrico é trazido para que a partir dele a análise seja feita.

O afrocentrismo não são os dados, mas a orientação para eles. É como abordamos os fenômenos. Por vezes os críticos afirmam que os afrocentristas não apresentaram dados sobre este ou aquele assunto. Ou apontam que eles carecem de informações sobre determinado tema. Nós, enquanto afrocentristas, respondemos que muitas vezes não são os dados que estão em questão, mas o modo como as pessoas os interpretam, como percebem aquilo com que se defrontam e como analisam os temas e valores africanos contidos nesses dados (Asante, 2009, p. 105).

Nesse sentido, a Afrocentricidade é trazida como referencial teórico e metodológico, onde, desde o planejamento do percurso metodológico dos encontros da oficina, o seu

desenvolvimento e a análise dos vídeos da mesma, invocamos um olhar afrocentrado na percepção dos fenômenos.

Por meio das três categorias analíticas: **Centralidade/marginalidade**, **Localização Psicológica, Social e Cultural** e **Agência**, a partir do qual a Afrocentricidade é sistematizada enquanto uma abordagem teórica, conseguimos refletir sobre o processo de encontro do povo negro com sua tradição, ancestralidade, história, origem e lugar. Tais categorias “permitem uma perspectiva que não trata de forma subalterna a história do povo negro” (Lima, 2020, p. 30).

Estas nos levam a um lugar de reflexão sobre onde estavam os negres em eventos históricos narrados hoje, por exemplo, pelos livros didáticos. Quais os papéis que pessoas negras ocupavam no período escravocrata para além do escravo? Hoje, sabemos que nomes como Luiz Gama, José do Patrocínio, João Cândido, Chico-Rei, entre outros, foram parte essencial para o fim do sistema escravista no Brasil, mas foram pessoas apagadas pela história contada pela branquitude intelectual.

Segundo Asante (1980, p.71), as categorias analíticas são “um esforço consciente para reparar qualquer dano psíquico, econômico, físico ou cultural feito ao povo negro”. É um esforço individual elaborado a partir da própria ótica sobre ser negro no mundo. Trata-se da possibilidade da tomada de consciência tendo acesso a uma experiência que ampara a retirada das lentes do branco podendo racializar o olhar.

A partir de Asante (1980; 2009; 2014), o autor Cledson de Lima entende as categorias analíticas da seguinte forma:

A categoria **centralidade/marginalidade** recomenda o autoconhecimento e autovalorização dos melhores interesses do povo negro à centralidade da sua própria história de vida e ao longo dela. A categoria **localização psicológica, social e cultural** propõe a percepção da autoconsciência a partir da psiquê de pessoas negras enquanto referências históricas e culturais. A categoria **agência** é a consolidação das duas perspectivas anteriores, que constituem a localização/conscientização das pessoas negras, as quais constroem mecanismos de apropriação afrocentrada, uma vez que ocorre a sustentabilidade nas condições de construção de consciência psicológica, cultural, educacional e social de oposição à hegemonia eurocêntrica e de reprodução da afrocentricidade, para si e para o próximo (Lima, 2020, p. 59).

Podemos encarar tais categorias analíticas como as ferramentas necessárias que nos amparam na retirada da lente do branco, ao qual nos coloca em um lugar que não centraliza nossas próprias experiências enquanto povo negro no mundo. Esse olhar embranquecido nos aprisionou às margens, confundindo nossa localização psicológica a ponto de não conseguirmos centralizar nossas próprias experiências.

Com a sistematização de tais categorias, a Afrocentricidade nos convida a esse esforço consciente a fim de que haja uma mudança real em nossas vidas, consequentemente, na vida em comunidade.

A proposta da oficina foi trazer a Afrocentricidade no decorrer dos encontros, diluída em contextos do dia a dia do professor negro, com ênfase na individualidade do Ser, discutindo de acordo com as experiências quais seriam os impactos de se racializar nosso olhar, enxergando os contextos com os óculos da Afrocentricidade.

O encontro com a Afrocentricidade enquanto inspiração genuína da vida passa pelo interesse em participar e contribuir com momentos onde se está discutindo sobre nossa raça sob a ótica do cuidado. Essa troca de saberes imersa em uma conexão com a ancestralidade negra nos permitiu discorrer sobre o tema com muito respeito e olhar aberto para o aprendizado.

Ao lançar a oficina cujo título foi “Afrocentricidade e Educação Matemática: construindo redes de apoio” uma das informações contidas no convite era a respeito do direcionamento do projeto: “Público Alvo: professorus e pesquisadorus negres (pretos e pardes)”. Havia também, uma observação a respeito da oficina ser *online*, gratuita e com certificado. A divulgação foi feita pelas redes sociais com um link que direcionava para o Google Forms onde haviam informações mais detalhadas sobre a oficina fazer parte da produção de dados dessa pesquisa, assim com informações do grupo de pesquisa e do pesquisadore.

Convite Para Oficina



Fonte: produção nossa

Apesar do direcionamento do convite, nos chamou a atenção a inscrição de pessoas autodeclaradas brancas.

Desde o formulário de inscrição, trouxemos o questionamento a respeito de como a pessoa se autodeclara, usando como critério a categoria de cor/raça do IBGE, onde estabelece as opções Preto, Branco, Pardo, Amarelo e Indígena. Marcado como resposta obrigatória para o envio do formulário, as autodeclarações foram:

Tabela 1 - autodeclaração de cor/raça dos inscrites

Pardo	4 pessoas
Branco	2 pessoas

A Afrocentricidade nos dá o aporte teórico para analisarmos a inserção de pessoas brancas em ambientes pensados para a comunidade negra. Além da inscrição de pessoas autodeclaradas brancas em um espaço nitidamente para pessoas negras, nos deparamos também com uma pessoa que se autodeclarou parda no formulário de inscrição, mas na hora dos debates com o grupo, se denominou branca.

O lugar do meio termo ocupado por uma pessoa parda pode ser fator desencadeante para diversas situações de opressão. A passividade ao qual tal corpo experimenta pode ser de benefício de nosso povo como também um obstáculo no acesso a direitos destinados a pessoas negras em vulnerabilidade.

Vamos guardar essas informações para discutirmos mais adiante. De início, vale destacar que a inserção de espaços destinados a pessoas negras é algo muito criticado pela branquitude, a mesma que tenta nos silenciar e sempre que possível, se aproveitar de nossas produções intelectuais.

1.1. Quem eu sou?

Um dos recursos ancestrais valorizados na pesquisa é a oralidade, a forma como nosso povo obtém conhecimentos compartilhados verbalmente pelas histórias contadas de geração

em geração, nos impulsiona a utilizar deste recurso valioso para entendermos os atravessamentos da vida dos participantes a partir de sua própria ótica.

Paralelo a isso, enfatizamos a importância da escuta atenta do outro, de modo que pudéssemos nos colocar neste lugar a fim de acolher outras falas com amor, respeito e consideração. A escuta atenta passa pela sabedoria de entender os limites de uma conversa e o cuidado para não despertar gatilhos que possam causar algum dano emocional para os participantes.

No primeiro encontro, abrimos espaço para o EU de forma a cuidar com carinho dos afetamentos que geram o encontro com esse interior. Buscamos impulsionar esse encontro através de reflexões e problematizações de forma a voltarmos um olhar crítico sobre nós mesmos, no sentido de: quem eu tenho sido? Como cheguei até aqui? O que de fato me afeta? Quais as minhas preocupações mais inerentes? Por meio de uma volta ao passado, podemos refletir o presente de maneira a nos deparar com uma socialização que nos fez ser quem somos.

A percepção do mundo, o entendimento das relações humanas, sociais e culturais, passam por uma lente individual a partir do qual enxergamos a realidade, como se cada ser humano tivesse um óculos permanente, e nele, diversas lentes que nos permite entender o mundo a partir de um lugar de singularidade.

A forma como nos apresentamos ao mundo externaliza a percepção de nós mesmas, e traduz ao outro nossas lentes, permitindo que o outro entenda nosso lugar de fala. Para o desenvolvimento dos encontros, julgamos necessário o entendimento deste lugar, a fim de podermos olhar com carinho e respeito para as falas de cada uma.

Nossa proposta com o questionamento “quem eu sou?” buscou explorar, dentro das possibilidades, como cada um se enxergava e se colocava no mundo, com quais óculos essa pessoa enxerga? Quais ela se sente confortável para externalizar? Como devo olhar para suas colocações a partir do entendimento de seu lugar de fala?

Com cada fala a respeito de si, buscamos valorizar esse lugar de singularidade, enfatizando a importância de cada indivíduo na luta coletiva do povo negro. Cada lugar social ocupado hoje, advindo de uma trajetória enquanto pessoa negra no mundo, é relevante para a comunidade negra. A Afrocentricidade nos impulsiona a repensar nossa proposta de vida, atribuindo valor à ancestralidade negra, ao presente do nosso povo no mundo, e vislumbrar um futuro onde todos tenham real qualidade de vida.

No fazer surgir afetamentos, buscaremos refletir sobre eles a luz da Afrocentricidade, percebendo, por intermédio das falas, qual sua imagem de si, como a pessoa se enxerga, na marginalidade ou centralidade da raça, como se localiza social, cultural e psicologicamente.

A consciência afrocêntrica é o ponto de chegada de um caminho considerado por Asante (1980) como nível, aqui entendemos como Processos de Transformação da Consciência. Cada pessoa vive seu processo de identificação à sua maneira. Ao refletir sobre as apresentações dos participantes, buscamos analisar, sobretudo, os marcadores sociais presentes nas falas, em particular, sobre raça e cor de pele. Nos depoimentos, encontramos angústia, dúvida e questionamentos a respeito da própria raça, sobretudo, nas pessoas que se identificam como pardas.

Para tanto, busquei perceber os marcadores sociais que atravessam as falas das participantes de modo a considerá-los ao investigar como se materializam os **processos de transformação de consciência** nos níveis de **reconhecimento de pele, reconhecimento do meio e reconhecimento da personalidade**, ao contar sobre quem é, de onde vem, principais características que cada uma define como prioridade.

Sendo estes os primeiros níveis definidos por Asante (1980), busquei uma interpretação acerca das falas que permita considerar a localização psicológica do sujeito a respeito da raça. Quando se trata de **reconhecimento de pele**, falamos da percepção crítica do próprio tom de pele, o que leva a **reconhecer o meio** em que se está inserido, e como sua pele é fator condicionante em situações específicas.

Entender a raça de forma positiva e ter **consciência da personalidade** negra abre espaço para experiências antes não valorizadas. Podemos citar inúmeros exemplos, como a aceitação do cabelo naturalmente negro, aceitação de fenótipos sem a necessidade de modificações estéticas, ou até mesmo a afinidade com a cultura negra ao consumir um estilo.

Para a primeira tarefa do encontro, as participantes foram convidadas a voltar à infância, à época escolar, em sua socialização enquanto sujeitos, refletida pela família, escola, meio social, questionando-se: o que refletiu nessa socialização? Classe social, raça, gênero, sexualidade, localização geográfica, religiosidade, diagnóstico, etc.

Ao invocar a oralidade para o cumprimento desta tarefa, exaltamos sua importância na trajetória do povo negro até aqui. Na medida que trazemos à tona memórias de uma vida, elementos essenciais sobre nós vão surgindo na apresentação. U participante é levada a entender o protagonismo da sua história contada a partir da própria ótica, podendo assim, elaborar uma percepção positiva de si.

Para o desenvolvimento da tarefa proposta, foi pedido que gravassem um áudio e enviasse via grupo do *whatsapp* onde responderam o questionamento “quem eu sou?”. Responder em áudio nos ajuda a externalizar o pensamento, nos ouvir e pôr em prática essa oralidade que se faz tão importante na vivência afrocêntrica.

Neste capítulo, descreveremos as dinâmicas e diálogos referentes ao primeiro dia de encontro, que ocorreu no dia 01/08/2022, segunda-feira, de 19h30 às 21h30, houve a participação de 5 pessoas: Camélia, Girassol, Margarida, Orquídea e Tulipa.

Ao ouvir os depoimentos, pude perceber como o falar sobre si repercutiu de forma positiva nas participantes, apesar de todas relatarem ter sido uma tarefa difícil, o exercício proporcionou recordar suas trajetórias de maneira grata e com olhar positivo sobre si, ao mesmo tempo que puderam colocar em prática a escuta atenta do outro com a observação dos relatos.

Busquei olhar para suas falas com uma visão de curiosidade, pautado na intencionalidade da proposta da atividade. Deste modo, cada colocação e nomes atribuídos tornaram-se relevantes para a análise. O olhar analítico voltou-se para a percepção de como a participante se apresenta ao mundo, a partir do entendimento a respeito dos processos que o indivíduo perpassa ao alcançar a Consciência Afrocêntrica.

Ao falar de si, questões raciais foram pontuadas? Em um grupo de pessoas que não lhe conhece, faz-se necessário a colocação de sua raça como parte essencial de quem é você? Em que momento se faz necessário o posicionamento racial como parte integrante na ocupação do espaço em que está inserido?

Na escuta dos áudios enviados respondendo a questão “quem eu sou?”, das 5 respostas, apenas uma pessoa inseriu de forma explícita em sua fala sua negritude, onde a participante Camélia diz ser “parda, de cabelo cacheado, filha de uma mulher negra retinta”.

Neste caso, é possível notar na fala da participante o processo de reconhecimento de pele sendo exposto, onde ela traz sua cor de pele e sua origem, sendo herdada da mãe negra retinta. A própria fala sobre a mãe nos ajuda a perceber como a participante se localiza em relação a raça, tendo a percepção de que sua origem racial é negra e abordando isso com segurança em sua apresentação. Notamos também a valorização dos fenótipos negros sendo destacados em sua fala quando afirma ser “parda de cabelo cacheado”, o que nos remete ao processo de reconhecimento de pele, pois a mesma exalta seus traços físicos fenotipicamente negros.

Em outro caso, mesmo não tendo falado sobre raça, Tulipa traz a afirmação da negritude por intermédio do meio social, relatando ter sofrido episódios de racismo na

infância como “cabelo de bombril”, ofensa proferida a pessoas negras que tem seus cabelos crespos.

Tulipa não traz em seu áudio descrições sobre seu tom de pele ou mesmo sobre sua hereditariedade, mas podemos perceber a negritude afirmada por meio de repressões sofridas por ela na infância. O processo de **reconhecimento do meio** nos permite analisar como o meio social afirma a negritude sem que isso precise ser algo que passe pelo reconhecimento de pele. O meio externo afirma a sua negritude colocando-a como diferente, como passível de agressões por carregar fenótipos negros.

As demais participantes não falaram a respeito de raça ou cor de pele. O não surgimento de questões raciais na apresentação inicial também se fez relevante para nossa análise.

O posicionamento racial funciona de formas diferentes para diferentes tons de pele. Uma pessoa visivelmente branca sabe que o é. Uma pessoa visivelmente preta, sabe que o é. Agora, o limbo entre preto e branco, a pessoa que não sabe onde se encaixa, ocupa o lugar social do meio termo, onde a depender do ambiente social será lida como branca e em outros ambientes, como negra. O olhar do outro, que ocupa tais ambientes sociais, vai validar ou desqualificar a negritude da pessoa parda.

No decorrer das conversas neste primeiro dia, o fator mais marcante foi o posicionamento racial perdido, onde as participantes traziam a dúvida a respeito de como poderiam se posicionar a respeito de sua raça. As participantes que se autodeclararam pardas e a participante que se identificou como parda no formulário de inscrição, porém se colocou como branca durante as discussões, relataram ter dificuldade em se posicionar como pessoas negras.

O limbo racial ocorre quando a pessoa está deslocada do centro, sendo exposta a uma situação de invisibilidade e há grande ausência de sentimento de luta coletiva, por não se sentir de fato pertencente a um grupo étnico racial, podendo, também, abrir espaço para a passividade.

No caminhar da trajetória de pesquisa, inúmeras pessoas pardas relataram passar pela mesma dificuldade em saber seu lugar racial. É o processo de **reconhecimento de pele** que muitas vezes se torna confuso. Onde estaria, então, a centralidade da raça?

No processo de reconhecimento de pele ao qual traz a teoria de Asante (1980), a pessoa entende, de fato, que sua pele é negra. Neste caso, não é apenas a cor da pele como fator superficial, mas a pele como o primeiro marcador social do sujeito e toda a carga histórica que ela traz.

Este primeiro processo de transformação da consciência pode ser o mais óbvio como também o mais confuso dentro da comunidade negra brasileira. Isso porque o processo de miscigenação forçada retirou da comunidade negra seu senso de pertencimento de inúmeras formas, e uma das mais violentas foi o branqueamento de nossa pele.

Asante, o sistematizador da Afrocentricidade, entende que nós, povo negro, somos africanes vivendo na diáspora, filhos do mesmo centro ancestral. Ao elaborar a Afrocentricidade como teoria de mudança social teve como bases o Nacionalismo negro de Marcus Garvey, Origem da raça humana de Cheik Anta Diop, Renascimento Cultural Negro - Kawaïda, de Karenga e Conceitos Políticos sobre Negritude, de Césaire.

Sendo Asante um autor da diáspora, sua teoria busca incluir todos os africanos dentro e fora do continente africano. Ao evocarmos a Afrocentricidade para a análise dos fenômenos ocorridos no nosso contexto brasileiro, vale destacar que uma leitura particular deve ser feita, pois o processo de colonização, escravização, emancipação e toda a vivência pós-colonial foi distinto do cenário americano, localização geográfica do autor.

Em nosso contexto geográfico não tivemos que lidar com o Apartheid, a segregação da raça negra do restante da população. Em vez disso, criou-se uma falsa afirmação de que por aqui, os negros libertos foram aceites e incluídos na sociedade brasileira. Esse processo legal distinto de outros países, como os Estados Unidos, trouxe uma brasilidade única para o racismo praticado nesse território.

Nesse sentido, entendemos que o primeiro processo de transformação da consciência definido por Asante (1980) como reconhecimento de pele, para nós no contexto brasileiro, requer um olhar atento para os negros de pele clara, pessoas denominadas pardas cujo grupo étnico é o maior em número no Brasil, mas que dentro do próprio grupo, sofre ramificações delicadas e confusões a respeito da natureza da própria raça.

Os movimentos negros ainda não conseguiram mobilizar todas as suas bases populares e incutir-lhes o sentimento de uma identidade coletiva, sem a qual não haverá uma verdadeira consciência de luta. A grande explicação para essa dificuldade que os movimentos negros encontram e terão de encontrar talvez por muito tempo não está na sua incapacidade de natureza discursiva, organizacional ou outra. Está sim nos fundamentos da ideologia racial elaborada a partir do fim do século XIX a meados do século XX pela elite brasileira. Essa ideologia, caracterizada entre outros pelo ideário do branqueamento, roubou dos movimentos negro o ditado “a união faz a força” ao dividir negros e mestiços e ao alienar o processo de identidade de ambos (Munanga, 1999, p. 15).

No começo do século XX deu-se início o projeto eugenista, que previa a eliminação da raça negra do país por meio da miscigenação. A intenção era que, com os imigrantes

branques se misturando com os negres, tivessem filhos mulates, e esses mulates tendo filhos com branques, o filho nascesse branco, eliminando em até 3 gerações a raça negra do país.

A elite brasileira, preocupada com a construção de uma unidade nacional, de uma identidade nacional, via esta ameaçada pela pluralidade étnico-racial. A mestiçagem era para ela uma ponte para o destino final: o branqueamento do povo brasileiro. Mas entre o modelo, a estratégia política montada e a realidade empírica, existe uma certa margem, que não pode ser negligenciada nas considerações sócio-antropológicas da realidade racial brasileira. Sem dúvida a infusão do sangue “branco”, pelo intenso processo migratório de origem ocidental por um lado, e as baixas nas taxas de fecundidade e de natalidade no meio da população negra acompanhadas de altas taxas de mortalidade, por outro lado, ajudaram na diminuição sensível da população negra. Sem dúvida, o processo de mestiçamento no Brasil foi talvez o mais alto e intenso do continente americano nos últimos cinco séculos de nossa história (Munanga, 1999, p. 11).

O projeto de miscigenação e a constante lembrança sutil (ou não) do projeto eugenista que teve e permanece a ter como foco o apagamento dos negres no Brasil, sequestrando identidades negras, jogando-as no limbo racial do não lugar e não pertencimento, impede que o parde tenha sua cor associada à raça negra de forma positiva, muitas vezes, o afastando da negritude.

Houve no Brasil um projeto claro de apagamento de identidades negras, tanto no sentido físico de matar e deixar morrer nossos corpos, quanto no sentido psicológico atuando em diversas camadas para nos retirar a negritude. Fomos silenciados em muitos aspectos, nossos ancestrais que fizeram história ao lutar pela abolição foram apagados da memória coletiva por um plano. O debate racial foi silenciado por um plano.

Plano esse que até os dias de hoje reflete marcas profundas em nosso povo Brasil afora. A falta de letramento racial é uma realidade marcante em muitas pessoas negras, tanto pretas quanto pardas, o que nos deixa em uma posição de atraso ao pensar na união de um povo para um ideal comum. Sobre isso, diversos movimentos negros da atualidade tem se mobilizado a fim de mudar tal realidade cruel herdada da colonização.

No que diz respeito aos movimentos negros contemporâneos, eles tentam construir uma identidade a partir das peculiaridades do seu grupo: seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupo estigmatizado, racializado e excluído das posições de comando da sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membro de grupo étnico-racial que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada. Essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente (Munanga, 1999, p. 14).

A recuperação dessa identidade negra passa pela percepção que a negritude está para além da pele. Nesse primeiro dia de discussão na oficina muitas considerações a respeito da própria aceitação em relação à raça foram pontuadas, sobretudo pelas participantes autodeclaradas pardas.

A **centralidade/marginalidade** do sujeito em relação a sua raça é entendida por Asante (1980) como uma das categorias analíticas necessárias para o entendimento da situação opressora. As pressões sociais empurram o sujeito negro para a marginalidade social como também para a marginalidade da própria história, retirando o direito de uma conexão real e positiva com a sua raça.

A categoria analítica **centralidade/marginalidade** “correspondem respectivamente ao momento quando o povo negro é sujeito de sua própria história a partir de suas necessidades e ao momento quando outros falam, pensam e decidem pelo povo negro” (Lima, 2020, p. 20). Este caminho da margem ao centro também se trata de um esforço consciente para a retirada das lentes do branco. Nos leva a uma percepção crítica a respeito de como temos nos localizado social, cultural e psicologicamente.

Esse caminho trilhado ao sair da margem das próprias experiências e centralizar a raça em todos os aspectos da vida, é um reflexo do reconhecimento de pele, reconhecimento do meio e consciência da personalidade, os primeiros níveis de transformação da consciência, ao qual buscamos explorar com o questionamento “quem eu sou?”

O afastamento do centro racial reforçado pelo branqueamento de nossa pele, intensifica a experiência de inúmeras pessoas pardas à margem de sua raça. Ao se tratar de pessoas pardas, o racismo pode apresentar-se de forma mais velada, onde a pessoa pode não entender muito bem, ou não relaciona situações de opressão com sua raça, pois sua pele ainda não é um marcador de maior relevância, ou seja, ainda não houve o processo de reconhecimento da pele. A pessoa parda pode sofrer preterimento, não ser escolhida para vagas de emprego, ser mal atendida ou vigiada em lojas, sofrer violência policial e diversos outros exemplos de como o racismo, ora sutil, pode induzir o imaginário, fazendo com que normalize certas situações de opressão sem enxergar a violência.

A miscigenação incentivada pelo projeto eugenista, juntamente com o mito da democracia racial foi roubando, ao longo do tempo, a importância de os negros se reconhecerem enquanto pertencentes a um grupo étnico numeroso e potencialmente capaz de mudar as estruturas sociais que os empurram para as margens da sociedade, tanto em termos de quantidade de pessoas quanto em desejos compartilhados para o fim do racismo.

Descobrir-se negro não garante a consciência afrocêntrica. Sabemos que a consciência racial existe em diferentes níveis e, para o sujeito pardo, começa-se na pele e no entendimento de que a localização psicológica é fator condicionante para a afirmação da negritude de forma positiva.

Independente de nossas várias aparências físicas e níveis de consciência, nós somos um povo africano por virtude de compromissos, histórias e convicções. Desta forma, a Afrocentricidade apenas superficialmente está relacionada com a cor da pele, é mais precisamente um olhar filosófico determinado pela história (Asante, 1980, p. 25).

A afrocentricidade não pede para que todos que a conheçam se tornem afrocêntricos, que todos os pardos identifiquem-se enquanto pessoa negra, mas nos auxilia no entendimento a respeito da raça, para que a pessoa pense sobre como tem se localizado, se na margem ou no centro da própria raça.

1.2. Quando me descobri negro?

Novamente, trazemos o título da sessão referente à pergunta disparadora. Neste questionamento, buscamos maior aprofundamento em questões raciais que podem ter passado sem resposta em um primeiro momento. Saliento que o planejamento da oficina, o percurso metodológico que traz as categorias analíticas e o processo de transformação da consciência foi elaborado antes da oficina ser divulgada, nesse sentido, a participação de pessoas autodeclaradas brancas não fazia parte do planejamento, visto que divulgamos o convite com o direcionamento para pessoas negras - ou seja, pretas ou pardas.

Nascemos negres e vamos morrer negres, isso é um fato para todos os indivíduos biologicamente negres, porém a negritude a qual nos referimos é algo mais subjetivo. Como se dá essa percepção é particular. Com o questionamento “quando me descobri negro?” buscamos uma reflexão no sentido de, em que momento, o fato de ser negro passou a fazer parte da vida que as participantes já levavam?

O questionamento feito neste primeiro encontro sobre “quando me descobri negro?” nos permite acessar as experiências das participantes em relação ao seu reconhecimento enquanto pessoa negra, que ao carregar a pele clara pode ter sido distorcido no decorrer da vida.

Aqui, vale ressaltar a importância de se considerar os demais níveis de consciência afrocêntrica, pois a Afrocentricidade diz mais sobre a localização do que o tom de pele. Se o

indivíduo não se sente seguro ao afirmar-se negro devido ao seu tom de pele, mas há uma localização psicológica, social e cultural dentro da comunidade negra, seus interesses estão na comunidade negra, sofre racismo velado ou não, a dinâmica de sua vida está fortemente atrelada à comunidade negra, e quando tal reconhecimento quebra a barreira do não lugar, torna-se possível acessar plenamente a consciência afrocêntrica.

Como foi essa percepção, se já houve esse embate interno com o mundo externo de se perceber uma pessoa negra nesse mundo, além do fato de sua pele não ser branca como o padrão social pede. Buscamos perceber como as pessoas pardas reagiriam a essa pergunta, de modo a analisar sua localização psicológica diante deste questionamento.

Essa tarefa teve a mesma proposta de ser respondida por áudio do whatsapp, porém ficou para ser enviada durante a semana e nenhuma participante enviou a resposta. Ao serem questionadas no encontro seguinte, as participantes relataram terem tido dificuldade com a pergunta.

No desenrolar do primeiro dia de encontro, os atravessamentos giraram em torno dos primeiros níveis de transformação para a consciência afrocêntrica. Nos debates podemos perceber o ponto inicial fortemente confundido pela miscigenação.

Esta tarefa refletiu o desconforto em abordar o assunto da própria negritude. As participantes que se declararam pardas trouxeram em suas falas a insegurança em, ainda nos dias de hoje com todo acesso à informação, se colocarem como pessoas negras.

O silêncio reflete a falta de letramento racial dentro do nosso grupo étnico. A dificuldade em debater sobre raça ainda é muito marcada pelo medo da incompreensão, pelo silenciamento que sofremos durante toda a vida, desde nossos ancestrais. O silêncio que muitas vezes foi preciso ser invocado pela vergonha de um episódio de racismo, ou para não piorar uma situação já desagradável.

Para nós, no contexto brasileiro, a Afrocentricidade ainda precisa vencer a barreira da miscigenação. A maioria do país é negra, 47% das pessoas são pardas (IBGE, 2022), e muitos ainda esbarram nessa zona conflituosa do não lugar.

A afirmação positiva de si precisa vir acompanhada de uma afirmação positiva da negritude, e essa é uma tarefa individual. O reconhecimento de si enquanto uma pessoa negra faz parte da emancipação intelectual ao qual tanto falamos.

Limpar a mente do brilho do branco tão entranhado que nos faz duvidar se realmente queremos ser negres, se podemos ser negres, se gostamos de coisas de negro. Frantz Fanon em seu brilhante livro “Pele negra máscaras brancas” aborda como tamanhos processos de

invisibilidade do negro o fez internalizar querer ser branco, conforme corrobora Munanga (1999),

A maior parte das populações afro-brasileiras vive hoje nessa zona vaga e flutuante. O sonho de realizar um dia o “passing” que neles habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indisfarçáveis. Estes, por sua vez, interiorizam os preconceitos negativos contra eles forjados e projetam sua salvação na assimilação dos valores culturais do mundo branco dominante. Daí a alienação que dificulta a formação do sentimento de solidariedade necessário em qualquer processo de identificação e de identidade coletiva. Tanto os mulatos quanto os chamados negros “puros” caíram na armadilha de um branqueamento ao qual não terão todos acesso abrindo mão da formação de sua identidade de “excluídos” (Munanga, 1999, pg 88).

Concluímos o primeiro dia de encontro experienciando como a miscigenação ainda é tão atuante nas mentes das pessoas negras. Tal projeto foi tão bem articulado que nos impede até os dias de hoje de nos reconhecer enquanto negres, nos afastando uns dos outros enquanto família étnica que somos.

Portanto, voltamos à nossa hipótese inicial de que primeiro precisamos trabalhar a Afrocentricidade em nós mesmos, nos libertar, aos poucos, das amarras da colonização, para enfim trabalharmos juntas com mais e mais pessoas afrocentradas. Como afirma Asante (1980),

Deem-nos 250.000 pessoas Afrocêtricas conscientes e determinadas, e uma revolução acontecerá em nossas atitudes e comportamentos. A força inspiradora de todas as relações deve exercer-se no sentido de tornar outras pessoas Afrocêtricas. Desta forma, não é só termos 250.000 pessoas conscientes e disponíveis que é importante, mas a possibilidade de trazer mais 250.000 consigo (Asante, 1980, p. 85).

Tal colocação nos ajuda a refletir sobre o impacto positivo de uma professora afrocentrada na vida de cada alune que ela encontrar. A ênfase em reconstruir-se enquanto pessoa negra e trazer esse olhar afrocentrado para a vida é, também, pela nova geração.

Não há mudança coletiva sem mudança individual. A construção de uma identidade política que possa vislumbrar uma mudança social a partir da própria ótica, é de suma importância para criarmos uma luta coletiva em favor da libertação real do povo negro na diáspora. No nosso lugar de alcance enquanto professoras e pesquisadoras nos remete a libertação intelectual para a quebra de amarras epistemológicas impostas pelo colonialismo.

Buscamos relevância na autonomia intelectual individual para, em coletivo, impulsionar a autonomia intelectual de muitas outras. Nesse sentido, enfatizo o olhar atento

para a potência do indivíduo na luta coletiva, em especial u professore, por exercer uma profissão com muita influência no cotidiano de muitas pessoas.

1.3. Uma conversa com uma mina branca⁶

Ao elaborar o planejamento da oficina, pensamos em encontros acolhedores para professorus e pesquisadorus negres, de modo que pudéssemos de fato criar uma rede de apoio para acolher e ser acolhido ao lidar com questões raciais muitas vezes delicadas. Como já pontuado, houve inscrições de pessoas autodeclaradas brancas, essas, foram muito bem vindas para compor o debate.

Em algumas tarefas previamente elaboradas como perguntas disparadoras, não cabia a pessoas autodeclaradas brancas uma resposta, entretanto, nos alegrou o fato de essas professoras terem o interesse na temática proposta e relatarem estarem dispostas a aprender para se aproximarem mais de alunes negres.

Entretanto, um olhar afrocentrado para a interpretação dos fenômenos não deixa escapar algumas falas comuns na sociedade brasileira. Vimos percorrendo ao longo do capítulo como o processo de Democracia Racial incubiu no imaginário coletivo falsas verdades, muitas vezes naturalizadas sem um olhar crítico do que se acha que pensa.

Bom, se fomos todes condicionades a acreditar numa democracia racial onde todes, independente da cor de pele, têm os mesmo direitos, oportunidades e escolhas, não podemos atribuir falas problemáticas à opinião pessoal.

Por uma necessidade política pensada para limpar a imagem do Brasil diante dos grandes centros de poder do mundo, o plano muito bem elaborado pela elite dominante da época foi se desenrolando estrategicamente articulado para assegurar que o comando do país continuasse nas mãos da mesma elite branca.

De acordo com o historiador Thiago André (2021), nos anos que antecederam a abolição da escravidão, o Brasil vinha sofrendo forte pressão externa para tal. Em novembro de 1831 foi promulgada a lei que proibia o tráfico de pessoas no Atlântico com destino ao Brasil, porém, não foi bem assim na prática. Essa e outras leis foram sendo burladas durante décadas pelos senhores e mercadores de escravus.

Com o número excessivo de escravizades e grandes revoltas e levantes acontecendo no Brasil, como a revolta dos malês, na Bahia, liderada por negres muçulmanes de origem

⁶ Djonga - conversa com uma mina branca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KYDEJlhLT38>

nagô, a elite tinha medo que seus vários escravizados se juntassem contra elus e dominassem o país, como ocorreu em São Domingos, quando a república foi tomada por negres escravizados e livres, mataram todos os brancos, queimaram engenhos e fundaram a primeira república governada por ex-escravizados, o Haiti.

Somando o medo das revoltas com a pressão externa para o fim da escravidão, os escravocratas desejavam que a abolição fosse lenta e gradual, a fim de torná-la mais amigável. Com o fim do sistema escravista, os negros só foram libertos. Nenhuma política de integração à sociedade foi proposta pelo governo. Abandonados à própria sorte, o corpo do ex-escravizado continuava marcado pela indiferença e pela repulsa, não precisavam de antecedentes, pois a cor da pele já era o marcador social evidente.

Nesse mesmo período, este país que negou qualquer tipo de auxílio para o negro estimulava a entrada de imigrantes brancos para o trabalho, com a proposta de terras e até quantias em dinheiro por anos, para a família se estabilizar. Essa grande proeza dos políticos brasileiros não tem haver com o quanto eles são bonzinhos. Tudo fez parte do projeto eugenista, com a intenção explícita de exterminar a raça negra do Brasil.

Além disso, “o fim do sistema escravista, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então não crucial: a construção de uma nação e de uma identidade nacional” (Munanga, 1999, p. 25). Ainda pairava no ar o medo de uma vingança do povo negro, agora livre.

Nesse sentido, a elite do país se reunia para pensar em ideias que poderiam integrar essas pessoas na sociedade, mesmo sem de fato haver uma integração. A democracia racial surge como uma ideia de união dos povos que aqui viviam, além de passar uma imagem de um país sem racismo que havia acolhido o negro na sociedade, para as potências econômicas da época.

A falsa democracia racial trazia consigo algumas sutilezas, muito bem empregadas que insistem em acompanhar o imaginário social até os dias atuais. Segundo Munanga (1999, p. 40), “a ampla mestiçagem contribui muito na evolução das atitudes raciais no Brasil”, ainda afirma que,

O mito de democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de

suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria.

Essa falsa ideia de convivência harmoniosa, de que estamos todos unidos por um ideal comum de nação, vem se arrastando até os dias de hoje, criando barreiras na construção de uma luta coletiva em prol da raça, a favor da continuidade de privilégios branco que firmam em lugares sociais negres e brancos.

Há, no mínimo, 400 anos de exploração, objetificação e desumanização que nos separa dos descendentes europeus no Brasil. Não podemos cair no esquecimento de todas as explorações de nossos corpos para o enriquecimento de outros.

Mas, ainda assim, esbarramos em ideais que insistem em menosprezar a luta do povo negro por uma união enquanto família étnica. Ora, porque será que causa tanto pavor a união de mais da metade do país em torno de um ideal comum? O vislumbre da perda dos privilégios brancos, talvez?

Os brancos têm sido os únicos a ditar o sentido do Cristianismo, da Justiça, da Beleza, da Cultura, da Civilização, da Democracia, desde os inícios da colonização do país até os dias presentes. Atualmente, a população do Brasil excede a cifra de 120 milhões de habitantes. Destes, mais de 70% são negros, isto é, afro-brasileiros, tanto os escuros como os de pele clara. Sob o critério que estou assumindo, o Brasil é o segundo maior país negro do mundo. Entretanto, só potencialmente, em sentido puramente abstrato, esses negros destituídos de tudo constituem uma ameaça para o sistema, que soube mantê-los subjugados em semiescravidão física e espiritual (Nascimento, 2019, p. 94).

É possível perceber em diversos ambientes o descontentamento da branquitude ao lidar com a união dos negres enquanto família étnica. Abordaremos um exemplo de uma fala isolada, mas que reflete o posicionamento da branquitude ao deparar-se com a possibilidade de uma inversão de papéis.

Destacamos a transcrição de algumas falas⁷ a fim de observarmos a dinâmica dos posicionamentos de participantes autodeclaradas brancas ao discorrer sobre racismo, tratando-se ainda das participantes já mencionadas no começo do capítulo.

Margarida: *“Meu pai me colocava pra dormir e ia assistir Chica da Silva na Manchete e eu ficava assistindo pela frestinha na madeira, e eu admirava demais a Chica, porque eu achava ela uma mulher assim... como que uma negra conseguia ter todo aquele... aquelas pessoas em volta dela, é... conseguia mandar e desmandar daquele jeito...”*

⁷Optei por usar fonte em itálico para destacar as falas das participantes no corpo do texto.

"Eu tenho até medo de falar, não sei qual é o termo que está usando agora, pra mim todos são belos..."

Girassol: *"Em relação a fala da colega que ela fala que a gente precisa sentir os africanos, a cultura dos africanos no Brasil, eu acho que não é sentir, ela é nossa, não tem essa separação africano, indígena, é nossa. Isso faz parte. O que nós precisamos eu acho enquanto brasileiros é entender isso, nós temos todos esses DNAs no nosso sangue, tanto europeu, como indígena, como africano, nós precisamos criar, quando eu digo criar não... é realmente abraçar essa identidade nossa e deixar de tentar ver "ah porque é africano, porque é indígena, porque é europeu..." eu sei que tem essa distinção e é gritante, mas o brasileiro, ele precisa abraçar a sua identidade que é essa mistura, e nós somos tudo isso, nós somos negros, somos indígenas, somos europeus, mas a questão do europeu eu vou pontuar que é a cultura única né, a correta quando a gente fala do europeu [...] o Brasil eu sinto essa falta de identidade, porque a gente tem várias identidades, sobressai a européia né ou a norte americana... eu acho que a gente ter nossa própria identidade, nossa própria luta de quintal, então essa é a minha dor, essa vai ser a minha luta."*

Margarida pediu a fala para comentar um episódio que aconteceu com a turma dela no Ensino Médio, em um evento na escola onde as turmas competiam entre si:

Margarida: *"na minha turma tinha um menino preto, e ele era, assim... uma pessoa normal, um menino preto, nada de especial [...] A nossa turma resolveu fazer um teatro no qual ia passando pela história da humanidade, a descoberta do fogo, da roda [...] quando a gente fez a crucificação de Jesus Cristo o menino preto era o Jesus Cristo, ele foi escolhido pela turma para fazer o papel de Jesus... nós fomos desclassificados, os professores ficaram indignados porque nós tínhamos feito a representação de Jesus Cristo com um aluno negro. Foi revoltante, foi a turma inteira brigar na direção pelo motivo da desclassificação que foi um absurdo, o menino queria sair da escola, foi traumático essa experiência."*

Para comentar a fala da colega, Orquídea pede a fala:

Orquídea: *"Então, nesse momento a gente pode fazer uma relação da fala da Girassol com a fala da Margarida, de quando Girassol pensa né, em ter uma identidade brasileira. Realmente a gente gostaria de ter essa identidade brasileira em que todos fossem*

respeitados da mesma forma. Mas aí quando a gente ouve esse relato da Margarida a gente percebe que não tem que ter identidade brasileira, cada um tem a sua identidade, cada um tem o seu ser, o seu eu, essa é a diversidade que nós vivemos. E aí é numa situação dessa que a Margarida está relatando que a gente tem que trazer o que é que o negro sofre no Brasil, que o europeu não iria sofrer essa situação, então nesse momento que a gente tem que fortalecer e dizer que a identidade do negro é... a pele dele é preta e por causa disso ele foi desclassificado num papel que foi construído, que a sociedade construiu de um Jesus branco dos olhos azuis, que a gente sabe que não é, a ciência já está provando que não existe isso daí, então nesse momento, Girassol, a gente não consegue avançar nessa identidade única né, a gente se sente impotente, porque daí como é que a gente vai defender esse garoto? Nesse momento, dizer que ele é o que? A cor de pele dele é diferente da nossa e por isso ele sofreu o que ele sofreu, infelizmente.”

Invocamos um olhar afrocentrado na percepção de elementos importantes nessas falas. A participante Margarida, mulher autodeclarada branca, por volta de 41 anos de idade, ficou muito impressionada com o fato de uma mulher negra ter atenção e prestígio em um programa na TV aberta. A mesma mulher branca marcada na adolescência por um episódio de racismo sofrido por um colega de turma negro descrito por ela como “um garoto normal”.

A participante, marcada por um episódio descrito por ela como traumático, hoje professora, se coloca em um lugar de escuta e aprendizado. Durante o encontro, afirma interesse em participar da oficina para que possa aprender mais e se aproximar dos alunos negres.

Diante da fala de Girassol sobre abraçarmos a identidade brasileira, a participante Orquídea, também mulher branca, aponta que tal identidade é insuficiente para lidarmos com episódios de racismo escancarado, como esse relato de Jesus negro trazido pela colega.

Três mulheres brancas em um ambiente pensado para receber pessoas negras falando sobre negritude de óticas bem diferentes. Nesse sentido, entendemos que a singularidade do ser, ao qual viemos abordando no decorrer do capítulo, é algo a ser impulsionada também nas aliadas da luta negra.

É importante observar de onde vem as falas como a de Girassol sobre a necessidade de uma identidade brasileira em oposição a uma identidade negra. A necessidade de uma identidade brasileira sem considerar as particularidades dos grupos étnicos predominantes no Brasil, não é uma ideia da atualidade e tampouco é por acaso. Não podemos encarar tal posicionamento como uma ideia particular, isolada de um contexto histórico brasileiro.

Como discorremos ao longo do capítulo sobre a percepção a respeito das falas e posicionamentos das participantes pardas, a identidade negra nos foi roubada de inúmeras formas. Tal projeto buscou alienar não somente a mente dos negres, mas de toda a população do país, em uma ideia de que todos são filhos da pátria, todos são brasileiros.

Vale destacar que a Afrocentricidade não é o oposto do eurocentrismo. O que talvez cause desconforto para a branquitude, ao imaginar uma dominação negra aos moldes de uma dominação branca européia. A Afrocentricidade não se preocupa em ser um sistema de dominação, tampouco ser única e universal.

Novamente, pensando na proposta que embalou o primeiro dia de encontro, a valorização do EU na luta coletiva, convidamos o leitor branco a uma reflexão a respeito dessas falas de Margarida, Orquídea e Girassol. Não pretendemos lançar um olhar de julgamento, muito menos de desvalorização das ideias. A aproximação de pessoas autodeclaradas brancas para integrar a luta de raça que centraliza o afro-brasileiro vai esbarrar em inúmeras ideias pré concebidas sobre o que é melhor para nós.

Sobre isso, não precisamos mais ter a postura de submissão em aceitar o que a branquitude propõe a respeito do nosso bem viver. A Afrocentricidade nos convida a sair da marginalidade, onde outros ditam o que nos é mais apropriado, e fazer um esforço para centralizar nossos desejos e necessidades.

No ambiente que esse pesquisador/professor ocupa, essa luta será no campo das ideias, evocando a paciência e sabedoria dos ancestrais para entender que muitas falas serão cortantes, mas não devemos atribuir juízo de valor ou qualquer julgamento sobre a pessoa que a proferiu.

Nossa luta é pela libertação intelectual do povo negro, para em conjunto conseguir quebrar barreiras que nos prende no não lugar. Nossos esforços precisam ser direcionados a nossos objetivos, que não é ensinar a branquitude, para isso, eles têm ferramentas disponíveis há muito tempo.

Precisamos ocupar os espaços enquanto intelectuais negres estrategicamente, tendo em vista que barreiras como a reivindicação de uma identidade brasileira em oposição a identidade negra há de surgir. Enquanto houver no imaginário coletivo brasileiro o negro como submisso, não conseguimos falar de identidade única. Esperamos, desde a abolição, sermos integrados de forma justa na sociedade, a mesma que nos aprisiona nas margens com diversas ferramentas eficazes.

Vislumbramos um futuro afrocêntrico onde os afro-brasileiros tenham real dignidade de vida, onde a vida seja valorizada independente da raça, onde nós merecemos um lugar ao

sol. Para isso, o poder de decisão sobre nossos corpos não pode continuar nas mãos da mesma branquitude racista. Isso significa abrir mão de privilégios brancos em prol da igualdade racial, seria ingenuidade acreditar que essa é uma tarefa fácil. Cada uma é importante para fazer essa realidade não ser mais utópica.

O que nos surpreendeu no decorrer deste primeiro dia de encontro com a Afrocentricidade como inspiração genuína, foi o fato de a democracia racial ainda ser tão pulsante nas mentes de negres e não negres. A pessoa parda não tem letramento racial suficiente para falar de sua negritude, advindo de um processo de silenciamento que há muito tempo massacra mentes de nossos irmanes. Mesmo para pessoas brancas, tal processo ainda é pulsante no imaginário, a ponto de desconsiderar a luta de pessoas negras por uma união em prol de sua comunidade.

Quando alertamos para a urgência da libertação intelectual do povo negro, falamos também dessa necessidade de se considerar a negritude de forma positiva, e a consciência de luta social unificadora. A libertação das amarras epistemológicas foi trazida nesse primeiro dia como uma responsabilidade individual do professore, pois este pode ser a ponte para a libertação de muitas outras.

O Livro da Selva⁸

Thiago Elniño (part. Daiana Damião)

*Eles combinaram de nos matar
Mas nós combinamos de não morrer
Se eles querem guerra, terror nenhum
Só que o nosso povo não vai correr
Mesmo que o tempo possa fechar
Independente do que possa acontecer
Nosso povo nunca vai se entregar
Nós só acreditamos em vencer
Desacredita não, pretim
Que tua falta de fé é a melhor arma que
eles têm
Pra invadir tua cabeça, irmão
E do pior de si, eles te fazerem refém
Quando ideias tortas vêm e vão
Às vezes é bom recuar
Voltar para sua família
E tentar se conectar com o que você é
Ouvir histórias do passado vindas da boca
de quem passou
Pelo que você tem passado e o brilho no
olhar não se apagou
Chame as crianças pra brincar
E veja que no que tu ensina a elas
Consiste o ato de se eternizar
Feito um palhaço de folia
Eu sigo dando vida ao amanhã
Conduzindo a alma pra celebrações
Onde a poesia é anfitriã*

*Templo de malditos e abandonados
Rituais pagãos, culto marginal
Escola de excluídos e mal-amados
Fonte de dignidade ancestral
O encontro de um Jesus Cristo preto
Em Aruanda às voltas com Oxalá
Rindo de toda cafonice
De quem pinta de branca Iemanjá
Mãe forte que de longe nos observa
Eu peço tua benção pra rimar
Em nome de cada irmãozinho preto
Que na travessia ficou pelo mar
Eles combinaram de nos matar
Mas nós combinamos de não morrer
Se eles querem guerra, terror nenhum
Só que o nosso povo não vai correr
Mesmo que o tempo possa fechar
Independente do que possa acontecer
Nosso povo nunca vai se entregar
Nós só acreditamos em vencer
Nosso povo canta e dança à noite
Pra poder tá mais forte de dia
Por mais que nossa vida seja dura
Nosso tambor pulsa
Trazendo mais suíngue à melodia
Ao caos que se faz presente agora
Tu pensa no futuro e quase chora
Anos duram minutos, segundos duram
horas
E a gente só se fode a cada nascer da
aurora
Eu já tô farto de ter que aguentar
'Cês tentarem me calar
Se tentarem me calar*

*Cês vão ter que aguentar
Eu querendo o sangue de vocês na mão
Bebendo gota por gota pra lembrar de
cada irmão
Que daqui se foi antes dos 30
Com vocês dizendo: "Já foi tarde"
É o mínimo que se pode esperar
De uma gente acostumada a ser tão
covarde
Por isso eu digo, não se espera nada
De quem quer que tu atravesse um oceano
de desgraça a nado
Povo inútil, povo desgraçado
Depois vem vender boia como se não
houvesse nada errado
A existência de vocês é um erro
Se for ao vivo, eu te pergunto quantos
pretos que tem na plateia
Se for menos que brancos, então tá errado
Ei, lobinhos, eis aqui o Shere Khan diante
a alcateia*

*E Jesus Cristo não é o Mogli de vocês
Cês esperam um salvador e eu tô indo pra
Salvador
Empretecendo o resto do país, de lá
Até cês pintarem de preto a cor do Cristo
Redentor
Eis-me aqui, eu sou um filho de Kemet
Descendente de um povo que nunca cai
Então entenda que definitivamente
Quem nasceu pra baobá não aceita ser
tratado igual bonsai
Eles combinaram de nos matar
Mas nós combinamos de não morrer
Se eles querem guerra, terror nenhum
Só que o nosso povo não vai correr
Mesmo que o tempo possa fechar
Independente do que possa acontecer
Nosso povo nunca vai se entregar
Nós só acreditamos em vencer*

2. Eu Afrocentrade

Dando continuidade aos bulimentos⁹ e tendo refletido acerca da potência da individualidade para a luta coletiva, o segundo dia de encontro buscou exaltar a junção de tal potência pessoal com a Afrocentricidade em diferentes aspectos do cotidiano. Ocorreu no dia 04/08/2022, quinta-feira, com início às 19h30 e duração de aproximadamente duas horas, contou com a participação de Bromélia, Camélia e Margarida (que entrou na sala um pouco atrasada, tendo perdido o começo da discussão).

Como discutido anteriormente, nosso entendimento acerca dos fenômenos passa pelo nosso olhar individual, cuja interpretação conta com o auxílio de lentes pelas quais enxergamos o mundo. Essas lentes derivam da vivência de cada ume, dos fatores ambientais que cercam cada indivíduo.

Vale destacar que quando utilizamos o termo “lentes” não estamos relacionando apenas ao sentido da visão humana. Ao evocar este termo, compreendemos como formas de interpretação de mundo advindos de vivências particulares, onde os fatores ambientais, crenças, culturas, socialização e afins, vão nos permitindo entender as relações humanas e o mundo à nossa volta de forma particular e condicionada.

Portanto, a compreensão de demais realidades, além da nossa, passa pela percepção de nossos próprios limites, pelo entendimento de que nosso julgamento parte de um lugar particular, constituído por diversas lentes que foram sendo agregadas no decorrer da nossa existência.

No primeiro encontro, refletimos acerca do afastamento do povo negro da negritude como processo intencional da democracia racial e o projeto eugenista, buscamos, neste segundo dia, encaminhar a reflexão para as demais consequências desse apagamento.

A construção do caminho metodológico que liga os quatro dias de encontro, busca impulsionar a conexão com a Consciência Afrocêntrica, sendo um convite para que u participante explore a si e ao mundo que o cerca. Explore como tem estado nesse mundo, se na marginalidade ou centralidade das questões inerentes a sua raça, e como agir a partir dessa tomada de consciência.

Para o segundo dia de encontro, tínhamos como ponto central o Eu Afrocentrade. Para tanto, buscou-se evocar um olhar racializado a respeito dos fenômenos, muitas vezes, naturalizados no dia a dia. A intenção foi explorar o atravessamentos da vida em comunidade,

⁹ mover-se, deslocar-se (Dicionário Online Oxford Languages).

refletindo o lugar privilegiado que ocupamos e buscar um olhar crítico e atento às mazelas que assolam nosso povo Brasil afora.

Buscamos explorar o processo de preocupação/interesse através do debate sobre as formas de genocídio que atravessam a vida dos negres no Brasil. A preocupação vem de conhecer a história e as injustiças, se dar conta do tamanho dos problemas. Como você vai se preocupar se não sabe que tem algo errado? Como diz o rapper brasileiro Djonga “quem não percebe que está preso, nunca vai se libertar” (2021). Só conseguimos apagar o incêndio quando conseguimos ver o fogo.

Movimentar-se contra o projeto de alienação imposto pelo colonialismo nos leva a entender a história e o presente do povo negro quando em confronto com o branco. Quais os mecanismos que nos afetaram? Como foram impostos? E quando foram retirados? Quando o projeto eugenista foi revogado? O que nos chama atenção? O que nos incomoda? Como agir diante disso? Como temos nos posicionado politicamente diante das mazelas que afetam nossas vidas?

Chamar os participantes a essa reflexão com a intenção de investigar como ele se posiciona, se na centralidade ou marginalidade das questões inerentes à raça, podendo assim explorar, junto com o participante, sua localização. “Quando o afrocentrista afirma ser necessário descobrir a localização de alguém, refere-se a saber se a pessoa está em um lugar central ou marginal com respeito à sua cultura” (Asante, 2009, p. 96).

Tendo explorado aspectos relevantes a cada participante a respeito de si, buscamos trazer essa potência individual para o campo prático, no sentido de investigar como uma lente afrocentrada pode influenciar a percepção dos fenômenos à nossa volta. A partir do lugar de singularidade que ocupamos no mundo, temos a nosso alcance diversas potencialidades de atuação enquanto indivíduos afrocentrados.

Nos encontros da oficina, contamos com a participação de pessoas que atuam em escolas públicas como professora de diferentes ciclos, merendeira (que também é estudante de serviço social e pesquisadora da educação) e coordenadora. Também contamos com a participação de quem atua no campo de pesquisas em Educação Matemática. Muitas dessas mulheres são mães, responsáveis pela criação de seus filhos ainda crianças ou adolescentes. Ou seja, diversos olhares de singularidade, partindo de diferentes lugares, com diferentes socializações, que nos permitiu explorar diferentes visões de mundo e como a afrocentricidade pode potencializar cada uma delas.

Esse encontro foi elaborado buscando chamar o EU, ao qual refletimos no primeiro encontro, em comunhão com o NÓS. As dinâmicas das tarefas e perguntas disparadoras de

reflexão buscam levar u participante a refletir sobre suas vivências em coletivo, sobre seus posicionamentos enquanto sujeito necessário na luta do povo negro, para que elabore, no decorrer da experiência da oficina, uma experiência de encontro com a Consciência Afrocêntrica.

Tal experiência engloba o indivíduo em sua potencialidade, sendo parte essencial de seu grupo étnico, pois “a Afrocentricidade se dedica fundamentalmente ao eu coletivo e, portanto, está proativamente engajada na criação e recriação da pessoa em grande escala” (Asante, 2019, p. 104). Há, nas tarefas e debates, um esforço para que u participante se conscientize de sua africanidade, o que está diretamente ligado com a valorização da vivência em coletivo, da união enquanto família étnica.

2.1. Tudo que nós tem é nós¹⁰

Buscando explorar como us participantes se localizam em relação à coletividade, começamos o acolhimento às convidando para ouvir com carinho os atravessamentos da canção Principia, do artista Emicida (2019). Sendo um artista afrocentrado, Emicida retrata em sua obra a potência negra de forma delicada e sensata.

Após a escuta da música, o verso “**Tudo que nós tem é nós**” foi escrito no chat do Google Meet com a proposta de as participantes falassem como essa frase as atravessava, qual o sentido para aquela pessoa naquele momento. Com esse questionamento, buscamos investigar a respeito da localização das participantes, na medida em que expõe os sentimentos e interpretações a respeito deste verso.

Para u afrocentrista, a análise de uma pessoa com frequência se relaciona com o lugar onde sua mente está situada (Asante, 2009). É possível perceber se uma pessoa está localizada na centralidade ou marginalidade em relação a raça e a comunidade negra pela maneira como ela se relaciona com a arte afrocêntrica, se a pessoa se sente parte incluída naquele contexto ou está em posição de observador.

Para u pesquisadore afrocentrade que vos fala, esse verso tem uma potência avassaladora, tanto que foi registrado na pele para não cair no esquecimento de que “tudo, tudo que nós tem, é isso, uns aos outros” (Emicida, 2019). Partindo desse lugar da emoção, a escolha desta música para compor esse encontro buscou trazer um olhar mais atento à potência do EU em comunhão com o NÓS.

¹⁰Emicida, Principia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q>

A Afrocentricidade nos convida para uma percepção para além dos nossos limites de atravessamentos individuais. Nessa socialização colonizadora, o comportamento individualizado foi reforçado e ainda valorizado, estimulado por uma necessidade de competição e valorização do primeiro lugar.

Quando somos convidadas a essa reflexão da potência de se viver em verdadeira comunhão com nosso povo, somos levadas a um lugar muitas vezes novo e abstrato, ao qual o caminho a ser percorrido ainda demanda esforço consciente.

Como discutido no primeiro encontro, o esforço consciente de firmar-se negre no mundo, colocar-se enquanto pertencente a uma família étnica nos leva a um caminhar de abdicação da individualidade egocêntrica, em compromisso com o bem estar dos irmanes negres.

O objetivo desta tarefa foi investigar como um verso retirado do contexto de uma canção afrocentrada poderia atingir os participantes e questionar: de quem falamos quando nos referimos a “nós”? Como cada participante entende esse “nós” enquanto coletivo? Nesse sentido, nosso olhar voltou-se para a percepção da localização e agência dos sujeitos participantes.

Para a participante Bromélia, essa frase trouxe a reflexão da necessidade de se ter redes de apoio dentro do campo da Educação Matemática para discutir questões pertinentes à raça e demais demandas sociais.

Bromélia: [...] parece que a Educação Matemática vai para um canto e esse tipo de demanda vai para outro. A educação matemática precisa de entender esse olhar, precisa entender essas necessidades, porque se a gente não faz isso, está só como a manutenção do sistema que já está errado, isso me faz sentir que estamos perdendo mais tempo. Porque eu sinto que não precisa explicar, isso é uma demanda, uma coisa necessária e que muitos professores ainda não conseguem perceber. Então é isso, procurar espaços que eu consiga debater, que eu consiga encontrar pessoas que estão nessa mesma procura e também buscar um acolhimento nessas pesquisas. Sobre a frase do chat, o acolhimento entre nós, tudo que nós tem é nós, então se a gente não se acolhe no que a gente procura, no que a gente luta, pois então o que fica, qual é a resposta disso?

A interessante reflexão da participante Bromélia parte de sua localização atual, onde a participante, pesquisadora e professora do campo da Educação Matemática, vem procurando acolhimento em outras pesquisas que somem a sua própria trajetória de investigação. O “nós”

para ela, foi entendido como o grupo de professorus e pesquisadorus do campo da Educação Matemática que estão dispostes a levantar questões sociais, seja raça, gênero, classe e afins.

A quem interessa essa separação citada pela participante? A quais grupos a neutralidade da Matemática beneficia? O incômodo mencionado pela participante por sentir essa separação em sua área de atuação, é um incômodo que também movimenta essa pesquisa. Movimentação essa que busca aproximar a Afrocentricidade do campo da Educação Matemática como forma, também, de quebrar essas barreiras da neutralidade e separação.

Ao passo que percebemos essa separação entre nossa área de trabalho/estudo com o que nos constitui, com o social, com o que é inseparável de nossas existências, tais incômodos são gerados e intensificados ao passo que nos encontramos solitárias para debater questões sociais no campo da Educação Matemática.

A coletividade enquanto professorus/pesquisadorus a que se refere a participante tem muita relação com a coletividade que evocamos ao trazer a Afrocentricidade para o campo da Educação Matemática. Ao passo que dialogamos com us participantes da oficina, evocamos a urgência de se estabelecer, dentro de nossa área de atuação, redes de apoio com pessoas dispostas a enfrentar o racismo de modo prático.

A Afrocentricidade nos remete à ideia de coletividade. A movimentação a qual nos propomos fazer é coletiva. Asante (1980) enfatiza em sua obra a importância da consciência coletiva em detrimento da consciência individual, ao qual fomos socializados. Nos nossos pequenos grandes espaços de atuação, quando somados a força de outres irmanes negres dispostes, conseguimos vislumbrar a possibilidade de mudança social.

Para tanto, precisamos fortalecer nossa consciência afrocêntrica individual antes de podermos discutir coletivismo em matéria de consciência, pois é “a soma total de toda a consciência individual que constitui a consciência coletiva” (Asante, 1980, p. 45). Por isso, trabalhamos o EU para pensar no NÓS, a fim de não cair nas armadilhas do colonialismo que nos leva à individualidade.

Trazemos para a discussão de que nós, enquanto professorus, somos sujeitos coletivos. Nosso trabalho engloba uma série de tarefas conteudistas e burocráticas, mas no centro, está a interação com us alunes. Estamos em constante troca com us alunes e equipe escolar.

A formação de professorus não pode estar ligada apenas a formação conteudista. Nós, do campo da Educação Matemática, precisamos ter um cuidado especial para não cair nessa

“tradição” de que a Matemática é neutra e o trabalho mecânico. Antes do profissional vem o cidadão, nesse sentido, a autoavaliação se faz importante e necessária para a prática docente.

Na Afrocentricidade, observa-se o caminhar para a consciência coletiva que supera o atual modelo individualista ao qual fomos socializados. Segundo o Asante (1980), tal consciência é devido ao reconhecimento que temos uma história coletiva, assim como um futuro coletivo. Reconhecer que somos parte necessária nesta construção e demandar esforços conscientes para sair da marginalidade rumo à Afrocentricidade, é o primeiro passo para a constituição da consciência coletiva.

A percepção da importância da coletividade é percebida na fala da participante Camélia, a qual aborda uma valiosa colocação a respeito do verso, ela diz:

Camélia: *Eu também gosto muito dessa música do Emicida, e ela fala que, se eu não posso ocupar um espaço, eu preciso que outra pessoa que está dentro daquele espaço entenda minha luta e a leve, então assim... Tudo que nós tem é nós, porque em certos lugares eu não vou conseguir estar, porque eu não posso estar em certos lugares por conta da minha raça, então outras pessoas precisam estar nesses lugares como se fosse uma correntinha, todo mundo dando a mão e cada um com a sua contribuição. Eu trabalho na educação, mas eu sou estudante de serviço social e sou merendeira na Rede Pública de ensino, então a minha contribuição aqui é diferente da contribuição de vocês, e que bom, porque tudo que nós tem é nós, então a minha contribuição não é melhor nem pior que a de vocês, é uma contribuição diferente e justamente isso que é importante, né? A gente entender que a sociedade só vai melhorar... Melhorar não é o melhor termo porque a questão é revolucionar, mas enquanto não chega a revolução, vamos trabalhar com melhorias. E é assim, de pouquinho em pouquinho, de pessoa em pessoa, que a gente vai conseguir alguma coisa”.*

A partir da colocação de Camélia, podemos fazer um paralelo com a passividade parda apresentada no capítulo anterior. Nós, enquanto grupo étnico populoso e misto em suas tonalidades de pele, precisamos ter em mente que, quanto mais clara a pele do negro, mais disfarçável ele será entre os brancos, podendo ter maior passividade em ambientes que os negres retintos não tem. Desta forma, quanto melhor estabelecido a consciência racial, mais perto de quebrar essas barreiras do não acesso nós chegamos enquanto comunidade.

Pois, se uma pessoa negra de pele clara afrocentrada ocupa um lugar de poder, seja ele qual for, ela nunca está sozinha. Carrega consigo a responsabilidade de estar representado um

grupo subalternizado, oprimido e escasso de oportunidades. Nesse sentido, retornamos com o questionamento de “o que eu tenho feito a partir do meu lugar de alcance, para que outras pessoas negras possam conquistar lugares de privilégio também?”.

Quando a participante Camélia se coloca como parte da luta coletiva, como elo da corrente que nos liga a um certo avanço, percebemos um processo de conscientização política de seu papel enquanto pessoa negra que tem determinados privilégios. A centralização da raça se faz presente em sua fala, de modo que se coloca como parte da luta coletiva do povo negro. Mesmo tendo relatado dificuldades em se entender como uma pessoa negra, a participante não se encontra mais na marginalidade da raça, perdida de seu centro.

Nós, enquanto professorus e pesquisadorus negres, precisamos ter em mente que este lugar de disputa que ocupamos é valoroso para um povo que até pouco tempo foi negado acesso à educação básica e, mesmo estando na academia, ainda sofremos subalternização e sucateamento constantes.

Nesse sentido, retornamos a fala de Bromélia quando a mesma afirma que se não pudermos contar com nossos colegas de profissão que estão, assim como nós, na mesma luta de recriar um espaço onde nossas demandas sejam vistas e valorizadas, e não apenas em datas comemorativas com um buquê de flores de “parabéns por estar aqui”, com quem mais poderemos contar?

Ao comentar sobre o verso “tudo que nós tem é nós”, a participante Margarida trouxe em sua fala insatisfação ao posicionar-se enquanto pessoa branca. Segundo ela, não se sente representada por pessoas brancas que cometem racismo. A participante traz em sua fala o desejo de não ser “diferente por ser branca”. Poderíamos discorrer a respeito dos branques aliades, ou dos motivos pelo qual inúmeras pessoas brancas se revoltam ao serem classificadas nesta posição, o que nos renderiam boas linhas de discussão, mas neste momento, o protagonismo é negro.

Portanto, a pergunta disparadora nos trouxe um vislumbre da localização psicológica, social e cultural das participantes. Ao passo que a participante autodeclarada branca não sabia se posicionar a respeito de seu grupo racial por não se sentir representada, a participante Camélia, autodeclarada parda, entende que o “nós” se refere ao grupo de pessoas negras, sejam elas pretas ou pardas. Já Bromélia, participante estrangeira que cresceu sem esses conflitos raciais marcados, como no Brasil, entende que o “nós” faz sentido pra ela no âmbito profissional. Mas não apenas de qualquer professore/pesquisadore, mas sim daqueles que estão dispostes a enfrentar barreiras do conservadorismo em prol da inclusão de temas sociais que nos constituem.

O sentimento de pertencimento a um grupo racial se faz necessário ao passo que percebemos que nosso viver é coletivo. Todo lugar ocupado por uma pessoa negra traz consigo a responsabilidade de tal ocupação. Ao passo que a consciência afrocêntrica vai se estabelecendo como natural na vida dos sujeitos, este sentimento de responsabilidade para com os pares negres citados pela participante Camélia aumenta.

É sobre isso que viemos discorrendo até aqui. Ao passo que ocupamos um lugar de privilégio na academia, como estudantes, pesquisadores e professores, precisamos ter em mente que tal espaço sempre foi negado à comunidade negra, e se o ocupamos hoje, é graças à luta de pessoas negras que vieram antes de nós. Nossos antepassados, nossos ancestrais. O que faremos a partir disso?

O chamado para a consciência afrocêntrica ao qual venho discorrendo durante a pesquisa, é um chamado para a responsabilidade da comunhão. Vem com a negação da individualidade de que somente EU posso vencer, vem com a certeza de que eu consigo e assim, posso trazer outras pessoas negras comigo.

Nós, negres na diáspora, ocupando um lugar de privilégio e responsabilidade enquanto professores e pesquisadores, temos a oportunidade de alcançar muitas mentes e corações com o desejo de afrocentrarmos, construir nosso modo de viver a educação de fato libertadora, por que tudo que nós tem, é nós. Não podemos esperar que quem nos oprime com o intuito de nos manter subalternizados, vá nos impulsionar a, de fato, sermos livres.

O chamado para criação de redes de apoio ao qual se propôs esta pesquisa, se justifica pela necessidade de união de pessoas negras dispostas a agir de seu lugar político de ocupação, em prol de muitos que não tiveram oportunidade de ocupar tais espaços, assim como garantir que nossos alunos tenham liberdade para sonhar e alcançar o lugar que almejam, sem esbarrar em amarras impostas pela branquitude que nos cristaliza em servidão por sermos negres.

Ao passo que nos colocamos como também responsáveis pela mudança de realidade do nosso povo, conseguimos vislumbrar os caminhos para alcançá-la. Tal responsabilidade nos coloca como agentes capazes de agir a favor de nosso próprio interesse enquanto povo negro. Com nossa agência bem definida, os caminhos são traçados a partir de uma visão central, do que é melhor para nós enquanto povo. Segundo Asante, agência é a capacidade de dispor de recursos psicológicos, e culturais necessários para o avanço da liberdade humana (Asante, 2009, p. 94). Logo, quais estratégias eu consigo utilizar a partir dos recursos disponíveis no momento?

Assim como Asante se coloca comprometido com a noção de que os africanos devem ser vistos como agentes em termos econômicos, culturais, políticos e culturais, nós temos como objetivo que os africanos sejam protagonistas em termos educacionais, prezando pela liberdade intelectual própria, dos mais jovens e mais velhos.

Entendo que tal processo faz parte de uma conscientização política necessária no campo da Educação Matemática, quando nossas maiores referências ainda são de intelectuais brancos, mesmo que a Matemática tenha nascido em África. Buscamos um paralelo entre a Afrocentricidade enquanto teoria social com o campo da Educação Matemática de modo geral, pois

A Afrocentricidade emergiu como processo de conscientização política de um povo que existia à margem da educação, da arte, da ciência, da economia, da comunicação e da tecnologia, tal como definidos pelos eurocêntricos. Se bem sucedido, o processo de centralizar esse povo criaria uma nova realidade e abriria um novo capítulo na libertação das mentes dos africanos (Asante, 2009, p. 94).

Trazer tal perspectiva para nosso campo de atuação, tendo a possibilidade de abraçar outras pessoas com a mesma vontade, reivindicamos a coletividade que nos foi roubada. Enquanto professoras e pesquisadoras, sentimos no caminhar de nossa trajetória, muitas vezes solitária, como o sequestro de nossa coletividade ainda é atuante, nos afastando de uma verdadeira união enquanto família étnica. Que coletividade estamos construindo? Ela parece ter sido sequestrada.

Aqui, discorreremos sobre o caminhar pelo acesso à educação, não a passos lentos como pode parecer, mas a passos precisos e bem elaborados, como quem treina um exército para uma difícil batalha. Como o caçador que sai com uma única flecha. Nesse sentido, buscamos evocar a potência dos mais novos, estes que são nossa esperança da construção de uma vivência de qualidade para o povo negro na diáspora.

2.2. E o aluno negro?

Na construção da trajetória da oficina, tínhamos a hipótese de que a pergunta disparadora de reflexão feita no primeiro encontro “quando me descobri negro” seria uma questão delicada que poderia proporcionar reflexões importantes para o participante, como de fato ocorreu.

Ao passo que para nós, pessoas negras adultas, responder este questionamento nos leva a um mergulho no passado, na nossa construção da identidade e nos processos que

influenciaram tal construção, buscamos agora direcionar a investigação para o processo de preocupação/interesse dos participantes em relação aos processos de identificação racial dos mais jovens.

Para tanto, o planejamento do segundo encontro contou com a retomada da questão “quando me descobri negro?” para questionar: **“temos falado sobre negritude com os mais jovens?”** Temos levado questões raciais de forma positiva para as crianças e jovens ao qual temos acesso em nosso cotidiano, seja na vida profissional ou pessoal?

Tendo investigado a individualidade de cada participante, neste momento, já conseguimos vislumbrar onde cada um acessa. Buscamos trazer esse questionamento para instigar essa percepção acerca da potência do lugar que ocupamos, na influência que temos, para que possamos refletir acerca desta responsabilidade.

Para nós, negres adultos, seja prete ou parde, tal questionamento toca em um ponto sensível do não lugar, da não aceitação, da percepção da negritude através da violência, do racismo internalizado desde criança por “brincadeiras”, da exclusão, do apagamento. São gerações e gerações sentindo o reflexo de uma abolição inacabada, onde não há lugar efetivo para o negro na sociedade,

[...] tudo o que aconteceu depois da Abolição foi o surgimento de uma grande massa de excluídos, no sentido de gente que não tem mais lugar na escala social. Os escravos tinham um péssimo lugar, mas tinham. Os libertos não têm lugar. Os libertos, os ex-escravos e os descendentes de escravos formaram a primeira grande massa de populações marginais. Isto é: ainda não ocorreu a efetiva transição de escravo para cidadão (Cardoso, 1998, p. 15).

São gerações vivendo nas margens da sociedade e nas margens da própria raça, pois a miscigenação nos retirou o pertencimento. No segundo dia de oficina, retornamos com o questionamento, agora, trazendo um convite à reflexão: "temos falado sobre negritude com nossas crianças?" Se para muitos de nós, o acesso à negritude de forma positiva foi negado na infância/adolescência, será que também não está sendo negligenciado para aquelas crianças que temos acesso? Seja no ambiente familiar, escolar e afins?

Aqui, o termo “positivo” nos remete a coisas boas, a valorização do ser negro pelo que ele é. A valorização da beleza, dos cabelos, do nariz, da pele, de todos os estereótipos negros que muitas vezes são motivo de chacota e intimidação. A autoestima do corpo negro podendo existir de forma plena, sendo valorizado para além da aparência física.

O acesso à negritude de forma positiva tem a ver também com o acesso a nossa verdadeira história, não essa contada nos livros didáticos onde nos reduz a pessoas

escravizadas, mas a história de pessoas que fizeram diferença em suas épocas, inclusive no período escravocrata. Permitir que nossos jovens acessem os conhecimentos de potência de seu povo, da luta pela libertação, onde o protagonismo nunca foi da princesa.

Entendemos que a percepção de nós mesmos enquanto pessoas negras no mundo foi fortemente abalada pela democracia racial, pessoas pardas vivem na marginalidade da própria raça devido a esse deslocamento. Seja da forma que for, apenas nos damos conta disso com acesso à informação. Seja trazida por outra pessoa do nosso ciclo pessoal, seja na escola, seja em formações posteriores, seja nas mídias, seja em leituras individuais, a negritude de forma positiva para a pessoa negra é um caminho a ser percorrido.

Nesse sentido, qual tem sido nossa contribuição para que os mais jovens percorram esse caminho de forma positiva? Como relatamos no capítulo anterior, o questionamento “quando me descobri negra?” foi desafiador para todas as participantes, não havendo uma resposta conclusiva a respeito. Sendo assim, buscamos levar a reflexão sobre “tenho agido para que os mais jovens tenham uma experiência diferente da minha?”

Quanto a esse questionamento, a participante Camélia trouxe uma interessante reflexão a respeito de um acontecimento em seu ambiente de trabalho. Vale salientar que Camélia não atua como professora, é pesquisadora da educação e faz parte da equipe escolar como merendeira, tendo contato direto com os alunos.

Camélia: *Bom, teve um caso que aconteceu não tem muito tempo com uma criança negra. Ela tava passando no corredor, passou em frente a cozinha que é meu ambiente de trabalho, e tinha outras crianças brancas esperando ele no final do corredor, e as crianças começaram: “Oh cabelo duro! Cabelo duro! Corre! Vem cá cabelo duro!” Porque acho que ele que tava pegando no pique pega, como eu pude entender por alto. Passou, aí aquilo já me deu um gelo. Tinha um professor que tava na cozinha comigo e passou esse momento, e aí quando foi de novo eles entraram no refeitório e começaram a falar a mesma coisa aí eu fui lá, eu fui e falei que não queria que falasse mais isso porque todo cabelo é bonito. Falei isso para ele “seu cabelo é lindo” e ele ficou desconfortável com a situação, as outras crianças se assustaram porque eles não achavam que eu ia chamar a atenção deles por isso. E eu falei com eles “todo cabelo é bonito, não existe isso aqui, não quero ver vocês falando mais isso, se vocês continuarem vou levar para direção”. E aí passou, e duas coisas me chamaram atenção: o fato do professor não ter tido a atitude que eu tive, então acho que não é que eu não poderia chamar atenção, porque eu também sou uma funcionária da escola, acho que todos os funcionários da escola tem obrigação de educar para isso, não é porque o meu setor*

é diferente que eu não vou corrigir uma situação, mas que eu acho que por ser o professor das crianças ele devia ter tido alguma atitude. Se eu não tivesse falado ia passar batido e aí é uma criança que foi ferida, né? Por uma brincadeira que não é brincadeira e que as crianças brancas estavam naturalizando agir assim, de forma tão natural dentro da escola que eles estavam achando que não iam ser chamados atenção. Foi muito natural eles falarem aquilo sabendo que eu poderia estar escutando, porque eu tava dentro da cozinha e eles falaram na cozinha praticamente, então por isso que eu acho que é muito importante a gente tá alinhado e não só os professores com essa pauta mas toda a unidade escolar, mas que também a gente não está preparado para lidar com situações dessa no nosso dia a dia e a gente vê uma situação de racismo e a gente não sabe como agir, e depois a gente não sabe trabalhar isso para que não aconteça mais.

Este relato nos remete a colocação da participante Tulipa no primeiro encontro, onde afirma não ter sofrido com situações de racismo, mas que apelidos como esse sempre existiram na sua vida escolar. Será mesmo que nunca sofreu ou a criança internaliza adjetivos racistas como forma de se enturmar?

Melo *et al.* (2017) realizou um estudo em uma escola municipal do Rio de Janeiro que serve como parâmetro para a discussão abordada aqui. Segundo o estudo, os mecanismos de invisibilidade do aluno negro e as demais formas de racismo exercidos, contidamente, tanto de forma sutil como explícita, engredam nus alunes negres uma percepção negativa de si. O estudo concluiu que, apesar de serem a maioria nas escolas, us alunes negres trazem consigo uma “herança” de racismo e invisibilidade, e que tais heranças se manifestam na prática como ações efetivas de exclusão (Melo *et al.*, 2017).

Exclusão essa que atua não somente nas relações alune-alune, mas também nas relações professore-alune. No relato da participante, notamos que, ao se ausentar da situação de racismo sofrida pelo aluno, u professore abre espaço para que a situação discriminatória se perpetue, como de fato ocorreu.

Em seu estudo, Waléria Menezes (2002) aponta que parece haver uma ausência de contato físico afetivo dos professores para com as crianças negras. A dor du alune negro não é reconhecida, havendo uma aparente falta de acolhimento por parte dus educadorus, que silenciam ou se omitem em face de uma situação de discriminação. Tal postura denuncia a banalização do preconceito e a conivência dus profissionais com ele.

Mesmo havendo em vigência no Brasil uma lei para obrigar o ensino de história e cultura negra nas escolas, us educadorus, muitas vezes, estão despreparades para lidar com o

racismo na prática em sala de aula. Por se tratar de pessoas socializadas, assim como nós, em uma sociedade racista, acabam muitas vezes reproduzindo padrões de comportamento nocivos aos alunos negres, sem ao menos se darem conta do prejuízo que podem causar por se ausentarem da responsabilidade de corrigir um ato de racismo na escola.

Um dos fatores para a ausência de intervenção dos educadores em casos de racismo que Waléria Menezes (2002) aponta em sua pesquisa se dá pela

Falta de preparo dos professores para lidar com a questão racial em sala de aula, desencadeando mesmo que não intencionalmente, a difusão da discriminação racial. Esse despreparo impossibilita a decodificação e a intervenção do professor em situações que denotem sinais de preconceito (Menezes, 2002).

A participante não diz se o professor em questão é negro ou não negro, mas é interessante analisar o fato de até mesmo os professores negres sofrerem com a falta de letramento racial para lidar com situações desafiadoras em sala de aula.

No relato da participante Camélia é possível notar o processo de preocupação/interesse, onde, mesmo admitindo desconforto ao lidar com a situação, a encarou para reprimir uma situação de racismo sofrida por um aluno.

2.3. Árvore da Supremacia Branca

Será que, enquanto professor/pesquisador da área da Educação Matemática, estamos atentos às questões sociais enfrentadas pelo povo negro no Brasil? Nossa prática está alinhada com as demandas sociais dos alunos negres que atravessam nosso caminho, ou estamos negligenciando algumas coisas para não lidar com situações delicadas, como no caso do professor citado pela participante Camélia?

A fim de investigar o posicionamento dos participantes a respeito do genocídio da população negra, foi elaborada a tarefa da “árvore da supremacia branca¹¹”, onde foi disponibilizado em uma pasta no Google Drive¹², imagens de diversas situações com pessoas negras.

Como fomos todos socializados dentro desta lógica da supremacia branca, gostaria de ouvir das participantes como se sentem em relação ao genocídio da população negra, que é tão banalizado. Buscamos um olhar mais atento às falas, a fim de investigar como u

¹¹ Referência a pesquisadora Makeda no Podcast Depois da Roda

¹² <https://drive.google.com/drive/folders/1R4sh2YkYlUmrPqeg06UimmNEGpdKccKe>

participante se coloca frente a temas delicados e sensíveis, como o genocídio, e como a Afrocentricidade nos ajuda a olhar para essas falas.

Para melhor entendimento, usamos de uma analogia simbólica para representar que, ao mesmo tempo que a supremacia branca é real, é também um mal invisível aos olhos. A gente não discute sobre o poder da supremacia na fila do supermercado ou não se escuta falar sobre isso nos noticiários. Mesmo que o alto índice de pessoas negras trabalhando em posição de servidão nos supermercados sejam negras e as notícias de assassinato sejam em sua maioria de pessoas negras, tais fatos reais não são associados a um mal invisível alicerçado pela ideia da supremacia branca.

A supremacia atua de forma sutil e muitas vezes velada, nos levando a acreditar que as mazelas ao qual passa nosso povo, diariamente, é culpa do acaso. O que também fortalece o mito da meritocracia, que diz sobre o mérito pelo esforço, e se o negro não consegue sair da situação de marginalidade é problema de sua falta de vontade, ou ele não tentou o suficiente.

Podemos entender a supremacia branca como uma força invisível que constroa e mantém hierarquias, controla e domina os sistemas de poder em benefício de pessoas brancas, que de acordo com seus interesses próprios e os de seu grupo racial, vão administrar as tomadas de decisão, a distribuição de recursos e oportunidades de modo que privilegie apenas os componentes do grupo racial branco.

Conforme discutimos no capítulo anterior, o mito da democracia racial nos assombra até os dias atuais, trazendo suas mais diversas ramificações para a permanência da branquitude no poder, nas tomadas de decisões, nos acessos e no direito à vida de qualidade.

O fato de a comunidade brasileira em sua maioria considerar expressões racistas parte de “piadas”, até mesmo pessoas dentro do grupo racial ofendido, nos mostra como a supremacia das ideias e costumes do branco são naturalizados inclusive por nós, pessoas negras.

A naturalização do lugar de subalternidade engrenado no imaginário da população brasileira por anos de dominação, faz com que a população naturalize o negro no lugar de inferioridade, podendo assim, ser suscetível às mais variadas formas de violência sem que haja uma comoção da população, pois “é normal mais um preto assassinado pela polícia”.

Tais manifestações de violência advindas do ideal da supremacia branca podem ocorrer de forma explícita e radical, e serem adaptáveis de acordo com o espaço e tempo. Como o uso de argumentos científicos para a escravização do corpo negro, ao qual afirmava-se a inferioridade intelectual do negro. Atualmente esta afirmação não mais se

sustenta, mas o racismo científico se modifica, assim como as demais manifestações de racismo.

A analogia retratada no encontro mostra uma grande árvore que num primeiro momento parece bonita, útil, por oferecer sombra e abrigo para os animais, e linda por enfeitar e agradar o olhar dos espectadores. Nesta árvore que se mostra muito bela há enormes e profundas raízes que a sustentam, pois para manter em pé uma árvore tão grande, cheia de galhos, folhas e flores, é preciso raízes firmes.

Neste cenário imaginado, essa grande árvore representa a supremacia branca e cada raiz que a sustenta é uma forma de genocídio, ou seja, para que a árvore da supremacia branca esteja de pé, o genocídio da população negra a sustenta de inúmeras e diferentes formas.

Quando falamos de genocídio estamos nos referindo ao extermínio de uma população, seja em grande ou pequena escala, seja direta ou indiretamente. Seja através da morte direta, quando policiais militares alvejaram um carro com cinco jovens negros por nada, sendo esse um exemplo não isolado, ou a imposição de condições que venham causar a morte, como a negação de acesso básico a condições de vida, como moradia, saúde, emprego e alimentação.

O apagamento e o silenciamento da história e cultura de um povo também são formas de genocídio. Quando impedem que crianças negras tenham acesso no ambiente escolar ao conhecimento que o próprio povo dela produziu, é uma forma de genocídio.

Aproveitando a descrição bem colocada por Abdias do Nascimento em seu brilhante livro “O genocídio do negro brasileiro” ao qual indico a leitura,

GENOCÍDIO – geno-cídio O uso de medidas deliberadas e sistemáticas (como morte, injúria corporal e mental, impossíveis condições de vida, prevenção de nascimentos), calculadas para o extermínio de um grupo racial, político ou cultural ou para destruir a língua, a religião ou a cultura de um grupo. (Webster’s Third New International Dictionary of the English Language, 1967 apud Nascimento, ano, p. 11)¹³.

GENOCÍDIO – geno-cídio
Genocídio s.m. (neol.). Recusa do direito de existência a grupos humanos inteiros, pela exterminação de seus indivíduos, desintegração de suas instituições políticas, sociais, culturais, linguísticas e de seus sentimentos nacionais e religiosos.
Ex.: perseguição hitlerista aos judeus, segregação racial etc. (Bueno, 1963, p. 580 apud Nascimento, ano, p. 11)¹⁴.

¹³ Webster’s Third New International Dictionary of the English Language, Springfield: G&C Merriam, 1967.

¹⁴ Dicionário Escolar do Professor, organizado por Francisco da Silveira Bueno. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1963, p. 580.

Dando continuidade aos atravessamentos individuais, a forma como cada indivíduo é marcado em sua trajetória traz reflexos também na forma como percebemos as falácias do mundo à nossa volta. Ao voltarmos o olhar para as diversas formas de genocídio que o povo negro sofre desde a chegada de nossos primeiros ancestrais nesse solo, nos deparamos com violências que não tem como serem medidas.

Quando o corpo negro está a viver nas margens do próprio lugar ancestral, não há direcionamento que o permita avançar em termos de luta coletiva. Agora, quando o indivíduo negro começa a sair da marginalidade em relação a sua raça, percebe que o mundo que o cerca está, a todo momento, o condicionando a permanecer nessa marginalidade, pois a consciência crítica que o retira das margens e o coloca no centro de suas tomadas de decisão em favor de sua raça é uma ameaça a supremacia branca.

Na tarefa proposta, buscamos investigar onde o olhar de cada participante está direcionado quando se trata do genocídio em massa da população negra. De acordo com a localização psicológica, social e cultural de cada uma, determinado tema salta aos olhos, algo que mais atravessa, que mais incomoda, que mais chama atenção, e as considerações a respeito disso.

Foi disponibilizado o *link* para a pasta com as imagens e dado um intervalo de 10 minutos para as participantes refletirem sobre qual imagem mais lhe chama atenção. Ao retornarmos, a participante Margarida iniciou a discussão:

Insalubridade



fonte: Trabalho infantil em lixões expõe crianças a perigos e doenças. disponível em: <https://almeidaconsultores.wordpress.com/2016/01/05/trabalho-infantil-em-lixoes-expoe-criancas-a-perigos-e-doenças/> acesso em: junho de 2022.

Margarida: *Então, eu escolhi essa porque tem uma criança, eu como sou mãe, coisas relacionadas a criança mexem muito comigo emocionalmente, me afeta diretamente, porque acabo me colocando no lugar dessas pessoas, e a questão da fome se a gente pega lá no site do IBGE que tá a distribuição de renda no Brasil e a gente olhar para cor da pele das pessoas, nós vamos ver que a maioria esmagadora das pessoas que passam fome no Brasil e no mundo também são negras [...] a questão da fome é uma foto que mexe muito comigo saber que essas pessoas estão em vulnerabilidade alimentar e um dos indicadores para elas estarem ali é a cor da pele. Essa questão acabou me deixando muito emocionada, eu tô até arrepiando aqui de falar e de pensar e tentar me colocar no lugar dessas pessoas. Então eu escolhi essa foto por conta disso.*

Na fala da participante percebemos como as lentes que direcionam o olhar influenciam na percepção dos fenômenos. Ela começa sua fala dizendo que escolheu esta imagem por se tratar de uma criança, e pelo fato de ela ser mãe, a afeta profundamente. Ou seja, os fatores sociais mais uma vez interferindo no que pra nós é mais caro. Neste caso, é uma mãe branca se compadecendo da dor de uma criança negra pois a empatia sentida a coloca neste lugar de “e se fosse um filho meu”.

Em seguida, a participante Bromélia traz um importante relato pessoal:

Preto ou Branco



Bromélia: *Eu escolhi uma foto que na verdade foi mais por um sentido da fotografia que fala positivo e negativo. Que fala dos dois lados que fomos educados racialmente para entender o mundo. Obviamente foi bem difícil porque você pegou muitas imagens que falam sobre racismo. Por exemplo, a maioria das pessoas que estão nas cadeias são pretas, você acha do supermercado se a pessoa é negra e o guardinha já está dando uma ideia que pegou alguma coisa. Eu cresci com uma ideia de que a minha mãe, não sei porque, em algum momento eu tenho que perguntar isso para ela, com essa ideia de que uma pessoa negra é negativo, uma pessoa negra é negativa, eu tive quando criança, nos 15, 16 anos um namorado e era uma pessoa de cor de pele negra e minha mãe não gostou, nunca gostou, e minha mãe é uma mulher que não tem estudo, mas ela tinha uma ideia de que algo era negativo no preto. Eu converso com ela, é uma mulher de 60 anos e mesmo tendo essa ideia não é tão forte essa ideia étnica, ela tinha alguns preconceitos assim e queria exteriorizar para seus filhos, e no meu caso não aconteceu, mas mostra muito como fomos educados racialmente, não é uma coisa só no Brasil, eu percebo também que é uma coisa Colombiana, então por isso que eu acho que resume muito o que você fala nessas imagens, que é o preconceito que a gente tem associando a cor.*

A participante traz um assunto delicado sobre como fomos ensinados a fazer a leitura do mundo por intervenção dos exemplos de nossos pais ou responsáveis pela criação. A influência racista ao qual somos submetidos que muitas vezes é introjetada no imaginário como sendo algo natural e correto, visto que a referência de educação vem da pessoa responsável pela primeira educação.

Neste caso, a própria participante relata que para ela não foi internalizado o sentimento de um negro ser ruim, mesmo ouvindo da mãe coisas racistas sobre negres. A participante relata ainda o sentimento de não entender como a mãe pensa desta maneira. De fato, há pessoas que conhecemos e acreditamos serem pessoas boas, que nunca fariam mal a ninguém, mas que mesmo assim carregam essa marca do racismo, do distanciamento de pessoas de pele negra.

Ao passo que temos a primeira fala de uma mãe branca que se preocupa em criar os filhos sem a lente do racismo, que se preocupa que seus filhos socializem com diferentes raças, explica que o tom de pele não interfere em nada que a pessoa é, temos outro exemplo de uma mãe que externalizava para seus filhos que negro é pessoa ruim.

Vemos diferentes olhares de criação que nos leva a perceber como a pessoa negra na sociedade ainda enfrenta diversas barreiras sociais de inclusão, desde crianças, onde os pais de pessoas brancas refletem grande influência acerca da socialização dos filhos.

Em seguida, Camélia pediu a fala.

Encarceramento em massa



Fonte: Presidiários. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-06/presos-podem-ter-de-arcar-com-custos-de-permanencia-na-cadeia>

Camélia: *Eu escolhi a dos presos. A gente tem algumas formas de extermínio da população negra, uma delas é o sistema penitenciário. Então, a gente tem outras formas diferentes, que são a fome, a rua, a pessoa em situação de rua, né? Porque quando a gente fala morador de rua, a gente tá naturalizando achando que rua é casa e a rua não é casa, né? Então existem esses outros fatores que fazem com que a população negra seja exterminada, mas eu acho que o presídio, o sistema penitenciário, ele reforça muito isso, ou as pessoas negras estão no presídio esperando para morrer, ou as pessoas negras estão fora do presídio esperando para morrer. Então tiveram várias imagens que mexeram muito comigo, né. Em relação à fome, em relação à rua, em relação a trabalhos domésticos e de babá. O que são outras formas de exterminar a população negra. A gente viu até uma imagem ali da representatividade do menino feliz que ele se viu na TV, então tem coisas que vão caminhando para tentar sair dessa lógica de extermínio, mas que na maioria das vezes é isso que acontece, o sistema penitenciário é um dos sistemas que é mais lucrativo, então acontece muita corrupção dentro do sistema penitenciário, e pessoas lucram muito com isso, então você vê essa população nessa cela, por exemplo que eram para caber três pessoas deve*

ter 300 ali dentro, e as pessoas vivem ali nessa situação e tem pessoas ganhando dinheiro com isso. Então a gente faz uma lógica que o sistema capitalista é um sistema racista e um sistema que lucra com o extermínio do preto, né? Eles lucram. A famosa guerra às drogas não é pelas drogas, é guerra contra a população negra. Você não vê guerra contra as drogas contra os playboys brancos, você não vê isso. [...] e o uso de substâncias ilícitas é um debate muito interessante para a gente falar sobre, porque só é ilegal quando é o preto usando. Mas isso também é um debate que a gente tem que falar separadamente porque é um debate que abrange muita coisa, principalmente ligada a raça. Mas essa imagem diz muito né? Todas as imagens são muito fortes. Ou a população negra tá ali dentro esperando para morrer ou ela tá fora sendo exterminados de outras formas, então é muito chocante.

Desde as primeiras tarefas, a participante Camélia demonstra profunda preocupação com as questões que envolvem a raça. Em seus relatos, enfatiza o fato de ser uma pessoa negra de pele clara que nunca sofreu racismo diretamente, mas sente as consequências da miscigenação por conviver exclusivamente com sua família negra retinta.

Podemos constatar que os processos de transformação da consciência se materializam em suas falas, quando a mesma afirma ter se reconhecido como negra na fase adulta, pois sempre teve dúvida a respeito da raça por ter uma pele mais clara que seus familiares maternos. Nesse processo, a participante se mostra intrinsecamente ligada à luta negra, se compadece do sofrimento de pessoas de seu grupo racial, porém, ainda não conhecia a Afrocentricidade.

Entendo que a construção de uma identidade afrocêntrica passa pelo caminho de se auto descobrir enquanto pessoa negra no mundo e entender os processos históricos que impuseram nosso corpo negro em determinados lugares normalizados como nosso.

Como bem enfatizado pela participante, o corpo negro não está a salvo de sofrer extermínio, e o sistema carcerário, que é um braço do Estado, assim como a polícia, está preparado para lucrar com o genocídio da população negra. O corpo que há algumas décadas atrás foi normalizado como objeto e descartado na maior naturalidade, segue sofrendo o mesmo descarte, mas agora, com outras perspectivas que naturalizam e pior, amparam o descarte do corpo negro.

O fato de haver majoritariamente pessoas negras dentro do sistema carcerário, no subemprego, analfabetas, em situação de rua, em moradias precárias, em situação de vulnerabilidade social dos mais diversos níveis, precisa ser compreendido para além de um problema social da atualidade.

Segundo dados apresentados pelo IBGE em 2022, mais da metade da população brasileira é negra, ou seja, pessoas autodeclaradas pretas ou pardas. Ainda assim, é a população que sofre os maiores índices de violência, tanto explícita como implícita, sendo difícil elucidar qual a problemática de mais urgência a ser combatida.

Dados apontam a discrepância da qualidade de vida da população ao comparar o quesito raça como marcador. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), os negres representam 70% do grupo abaixo da linha da pobreza. Apontam ainda que os negres representam 72,9% dos desempregados no Brasil. A desigualdade existe também na alimentação, onde 28,4% das famílias negras estão em condição de insegurança alimentar ou fome, enquanto 12,1% são de brancos na mesma situação. Ainda, dados do Atlas da Violência (2021) apontam que a chance de uma pessoa negra ser assassinada é 2,6 vezes superior à de uma pessoa não negra.

As violências contra o povo negro que marcam além dos corpos físicos, carregam consigo um padrão de vulnerabilidade social advinda da desigualdade social e econômica sofrida pela população negra. A intersecção gênero-raça se faz necessária. Quando pensamos em posições de poder, a mulher negra está na escala abaixo do homem negro, a pessoa transexual e travesti ainda sofre mais uma camada de opressão.

São dados que nos mostram que, por mais que sejamos a maioria populacional no Brasil, ainda não temos acesso digno a uma vivência de qualidade, onde os índices de precariedade de moradia, alimentação, desemprego e baixa escolaridade ainda persistem em marcar o lugar social a que nos foi designado.

Pensar esse fenômeno pela perspectiva afrocentrada é, sobretudo, levantar questões políticas e culturais necessárias para a compreensão da permanência das pessoas negras nessas condições de subalternidade. “A Afrocentricidade procura consagrar a ideia de que a negritude em si é um tropo de éticas. Assim, ser negro é estar contra todas as formas de opressão, racismo, classismo, homofobia, patriarcalismo, abuso infantil, pedofilia e dominação racial branca” (Asante, 1980, p. 13).

Trazer o debate sobre o genocídio do povo negro na atualidade, com questões “disfarçáveis” onde parece não haver um culpado, nos rendeu boas trocas e discussões. As participantes se envolveram ativamente na tarefa e muitas questões relevantes sobre genocídio foram levantadas e discutidas.

Fechar os olhos para o genocídio “moderno” não é uma opção para nós, pessoas negras afrocentradas. Buscamos, a todo momento, enquanto pessoas afrocentradas, a melhor maneira de lidar com tais problemáticas a partir do nosso lugar de atuação. Com isso,

colocamos em pauta o papel político do professor, em especial, o professor que ensina matemática.

Torna-se necessário a inserção por vontade própria nos debates sociais e políticos, a fim de aprender o que não nos foi ensinado na formação inicial. Assim como, evocar a coletividade nesse processo.

Saiamos do buraco intelectual e espiritual que tem mantido nosso poderoso povo cativo. Que cada pessoa assuma o seu lugar na Vanguarda dessa consciência coletiva que é a afrocentricidade! ensine! pratique! e a Vitória certamente virá enquanto realizamos a missão afrocêntrica de humanizar o universo (Asante, 1980, p. 59).

Neste segundo dia de encontro, pudemos discutir como um olhar afrocêntrico pode nos ajudar a fazer uma análise crítica dos fenômenos sociais, como o genocídio da população negra, assim como discutir os cuidados que cada um pode ter, a partir do seu lugar de ocupação, com a negritude de nossas crianças. Concluímos que evocar um olhar afrocêntrico para a análise de situações reais vivenciadas pelas participantes permitiu que as mesmas retornassem a essas situações com um novo olhar, buscando refletir sobre suas atitudes, sobre a dinâmica do racismo operando no dia a dia e na discussão com os pares, pensar em possíveis intervenções futuras.

Pedagoginga¹⁵

Thiago Elniño (part. Sant e KMKZ)

*Orumila jogou os búzios pra ver
Que futuro ia ter a ave que enfrentou o
Oxossi
Índio guerreiro que era justo, que era forte
Que pra defender o povo tinha apenas
uma flecha em sua posse
E que mostrou que o impossível não era
improvável
E o que não era tranquilo se fez favorável
E uma hora cês vão ver o inevitável
Nossa fé é imensurável e transforma dor
em motivação
Pra superação, tanta humilhação
Atravessar o oceano para tramar na sua
plantação
Café, algodão, cana, escravidão
Alforriaram o nosso corpo, mas deixaram
as mentes na prisão
Não! Abre logo a porra do cofre
Não tô falando de dinheiro, eu falo de
conhecimento
Eu não quero mais estudar na sua escola
Que não conta a minha história, na
verdade me mata por dentro
Me alimento da sabedoria de entidades de
terreiro
Sou guerreiro da falange de Ogum, zum
zum zum
Capoeira mata um, mata mil*

15

<https://www.youtube.com/watch?v=IEM-zYi7hcs>

*Pedagoginga na troca de informação
Papo de visão, nossa construção
Passa por saber quem somos e também
quem eles são
Não entrar em conflitos que não tragam
solução
Evitar a fadiga, não dar um passo em vão
Quando todo campo de conhecimento é
válido
Só tem que o homem pálido
Nos vende que somente o seu que serve
Levanta-se a voz daquele que se atreve
A expor seu desconforto mesmo que o
sistema não releve
Não é leve não, mano, pesado pique um
fardo
Eu tenho amigos no outro lado, são
exceções que eu tenho amor
Mas se tem coisa que a escola não me
ensinou
É que o amor é indispensável em qualquer
lugar que for
Minha percepção de mundo diz que nós
Mesmo não vendo nada em volta, nunca
estamos sós
Faço minha oração, peço força pro meu
guia
E que ele não me abandone nas lutas do
dia a dia
Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu
odiava
Eu não entendia porra nenhuma do que a
professora me falava
Ela explicava, explicava, querendo que eu*

*Criasse um interesse num mundo que não
tinha nada haver com o meu
Não sei se a escola aliena mais do que
informa
Te revolta ou te conforma com as merdas
que o mundo tá
Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar
Depende da história contada e também de
quem vai contar
Pra mim contaram que o preto não tem vez
E o que que o Hip-Hop fez? Veio e me
disse o contrário
A escola sempre reforçou que eu era feio
O Hip-Hop veio e disse: Tu é bonito pra
caralho
O Hip-Hop me falou de autonomia
Autonomia que a escola nunca me deu
A escola me ensinou a escolher caminhos
Dentro do quadradinho que ela mesmo me
prende
Nasceu vencendo o Apartheid no ventre
Vive quem sempre sabe olhar pra frente,
certo?
Livre com toda vez áspera, conta meses a
esperar
Pra respirar, mais um dessa diáspora*

*Com três ouvia pólvora, com quatro o pai
não mais verá
Cinco primo preso, qual perspectiva
haverá?
A nove do plantão disparará, opera lá
Mas pensa, menor de dez o juiz absolverá
Se envolver, era pra coroa não piorar,
Deus escutará no rádio (Será?)
Na escola não ensinaram a orar, mas
aprendeu a contar
E ponta é fácil, seiscentos por semana
Piscou tem treze agora
Vai comprar até kit novo e comemorar
Mas o silêncio na ilha diz o que se repetirá
Pra tua mérito-fazenda, meu verso-fagulha
Por que tinha só dezesseis, tem 5-8-4 na
agulha
Minha percepção de mundo diz que nós
Mesmo não vendo nada em volta, nunca
estamos sós
Faço minha oração, peço força pro meu
guia
E que ele não me abandone nas lutas do
dia a dia*

3. Eu, Professore Afrocentrade

No terceiro dia de encontro, tendo refletido sobre o nosso lugar singular de ocupação no mundo e como a Afrocentricidade pode potencializar a nossa vivência, buscamos unir tal potência do Ser com a potência do Ser Professore, refletindo de forma crítica qual lugar u alune negre ocupa no sistema atual de ensino, como foi nossa própria vivência dentro deste sistema, e pensarmos juntas possíveis caminhos outros.

Neste capítulo, trago as discussões referentes ao planejamento, desenvolvimento e análise do terceiro encontro, que aconteceu no dia 08/08/2022, segunda-feira, via Google Meet, com início às 19h30 e duração de aproximadamente duas horas, contou com a participação de Girassol, Bromélia (chegou um pouco atrasada), Margarida, Orquídea e Tulipa (precisaram se ausentar mais cedo).

Uma das premissas fundamentais da Afrocentricidade é a inspiração genuína, o intrínseco desejo pela reorientação do que até então aprendemos como normal. A Afrocentricidade se materializa, também, no desejo ativo de união do povo negro, de conhecimento sobre a história, no desejo de recentrar-se.

A prática da Afrocentricidade torna-se um agente transformador, através do qual todas as noções velhas se tornam novas, e produz uma transformação de atitudes, crenças, valores e comportamento na vida das pessoas, criando *inter alia* [entre outros], uma perspectiva revolucionária sobre todos os fatos. É possível sentir e perceber sua presença em todo lugar. uma nova realidade é invocada. Passamos a ter uma nova perspectiva. Adquirimos um novo olhar, Ou melhor, o que vemos torna-se claro. descoberta, neste caso, leva diretamente a recuperação (Asante, 1980, p. 4).

Além da reorientação teórica, caracteriza-se pela reorientação prática no dia a dia de cada afrocentrista. Tendo experienciado o encontro com a Afrocentricidade enquanto inspiração genuína, entendo, ao olhar para o caminhar dessa descoberta num passado recente, o quanto foi preciso sair da zona de conforto. É preciso colocar-se em combate direto com atravessamentos que geram quando tiramos a venda do colonizador e lavamos nossos olhos na fonte do conhecimento sobre nós e o mundo, a partir de um lugar que nos pertence e nos inclui como agentes atuantes na construção da realidade que desejamos.

Ao reorientarmos nossa visão de mundo, orientamos nossas ações enquanto sujeitos ativos na luta por uma mudança social. Nessa dinâmica de reorientação, o passado se cruza com o presente, nos leva a relembrar experiências que nos atravessam de variadas formas.

Quantas situações poderíamos ter evitado ou reagido ativamente se tivéssemos uma orientação afrocentrada?

Hoje, temos a possibilidade de nos reorientarmos para uma visão que exalta a nós enquanto povo, que permita que façamos parte de um movimento coletivo que muito nos foi negado. A proposta de união entre o povo negro busca, também, alicerçar para progredir.

Nesse sentido, a educação pelas lentes da Afrocentricidade busca promover a recentralização dos sujeitos africanos em diáspora, aqui nos referindo aos afro-brasileiros, através da valorização da pessoa, da autoestima e empoderamento necessários para as movimentações a partir do lugar político que ocupamos. Para tanto, faz-se necessário a emancipação intelectual onde um novo olhar para a história e cultura do povo negro é validado.

A Afrocentricidade busca expressar a forma como se produz e reproduz conhecimento. Tendo como um dos aspectos centrais a conscientização do sujeito, nos orienta no conhecimento sobre as opressões que sofremos enquanto povo, por meio de um olhar afrocentrado para os fenômenos, assim como, nos orienta na construção de novos caminhos de emancipação.

Caminhos esses que são percorridos a partir de nossa Agência, que busca exaltar a capacidade de agir sobre tais opressões por meio dos recursos disponíveis, visando a construção de uma outra realidade de futuro, diferente da que nos oprime.

Diante dos questionamentos que nortearam as discussões do terceiro encontro, busquei refletir a respeito da agência dos sujeitos. A intenção não está em julgar o posicionamento, o que proponho é a valorização de ideias afrocêntricas nas falas dos participantes, de modo a construirmos juntas as possibilidades de enfrentamento, atuando como agentes de mudança social, sendo Agência a categoria analítica em destaque nesta sessão.

No caminhar com a oficina, busquei trazer à tona essa conscientização sobre as opressões, sobre a pessoa que somos e o lugar que ocupamos no mundo, ou seja, nossa agência, para neste terceiro dia de encontro, centrar a discussão nas vias de libertação por intermédio desta agência afrocentrada. Aqui, fazemos um recorte no espaço-tempo onde este trabalho se encontra, onde o foco está na via de enfrentamento às opressões pela Educação.

Neste sentido, trazemos as discussões sobre a potência do sujeito na luta coletiva e a conscientização de seu lugar social, debatidos nos primeiros encontros, a fim de relacionar com a potência do Ser Professor e discutirmos sobre como uma visão afrocentrada pode potencializar este ofício importante e necessário para a luta pela emancipação do povo negro.

Enquanto sujeitos políticos, nós, professorus e pesquisadorus, temos como principal meio de luta a Educação, que nos permite reverter o processo alienante imposto como projeto no país. O alerta para pensarmos o lecionar como ato político é feito por Bell Hooks (2013) em “Ensinando a Transgredir”,

O escrever, conforme pensava então, era uma questão de anseio particular e glória pessoal, enquanto o lecionar era um serviço, uma forma de retribuir à comunidade. Para os negros - o educar - era fundamentalmente político, pois tinha raízes na luta antirracista (Bell Hooks, 2013, p. 10).

Por Florestan Fernandes (2019) em “O trabalho político do professor”

É possível arrolar vários problemas e temas que mostram a necessidade de o professor, no seu cotidiano, ter uma consciência política aguda e aguçada, firme e exemplar. Não que ele deva se tornar um Quixote ou um espadachim. Mas ele precisa ter instrumentos intelectuais para ser crítico diante dessa realidade e para, nessa realidade, desenvolver uma nova prática que vá além da escola (Fernandes, 2019, p. 82)

E tantos outros intelectuais que centram seus trabalhos na negritude. Muitas vezes nossos trabalhos como educadorus continuam sendo o mesmo, o que muda são nossas motivações e interesses. Compartilhar com outras pessoas que, assim como nós, têm os mesmos anseios de pensar uma outra educação, fortalece tanto nossa batalha individual quanto a força do grupo que se movimenta junto.

Ao construirmos redes de apoio com professorus e futuros professorus e dialogarmos sobre demasiadas questões, não podemos perder de vista a real intenção, que é nos livrarmos das amarras epistemológicas advindas do atual modelo de ensino, para juntas, criarmos a possibilidade de nossos alunos se emanciparem intelectualmente, podendo, ou não, escolher o caminho da luta educacional como opção de mudança da atual situação precária do negro no Brasil.

Como discutido anteriormente, só é possível agir sobre uma situação de opressão quando se tem conhecimento de tais problemáticas. Nesse sentido, foi proposto o debate com os participantes da oficina sobre o atual sistema educacional brasileiro, o lugar que o aluno negro ocupa, bem como a Lei Federal 10.639/03 que visa garantir o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Para tanto, as principais provocações vieram por meio dos questionamentos **“o que você lembra de ter estudado sobre história e cultura do povo negro no período escolar?”** Tal questionamento abriu espaço para discutirmos a respeito da lei 10.639/03 e trazer outras

provocações: **“você acha que essa lei garante um ensino justo e inclusivo? Você acha que o atual modelo educacional dá conta de atender as demandas dos afro-brasileiros?”**

Pensar sobre como foi a vivência escolar para nós e como está sendo para nossos alunos no dia de hoje nos ajuda a refletir: **pensar em escolas afrocentradas é utopia?** Reflexão proposta como último questionamento do terceiro encontro.

No decorrer do encontro, apresentei os aspectos centrais da Afrocentricidade proposta por Asante (1980), conversamos sobre as Categorias Analíticas e os Processos de Transformação da Consciência.

A consciência afrocêntrica nos ajuda a compreender a importância da valorização das pessoas negras que vieram antes de nós. Somos caminho, somos continuação, somos correnteza. Somos parte de um todo mais complexo do que nossas palavras castradas podem descrever. Entender e se apropriar desta potência nos permite caminhar com autoestima, sem medo, com a certeza que somos capazes de qualquer coisa, e acima de tudo, merecedoras, merecedores, merecedorus.

3.1. O que você lembra de ter estudado sobre história e cultura do povo negro no período escolar?

Esse questionamento trazido no título da sessão esteve muito presente no desenvolvimento desta pesquisa. Em qualquer oportunidade de perguntar sobre isso, eu perguntava, e a resposta sempre tinha um denominador comum: escravidão. Faça o teste, caru leitor, pergunte em seus grupos de amigos, na sua família, no trabalho, em seu convívio social: “o que você lembra de ter estudado sobre história e cultura negra no período escolar?” e se surpreenda (ou não) com as respostas.

Ao questionar as participantes a respeito, buscou-se averiguar a hipótese de que as respostas seriam baseadas no tema escravidão, ao mesmo tempo que busquei analisar em suas falas se houve uma procura por informação por parte das participantes, mesmo após terem se tornado professoras. Nesse caso, trouxe como suporte para análise o nível de preocupação/interesse que as participantes poderiam demonstrar, ou não, quando se trata do tema.

Orquídea: *Eu me lembro que até eu entrar nesse grupo de pesquisa da minha orientadora de doutorado onde eu comecei a estudar sobre o tema, até então, veja bem, até 2016, até os meus 40 anos, a única coisa que chamava a nossa atenção era o assunto... O*

tema escravidão, né? Nós não tínhamos... Na minha formação, na minha licenciatura, a gente não teve, eu acredito que os cursos ainda são poucos que tá abrindo mais, mas é uma matemática europeia, né? Então a gente nunca abordou essa situação de que antes do conhecimento europeu ser registrado existia o conhecimento matemático africano, afinal de contas foi lá que tudo começou, lá é nosso berço, o berço da humanidade. E a matemática não nasceria depois na Europa, então por isso valorizei a oportunidade que eu tive, porque eu quis aprender mais sobre o tema. Então até mesmo depois do mestrado para mim esse tema era a escravidão, depois que eu fui me aprofundar eu fui ver a riqueza de informações que a gente tem que a gente precisa trazer para os nossos estudantes, principalmente da Educação Básica que são os estudantes que sofrem muito. Nós passamos por uma situação de bullying em uma turma minha de 7º ano com uma criança negra haitiana, e a gente precisa aprender a trabalhar isso na sala de aula, eu usei esse conhecimento de que a origem foi lá na África, né? Então não tem nem porque querer ser preconceituoso com a garota. Então era isso, era só escravidão que a gente sabia.

Girassol: *Meu filho tá com 14 anos, eu acompanho os livros continuam na mesma perspectiva tentaram incluir alguma coisa sobre capoeira, só tem algum tipo de linguagem, mas não é... Na minha concepção não é o suficiente ainda. Como na minha época de escola que também não tinha. O que a gente aprendia era que negro veio nos navios escravizados e trabalhavam aqui, eram catequizados e depois veio o período da abolição.*

Tulipa: *Eu também não me recordo de muita coisa da infância, né? Eu confesso que eu fui aprender mesmo sobre a história agora no projeto que as professoras desenvolveram. É muito essa questão mesmo da escravidão que a gente aprende né, até os livros traziam isso, não me recordo muito do que os livros traziam, mas o que a gente consegue lembrar, se recordar era disso. Então foi uma das prioridades quando eu resolvi desenvolver o projeto agora esse primeiro semestre, trazer isso para as crianças e tirar essa questão da escravidão, não é isso, né? Não posso passar isso para minha criança, porque ali onde eu trabalho, na educação infantil é a base, né? Então eu preciso ensinar, eu preciso plantar essa semente dentro delas. Então o que eu não tive na minha infância dentro da escola eu quero passar sim, para essas crianças. Claro que eles não vão aprender tudo, mas eu sei que eu vou conseguir, eu consegui plantar uma sementinha dentro do coração delas, trabalhar toda essa questão... Lá dentro da turma do Lírio que são crianças de 3 a 4 anos, tem um menino que falou que ele não era bonito justamente por conta do cabelo dele que é bem*

encaracolado, mas ele ouviu, eu tenho certeza que ele ouviu de alguém falar que ele não é bonito por conta do cabelo, mas a professora trouxe histórias falando quanto era bonita ter o cabelo encaracolado, então da onde que ele tá ouvindo isso? Ele precisa de mais coisas positivas para poder aceitar, né? Toda essa geração, toda essa história dele, então acho importante a gente trabalhar isso, ensinar o que nós não aprendemos. Então é isso, mas do que eu estudei também não consigo me recordar nada que trouxesse essa história, essa cultura afro.

Margarida: *Bom, na época em que estudei, eu não sou novinha, eu comecei a estudar o Brasil estava saindo do regime da ditadura, então eu tive aulas de educação moral e cívica e o que era falado para nós dentro de sala de aula durante toda a minha formação até o ensino médio era apenas a questão da presença do negro na relação de escravidão, né? Que o português capturava os negros da África, traziam nos navios negreiros, aí se fala muito em Zumbi dos Palmares como referência de um Martin Libertador do povo africano no Brasil [...] Mas o que eu aprendi na escola foi essa questão da escravidão, apenas. Eu não tinha nenhuma referência quanto à Matemática e na minha licenciatura, ele é mais nova, eu me formei em 2019, foi até mencionado em algumas disciplinas a questão da nova lei que nós tínhamos que tá incluindo a cultura africana no contexto escolar, só que a gente não tem norte, a gente não... eu não vivenciei isso, e eu não tenho ideia de como trazer isso para dentro da minha aula, porque não é algo que eu vivenciei, e nos livros didáticos também é difícil encontrar, não tem, então eu uso muito internet, tento fazer alguns paralelos com algumas tribos que usam as figuras geométricas para decorar paredes, mas eu acho que ainda é pouco porque a cultura africana não é só decorar as paredes das suas aldeias, eles não tinham só isso. Eles tinham uma tecnologia que era uma tecnologia deles e que a gente não tem esse conhecimento.*

Ao lançar a pergunta as participantes, a hipótese era de que as respostas girariam em torno do tema escravidão, como de fato ocorreu. No ensino escolar nos é retirada a oportunidade de aprender sobre nossos ilustres ancestrais que deixaram inúmeros conhecimentos valiosos nessa terra, que poderiam servir de inspiração para nosso povo, nos apresentando apenas a figura de escravizado. Além de corroborar com a hipótese inicial, os relatos das participantes trouxeram pontos relevantes a serem pensados e discutidos.

Orquídea traz um relato pessoal interessante. Mesmo tendo passado pelo mestrado, a participante ainda tinha um arcabouço bem reduzido de informações a respeito da história e

cultura afro-brasileira, fato que corrobora com nossa hipótese inicial. Enquanto professora de Matemática, não tinha tido acesso a conhecimentos sobre a Matemática ter nascido em África até começar a participar de um grupo de pesquisa sobre Etnomatemática no doutorado. Acessar conhecimentos sobre África de forma positiva a ajudou a contornar uma situação de bullying em sala de aula, pois utilizou desses saberes para exaltar a história e cultura negra como forma de acolher a aluna perante a situação de *bullying*.

Algumas vezes enquanto trabalhadoras da educação, nos deparamos com situações desafiadoras como nesse relato, ou no relato de Camélia no capítulo anterior, e dispor de recursos apropriados faz diferença para nós, enquanto mediadoras daquela situação, e para o aluno negro em questão. Mesmo que com alguns deslizos, como relacionar todo aluno negro a África sem saber o país de origem, é importante que se traga outra figura do negro para a sala de aula que difere da figura do escravizado.

Paralelo ao relato das colegas, o que Girassol se recorda de ter estudado no período escolar sobre história e cultura afro-brasileira se resume a escravidão. A participante traz ainda que acompanha o estudo de seu filho e atualmente não é muito diferente. Percebe que em materiais didáticos foi incluída uma linguagem mais abrangente, mas que em sua opinião não é o suficiente.

Trazer a capoeira para o âmbito escolar é uma estratégia boa para apresentar história e cultura afrobrasileira nas escolas, mas será que essas oportunidades estão sendo exploradas, dialogadas e repercutidas no âmbito escolar, mostrando como a população negra resistiu bravamente aos tempos de escravidão? Será que paralelo a capoeira como uma arte, vieram as histórias de resistência e luta pela libertação? As táticas de sobrevivência e cultura ancestral de conexão com seu povo? Bom, não podemos aqui responder essas indagações, ficando em aberto para estudos futuros, mas podemos refletir sobre como nossa história é banalizada nos meios escolares.

Assim como as demais participantes, Tulipa não teve acesso a história e cultura negra para além do tema escravidão. A participante trouxe um importante relato sobre como tem aproveitado seu lugar de ocupação na escola da Educação Infantil para abordar temas relativos a história e cultura afro brasileira de forma diversa, sem o estigma da escravidão, para que os alunos tenham uma vivência diferente da que a mesma teve em seu ensino básico.

Interessante observarmos como o processo de preocupação/interesse se faz ativo em sua fala. Na medida em que a mesma relata que não teve acesso a informações sobre o próprio povo e entende a necessidade de tais conhecimentos, faz uso de seu lugar político de

atuação na escola para trazer para os alunos ao qual tem acesso informações que a mesma não teve oportunidade de acessar quando criança.

A participante destaca ainda a importância de os alunos, negres ou não negres, terem acesso a conhecimentos sobre história e cultura afro-brasileira desde cedo, desde a educação infantil, pois assim planta uma sementinha no coração deles para que eles tenham uma visão positiva sobre si e os outros.

O relato desta participante em especial, foi muito gratificante. Essa oficina ao qual estamos recorrendo foi a segunda tentativa de produção de dados desta pesquisa, a primeira não pôde ser concluída por evasão dos participantes e Tulipa foi uma das participantes que esteve presente na primeira edição. O fato de ela relatar ter desenvolvido o projeto impulsionado pela troca que tivemos na primeira edição da oficina, reflete o propósito especial deste trabalho para além das burocracias e a gratidão por poder contribuir com a prática da professora.

Fazer uso político do nosso lugar de ocupação no mundo é refletir em outros o mesmo desejo por emancipação intelectual, pela autoestima que nos impulsiona a agir em prol da nossa comunidade negra, como a participante Tulipa fez em sua escola. O relato dela nos ajuda a conectar o que viemos recorrendo até aqui. Se sabemos quem somos, se sabemos que ocupamos um lugar político, temos a possibilidade de trazer muitos outros conosco e “conseguir plantar uma sementinha dentro do coração delas”.

Vimos que a Agência se constitui como a capacidade de agir a partir de seu lugar político de ocupação usando dos recursos disponíveis, em prol do melhor para o nosso povo. Nos inspiramos no relato potente de Tulipa, ao qual usa de sua agência para fazer diferença na escola onde está ocupando um cargo de coordenadora. Destaca em sua fala a importância de trazer para suas crianças, desde pequenas, o que a mesma não teve acesso na fase escolar, e mesmo com todas as barreiras impostas por ser uma mulher negra, escolhe fazer um trabalho que traga a centralidade negra fora do mês da consciência negra, quando é incentivado para o cumprimento da lei 10.639/03.

Isso nos revela uma potencialidade política de pessoas que, assim como Tulipa, se movimentam dentro de suas possibilidades,

O educador tem uma liberdade muito grande. Pode identificar-se com uma classe ou com outra, pode identificar-se com a classe dominante, com as classes intermediárias ou com as classes subalternas. É claro que o educador, tendo liberdade de escolha, pode dispor de uma ampla margem de atuação política na sociedade (Fernandes, 2019, p. 88).

Muitas das nossas crianças são educadas frente a uma cultura que não as inclui. Diante deste cenário, se torna cada vez mais urgente que nós, enquanto professoras afrocentradas, nos encarreguemos em trazer os alunos negres para a centralidade de sua raça, para a percepção de seu povo como potência mundial.

Em relação ao questionamento, a fala de Margarida não se difere das demais participantes quando relata ter estudado apenas sobre a escravidão, salvo o nome de Zumbi dos Palmares ser mencionado como libertador.

O que nos chama a atenção nesse relato é o uso da palavra “tribos” quando a participante menciona o que traz de cultura africana para suas aulas. Infelizmente esse discurso não é isolado. Materiais disponíveis na internet ainda trazem esse estigma de uma sociedade primitiva cuja contribuição para a cultura ocidental está nas artes de padrões decorativos, ou em jogos de tabuleiro com uma matemática escondida. Sabemos que

É recorrente a caracterização dos povos que habitam o continente africano como seres que vivem em tribos querendo dizer com isso ausência de organização social sofisticada. Seriam estes primitivos, ou seja, vivendo em um estágio civilizacional inferior ao dos europeus. (Benedicto, 2016, p. 13).

Veja bem, quando só o que temos acesso é o estigma de uma sociedade primitiva, que nada contribuiu para a civilização moderna ao qual conhecemos hoje, tendemos a reproduzir falas errôneas como essa. O fato de uma professora dizer isso reflete a ausência de práticas efetivas de ensino de história e cultura afro-brasileira em todos os níveis de formação. Quando não temos acesso a nada a não ser o negro como escravo e África como primitiva, tendemos a nos agarrar a esse discurso errôneo.

Chimamanda (2009) traz uma reflexão potente sobre o que estamos tratando aqui. Quando estamos acostumados a ouvir uma e somente uma verdade a respeito de um povo, aquilo se torna a verdade para nós. Esse relato não diz respeito somente a essa pessoa, é o reflexo de uma sociedade que vive alienada da história do que chamam de país. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (Adichie, 2009, p. 10).

A única história sobre os negres contadas nas escolas é a da escravidão. Um povo que contribuiu significativamente para o desenvolvimento do que hoje chamamos de Brasil, é lembrado pela história como a figura do escravizado. Ao retirar a possibilidade do aluno negro se identificar com a figura de seus ancestrais de forma positiva, o sistema educacional

contribui e reafirma a não identidade do negro quando suas referências estão em algo que ele não quer ser.

Conforme afirma Woodson (2021), só é possível fazer o negro ter orgulho de seu passado ao abordá-lo de maneira científica e ao apresentar sua história ao mundo. “O que os outros escreveram sobre o negro durante os três últimos séculos teve a finalidade de trazê-lo para onde ele está hoje e mantê-lo nesse lugar” (Woodson, 2021, p. 182).

A escravização criminosa do povo africano pelos europeus é um fato de nossa história e deve sim, ser abordado nas escolas, mas não foi só isso. Nossa história foi reduzida à escravidão por um sistema educacional que fez questão de nos apagar até que os nomes fossem esquecidos e restasse apenas escravos salvos pela princesa.

Ao refletirmos sobre como foi para nós, professoras e pesquisadores, podemos refletir sobre os impactos que esse modelo educacional excludente gerou em nós e as possibilidades de visão de mundo ceifadas num ambiente dito de aprendizado.

Refletindo sobre nossa socialização, buscamos trazer um comparativo sobre como temos encarado o sistema educacional atualmente, agora ocupando um outro lugar, e refletirmos sobre o que temos feito e o que podemos fazer para que os jovens tenham uma socialização racial diferente, mais rica e potente do que foi a nossa um dia.

Ainda sobre o relato de Margarida, é irônico observar uma lei que há mais de 20 anos entrou em vigor no Brasil sendo mencionada como uma lei nova. Infelizmente para nós, professoras que não tivemos acesso adequado a ela na formação, parece ser uma novidade, assim como relatado pela participante.

O fato de a lei que deveria garantir que nossa história fosse contada, que nosso povo fosse visto e reconhecido pelo sistema de ensino não ser efetiva, gerou um desconforto que impulsionou o desenvolvimento desta pesquisa. Estamos há mais de 20 anos insistindo para que a lei seja cumprida, para que os currículos e as escolas abram espaço para a inclusão de nossa história e cultura, e o que temos até hoje são migalhas. Nós deparamos ainda com cursos de como aplicar a lei ministrados por pessoas brancas.

Ao voltarmos o olhar para nossa socialização escolar em primeiro lugar, refletimos sobre como foi para nós o ensino básico sem acesso a informações emancipadoras do nosso povo, buscamos no próximo momento de reflexão com as participantes pensarmos sobre a atualidade, sobre como temos encarado as políticas públicas de inclusão de nossa história e cultura em sala de aula, para, a partir do paralelo traçado entre passado e presente, podermos refletir sobre o futuro, ao qual somos parte integrante e responsável.

Para tanto, como proposta de intervenção, convidamos as participantes a refletirem sobre:

3.2. A lei 10.639/03 garante o ensino justo e inclusivo? O atual modelo educacional dá conta de atender as demandas dos afro-brasileiros?

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

Nos encontramos hoje há mais de 20 anos depois de uma conquista que prometia ser o marco na vida escolar dos afrobrasileiros: nossas crianças teriam o direito de aprender sobre sua história e cultura nas escolas! Um marco que seria um divisor de águas na educação das crianças negras se funcionasse. Apenas se, porque o que presenciamos na realidade foi um grande número de pessoas perdidas ao pensar em incluir outra coisa senão o tradicionalismo do currículo europeizado.

Apenas se fosse levado a sério, teríamos hoje, 20 anos depois, uma escola mais inclusiva e alunos mais conscientes de sua negritude e sua história, com alunos não negros mais tolerantes e respeitosos. Mas assim como outras políticas aplicadas no Brasil para a população negra, não é levado a sério como deveria.

As políticas educacionais para a população negra, como a aplicação da Lei 10.639/03, encontram grande resistência no sistema educacional e um enorme imobilismo do governo federal e dos estados em ações para sua efetiva implantação. As ações realizadas são tímidas, muitas vezes consideradas como não prioritárias e de ações não coordenadas com demais projetos de política pública (Junior, 2008).

A pergunta provocadora foi trazida na intenção de refletirmos o que pode ter mudado na prática, depois da implementação da lei. Qual a visão das participantes que agora estão em

outro lugar do sistema educacional? Depois de terem relatado sobre suas vivências nos bancos escolares terem sido vazias de representação negra positiva, como será que elas enxergam essa lei que tem o intuito de trazer mudanças significativas para as escolas?

Girassol: *Talvez naquele primeiro momento ela funcionasse melhor do que hoje, né? Porque era algo novo e hoje a gente vive numa situação bem complicada nas escolas, até por conta do governo atual, né? [Governo de 2022 com presidência de Jair Bolsonaro] Mas isso não vem ao caso, o que eu acho importante dela que só o fato dela existir e ser obrigatória, em algum momento as escolas são forçadas a falar sobre ela, a montar o projeto sobre ela, e aí vai a partir de cada professor, né? Então eu enquanto professora quando eu trabalhava em escola de tempo integral com os alunos do ensino médio eu promovia a semana da Consciência Negra e eu chamava os alunos que tinham interesse e a partir da visão deles de preferência que fossem alunos negros, pretos, porque igual a gente falou para falar do lugar deles e a gente debate sobre o racismo debate sobre a cultura africana e parava a semana então eu fiz isso durante uns 4 anos. As escolas de alguma maneira elas têm no calendário e elas são obrigadas a algum momento fazer algum tipo de abordagem sobre o tema. Então pelo menos tá falando, entendeu? Pelo menos você para naquele momento e eu acredito que a gente tem muitos professores bons que tem isso como responsabilidade. Faz nesse momento uma coisa séria, porque ela sendo obrigatória não acontece como deveria acontecer, imagina se a gente não tivesse? É igual a questão das cotas, né? Eu acho muito válido ser uma coisa discutida. Hoje enquanto políticas públicas ou sociais as coisas não funcionam, então acredito que quando a gente tem uma lei, não que ela vai ser 100% porque nem lei de trânsito garante o trânsito consciente, mas traz à tona os debates, porque de alguma forma elas são obrigatórias, mas realmente não dá conta não. Mas aí também não é só essa lei, né?*

Bromélia: *não sei, fico pensando também muito como observadora, porque eu estou morando aqui faz três anos e meio e eu fico perguntando-me coisas que eu descubro aqui também como novidades que tem no Brasil e que eu vejo avanços. Eu fico pensando como professora, as leis não se cumprem, muitas vezes não se cumprem, e o fato que se torne uma obrigação faz com que a coisa seja um pouco mais forçada, seja uma coisa um pouco mais superficial, e muitos professores pode ser que tomem isso como uma luta social para eles, mas também pode ser que se torne uma obrigatoriedade que não tem muito sentido, e aí é onde fica a minha preocupação, se não tem um sentido para escola, para a população que pede uma data, uma lei, então aí está uma contradição da lei. O fato de termos pelo menos*

permite que se tornem momentos de debate e eu como professora também não concordo que seja só uma semana, um dia de dar uma importância para um dia e acabou, não! tem que ser uma coisa constante, tem que estar. Acredito que agora com redes sociais com todo esse movimento que se tem agora com essas crianças que se tem, os alunos puxam os professores, os estudantes falam com o professor, tem muita criança muito política, muito militante, e eu acho que mesmo que o professor não conheça, não saiba, o aluno vai perguntar. E ele vai entender que “nossa preciso dar conta dessa criançada que está pedindo coisas” e eu acredito nisso. Essa esperança que eu percebo na escola, essas mesmas crianças, esses mesmos alunos, as mesmas pessoas que estão militando no movimentos e coletivos que estão puxando na escola essa atenção que eu percebo que na escola se não se fala. Se não se toma isso, essa obrigatoriedade, ela não toma isso como uma prioridade para se debater.

Girassol: *Como eu, que gosto de trabalhar essas questões, eu tô pautada na lei porque hoje a gente pisa em ovos, você não pode falar diversidade, você não pode falar de gênero, você não pode falar de orientação sexual, se você não tiver pautada na lei, você é barrado, então assim, eu retomo sempre essas questões raciais, de gênero. Eu gosto muito de conversar e de falar sobre isso em sala. Então eu tomo muito cuidado de um planejamento fechado e amarrado aonde eu esteja pautado, porque se tiver algum retorno tá aqui ó, tá na lei, então assim, infelizmente não teria que ter essas leis para a gente ter que ser obrigados a falar, mas ao mesmo tempo professores que se sentem à vontade para falar e não podem muitas vezes, é nessa lei que eles vão se respaldar porque na bncc foram tirados palavras como: diversidade, gênero, orientação sexual, porque, né? Então, onde a gente respalda nisso então a gente vai lá nos PCN. Por que são onde a gente pode trabalhar transversalidade dentro dos Municípios do Estado mesmo assim tudo pautado na lei é claro isso acontece desde a época da ditadura e nós como professores na sala de aula, a gente sabe lidar, e falar com aluno nas entrelinhas e o aluno entender, mas não deveria ser assim.*

Um olhar afrocentrado nos permite analisar as diversas barreiras impostas pela lei camufladas de vantagens. Concordamos com Bromélia quando a mesma afirma que não deveria ser uma obrigação, pois assim muitas vezes se torna uma abordagem forçada, reduzida a um dia ou uma semana de consciencia negra, e todos os outros dias do ano letivo as escolas continuam engessadas em seu currículo eurocêntrico sem nenhum protagonismo negro.

Girassol traz um debate importante para pensarmos a respeito das possibilidades de atuação que a lei respalda. Estamos em um sistema educacional que privilegia o eurocentrismo em todas as esferas. U professore afrocentrade que se propõe a fazer um trabalho diferente dos moldes tradicionais europeizados, pode o fazer pautado na lei.

Vimos percorrendo sobre o trabalho político du professore, o que nos impulsiona a pensar em como utilizar desta lei para propiciar aus nossus alunes uma educação de fato libertadora, como o exemplo da participante Tulipa. Porém, devemos nos atentar para não culpabilizar u professore. Entendemos que é de nossa responsabilidade, dus mais velhes, o ensino dus mais jovens, mas vale destacar que o trabalho du professore esbarra em um sistema de ensino que há muito tempo não nos dá autonomia, como destacado por Girassol.

Como essa lei pode garantir o ensino justo e inclusivo quando nunca houve no sistema educacional brasileiro a real integração dus alunes negres, nunca houve uma reparação com o que us negres sofreram na escravidão, e mais do que isso, nunca houve a reformulação do projeto educacional que foi planejado em cima de bases racistas e estão, até os dias de hoje, sendo exaltados?

Em sua tese, Benedicto (2016) realizou uma crítica afrocentrada do pensamento educacional de Rui Barbosa, José Veríssimo, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro, bem como de seus modelos educacionais, a fim de discorrer sobre o papel do eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro. O autor evidencia em seu trabalho, ao qual indico a leitura, que os modelos educacionais aqui implementados foram influenciados pelo eurocentrismo e contribuíram decisivamente para a implementação das políticas eugênicas do Estado.

O resultado dos modelos educacionais criados pelas elites foi a exclusão dos afro-brasileiros do ambiente escolar. Ainda que o projeto de país desenvolvido pela intelectualidade europeizada brasileira não fosse excludente, também não seria satisfatório para os afrodescendentes, visto que rejeitava a cultura africana. (Benedicto, 2016, p. 143).

Há mais de 20 anos, depois de muita luta do movimento negro, conquistamos o direito de garantir que nossas crianças acessem a história e cultura de seu povo nas escolas, porém, tal garantia é ilusória visto que o sistema educacional brasileiro não abriu efetivamente as portas para que us afrobrasileiros fossem plenamente incluídes, como corrobora Benedicto (2016, p. 267), “a escola pública brasileira não tem – não pretende e nunca pretendeu ter – condições de oferecer educação que atenda às necessidades dos afro-brasileiros”.

Nesse sentido, nos questionamos qual a real função desta lei em vigência, se é garantir o básico dos direitos de acesso do povo negro a sua história e cultura, ou é para servir como apaziguadora, como no período escravista onde o Estado lançava falsos direitos por medo dos levantes?

“Então pelo menos tá falando, entendeu?”

Nos é empurrado o mínimo como sinal de uma enorme conquista e nos pedem para que celebremos isso, mesmo que tenha se passado décadas e tal benefício não tenha trazido melhoras significativas a níveis estruturais.

Ao passo que demandamos energias para o cumprimento de uma lei fantasiosa, nos distanciamos do real objetivo de emancipação intelectual do nosso povo. Se estamos lutando, ainda hoje, depois da criação de uma lei de obrigatoriedade pela inclusão nesse sistema que nunca teve a real intenção de nos incluir, dividimos esforços na criação de um sistema que seja pensado por e para nosso povo. Não na perpetuação da regra colonial que nos assombra até os dias atuais, mas a criação de uma possibilidade outra de futuro.

Quando falamos de libertação intelectual, também nos referimos a necessidade de não mais olharmos para essa lei com ingenuidade, acreditando que foi um grande avanço quando nossas crianças ainda são as mais afetadas pela evasão escolar, são os jovens que menos acessam as universidades ou mesmo concluem o Ensino Médio.

Não é possível indicar um momento preciso na história em que a sociedade brasileira tenha decidido romper com o sistema racista. (...) não houve um momento em que os representantes dos afro-brasileiros, indígenas e descendentes de europeus em igualdade de condições se reuniram para apresentar à nação uma proposta para dismantelar as instituições educacionais racistas e construir instituições que respeitem e valorizem as tradições africanas, afro-brasileiras, indígenas e europeias. (Benedicto, 2019).

Estivemos na educação básica e presenciamos a ausência do nosso povo nos livros didáticos, nas histórias de reis e rainhas, na arte e na cultura. Antes de nós, muitas pessoas também presenciaram o mesmo e depois de nós também. A proposta de criação de redes de apoio entre nós, professoras e pesquisadoras negres, visa discutir propostas de enfrentamento para que as gerações futuras tenham possibilidades educacionais melhores do que as que nós tivemos.

Ao passo que racionalizamos nossas escolhas pensamos como família étnica, temos a possibilidade de usar da nossa capacidade como agentes afrocentrados em prol de um futuro que nos inclua no centro de nossa história, não mais dependentes a espera do cumprimento de uma lei fantasiosa.

Mesmo parecendo que estamos avançando em pequenos passos, tudo não passa de uma cortina de fumaça para que se perpetue a regra básica do Brasil desde a criação: hegemonia branca no poder. Além de todos os mecanismos de extermínio do corpo negro direta e indiretamente, o sistema educacional é um dos mais cruéis. Silencioso, porém extremamente eficaz. Nos retiram a possibilidade de nos espelharmos no brilhantismo de pessoas negras que vieram antes de nós, nos reprime com o racismo científico, além do racismo individual que nos mina a autoestima e nos adoce dia após dia.

Diante do exposto até aqui, questionamos:

3.3. Pensar em escolas afrocentradas é utopia?

A possibilidade de encontro com nossa cultura original, o sentimento de pertencimento em contrapartida ao de exclusão, desapropriação e negação de uma raiz que, sabemos, não é baseada em servidão ao qual sempre nos foi ensinado na escola, nos impulsiona a pensarmos enquanto comunidade.

A exclusão que assola a vida acadêmica dos alunos negres, ao qual os impõe uma outra cultura, uma forma de organização social que diverge de sua ancestralidade, fez com que, ao passar de anos de exclusão, o indivíduo negro perdesse quase que totalmente o vínculo com suas origens, consequentemente, o vínculo com seu povo,

Nenhum esforço sistemático em prol da mudança foi possível, pois, ao aprender as mesmas economia, história, filosofia, literatura e religião que estabeleceram o atual código moral, a mente do negro foi colocada sob o controle de seu opressor. O problema de manter o negro por baixo é, portanto, resolvido com facilidade. Quando você controla o pensamento de uma pessoa, não precisa se preocupar com suas ações. Não precisa dizer para não ficar aqui ou se afastar. Ele vai encontrar seu “lugar adequado” e permanecer lá (Woodson, 2021, p. 26).

Voltar o olhar para as raízes africanas é reivindicar o papel de protagonistas nas ciências, arte, história, matemática e tantos outros. Enaltecer a autoestima e consciência crítica dos alunos negres, onde consigam perceber que o retrato do negro como escravizado é um capítulo triste, mas não a história toda. Quando as américas estavam sendo “descobertas” pelos europeus, qual era a situação no continente Africano? Como os povos lá viviam? O que levou esse povo a ser escravizado? Quais eram os papéis dos negros na construção do país, além de meros escravizados?

Como vimos, o atual sistema de ensino nunca quis nos incluir. Nos permitiram a entrada, mas a que custo? De fato, controlando o pensamento, as ações serão controláveis, e é

nesse sentido que os negres perdem a oportunidade de se desenvolverem plenamente, contando com uma educação que os impulse.

Abrimos um espaço de escuta para que as participantes refletissem sobre o assunto:

Girassol: *tensa essa pergunta, né? Não vou responder... é porque assim. Eu não me sinto à vontade para responder porque eu não tenho conhecimento suficiente sobre essa questão da Afrocentricidade, mas tudo que envolve questões raciais, africanas, indígenas, a questão também do feminismo né porque é uma bandeira que eu levanto bastante. Todas essas questões hoje em dia no Brasil tão polarizado é complicado, é uma mudança muito grande, vamos dizer assim, hoje teria que ser radical, de postura de todos... o que eu sinto falta é o acolher, é o respeito. Sei lá. Eu tenho medo de falar sobre determinado assunto.*

Bromélia: *Então, eu fico pensando, eu não sei se eu vivo numa vida muito utópica, porque eu gosto de acompanhar essas coisas, de pensar um outro mundo, porque eu penso que o que temos está errado, como sociedade, estamos falidos completamente, temos fissuras, não fizemos reparação. Percebo o meu país, vejo só violência, narcotráfico, pessoas que só ficam pensando na orientação sexual dos candidatos e assustados, moralistas, não tem muita diferença do Brasil. Só que o Brasil é sete vezes a Colômbia, então é assustador porque você percebe que um país muito grande com ideias totalmente falidas, retrógradas, triste, então eu não penso que seja uma utopia pensar uma escola afrocentrada. Porque eu percebo que elas já existem. Eu percebo que as escolas por exemplo quilombolas, as escolas do movimento MST que é muito forte aqui no Brasil, elas existem, e elas têm os princípios, umas visões de se pensar o lugar, de dar a prioridade, de dar a possibilidade da fala de seus líderes. Então eu penso nessas três dimensões: centralidade, localização e agência. Eu sinto que elas existem, as escolas existem, são escolas um pouco mais alternativas pensando em outras demandas né, permitir que o estudante seja um pouco mais extrovertido que pense em suas paixões, que pensem como se sente, como se expressa. Se eu acredito que nesses momentos de angústia existencial que temos a gente tem que pensar nessa utopia, porque se a gente não fica pensando nessas possibilidades de vida, ficamos no negativismo muito forte que é o que estamos percebendo em todo lugar, todo canto você vê a tristeza ou desconforto. A vida não está legal para ninguém, para ninguém está legal a vida, e obviamente tem privilegiados, tem outras pessoas que nem estão se perguntando sobre essas coisas que a gente tá hoje falando aqui até às 9 horas da noite, mas são possibilidades que por exemplo, Tuane que se chega a ter um patrocínio, sei lá. Eu sei lá uma pessoa que fala: olha você tem*

toda educação, pós-graduação, montamos uma ideia de escola, esse tipo de coisa... Esse tipo de coisa que você tem que atingir, porque se continuarmos com esse continuísmo nunca vai mudar nada então pra mim, minha resposta é sim. Pode pensar em escolas sim, você pode, eu acho que já tem um pouco e tem que ir atrás dessas coisas. Não sei se eu sou muito utópica (risos).

Girassol compreende que para se ter uma escola afrocentrada seria uma mudança radical, mudança de postura de todes, pois vivemos numa sociedade muito polarizada. De fato vivemos, mas será mesmo que é necessário uma mudança de comportamento de todes, para que assim possamos seguir com o projeto de emancipação intelectual do nosso povo? Não é isso que esperamos há séculos? Não é isso que esperamos desde que a lei 10.639/03 foi sancionada?

O argumento da participante é interessante para pensarmos. O tema Educação Afrocentrada é sim radical. Nos libertar das amarras epistêmicas do colonialismo nos pede radicalidade, pois não nos cabe mais a ingenuidade de esperar que quem nos oprime vá nos entregar a chave para a emancipação. Como nos provoca Fernandes (2019),

Se o conservador quer mudar alguma coisa, quer fazê-lo para preservar suas posições de poder ou, então, para amplificá-las, para não correr riscos; o reformista quer mudar para conquistar posições de poder; por sua vez, o revolucionário quer mudar porque se identifica com classes que são portadoras de ideias novas a respeito da natureza, do conteúdo da civilização e da natureza do homem (Fernandes, 2019, p. 78).

Mas a mudança de postura não precisa vir de todes inicialmente, e sim de nós, pessoas negras dispostas a fazer da sua atuação no mundo uma atuação política. U revolucionárie sabe das barreiras impostas, mas continua agindo para abrir espaço para us demais, assim como o professor Florestan Fernandes citado acima, Sueli Carneiro, Bell Hooks, Abdias Nascimento, Lélia González, Frantz Fanon e tantos outres que vieram antes abrindo espaço para que hoje pudéssemos estar neste espaço falando sobre escolas afrocentradas como uma realidade.

Assim como Bell Hooks (2013, p. 53), concordamos que “nenhuma educação é politicamente neutra”. A educação a qual nosso povo está sendo alimentado é como um biscoito água e sal, engana a saciedade mas continuamos com fome. Temos fome de conhecimento sobre nós, sobre de onde viemos e a qual lugar pertencemos, e muitas vezes só

nos damos conta quando conseguimos sair, mesmo que só um pouco, das amarras epistemológicas do colonialismo.

Trazer à tona a urgência de escolas afrocentradas como forma de enfrentamento ao atual sistema estruturalmente racista, nos impulsiona a pensar numa outra realidade de futuro, criado a partir dessas instituições que educam u negre como valiose.

Concordamos quando Camélia diz que estamos vivendo em uma sociedade completamente falida, triste, com ideias retrógradadas, e por isso devemos agir para sair deste lugar, “porque se ficarmos nesse continuísmo nunca vai mudar nada”.

As participantes trouxeram pontos de vista que se complementam para pensarmos em outros modelos educacionais. Por mais que seja difícil e uma mudança radical, como trouxe Girassol, é necessário para sairmos dessa lógica colonialista que se perpetua e continuará perpetuando se nós, us verdadeires interessades na mudança, não fizermos acontecer. Tarefa árdua e difícil, muitas vezes solitária, mas que se faz necessária. Conforme nos alerta Woodson (2021, p. 51), “o negro nunca conseguirá mostrar toda a sua originalidade enquanto seus esforços forem dirigidos de fora por aqueles que são responsáveis por seu banimento social”.

Diverses autorus têm contribuído significativamente para pensarmos em modelos afrocêntricos de Educação. Um dos focos centrais é o currículo, tanto da educação básica, quanto da formação dos professorus que, estando ainda nos moldes colonialistas, não refletem o que queremos dizer a respeito da Educação Afrocentrada.

Almeida (2019) discute a importância fundamental de repensar a formação docente, bem como o currículo dos cursos de formação inicial e continuada de professorus. A autora apresenta em seu trabalho a contribuição do currículo afrocentrado para a efetivação de uma formação e prática pedagógica docente com vistas a ampliar, valorizar e visibilizar os valores, as histórias e os saberes africanos e afro-brasileiros.

O Professor Renato Nogueira (2010) traz uma análise das possibilidades da Afrocentricidade na educação. Discute, entre outras coisas, os fundamentos para uma educação afrocentrada e os elementos para um currículo afrocentrado.

A professora Aza Njeri (2019) traz reflexões sobre prática pedagógica antirracista e apresenta o Ndezi no Parque, uma prática afrocêntrico-pedagógica para educadorus negres. A autora defende que

A educação afrocêntrica apresenta um tripé estruturante: conhecimento acadêmico, conhecimento de mundo, conhecimento de seu povo e história. Ela também deve

conduzir, encorajar e dirigir os estudantes para as tecnologias do futuro, de forma a garantir a sua sobrevivência na contemporaneidade (Njeri, 2019).

No que se refere a contribuições para pensarmos modelos educacionais afrocêntricos, o professor Ricardo Benedicto (2019) defende que somente uma educação centrada na experiência africana e dos afro-brasileiros é capaz de oferecer a formação que os africanos da diáspora no Brasil necessitam. Define em sua tese de doutorado esse sistema educacional como Quilombista,

um processo de transmissão dos valores, crenças, costumes e conhecimentos para que os afro-brasileiros possam viver de maneira adequada nesta sociedade garantindo, assim, a continuidade do seu povo e de sua cultura. Esta educação deve ser inspirada na experiência dos quilombos, visto que estas sociedades permitiram aos africanos existirem nesta terra sem renunciarem a sua africanidade, além de serem abertas aos indígenas e brancos excluídos do sistema colonial. Assim como os quilombos se constituíram como espaços de construção da identidade afro-brasileira e de resistência à aculturação européia a educação quilombista, hoje, deve ser concebida como um processo de formação do amefricano do Brasil e de resistência ao historicamente constituído modelo eugênico e eurocêntrico de educação com vistas à construção da sociedade democrática intercultural quilombista (Benedicto, 2016, p. 245).

Podemos hoje contar com esses e muitos outros exemplos de educadoras que se movimentaram a partir de suas agências afrocentradas para contribuir com o avanço das ideias afrocêntricas na Educação, de modo que nós, professoras e pesquisadoras, podemos nos apoiar no brilhantismo das que vieram antes de nós, para avançarmos cada vez mais rumo ao nosso objetivo.

“Mas é possível esperar que professores revolucionem a ordem social para o bem da comunidade? De fato, é isso que devemos esperar. O sistema educacional de um país é inútil a menos que realize essa tarefa” (Woodson, 2021, p. 144). Dito isso, trazemos ainda as palavras do professor Fernandes para pensarmos que “mudança, substantivamente, sempre é mudança política. Se o professor pensar em mudança, tem que pensar politicamente. (2019, p. 78).

Como discutido anteriormente, ao estarmos presas nesse sistema educacional que nunca quis de fato nos incluir, seguimos os rumos pré estabelecidos pela minoria que ainda dita as normas de todes, sem podermos fazer muito a respeito dessa situação já colocada no Brasil. As questões discutidas aqui perpassam vários setores da sociedade, não estando a Educação a par de resolver todas as demandas, mas sabemos que uma sociedade se constrói com pessoas, bem ou mal intencionadas. A questão é, vamos ou não nos preparar para enfrentar ativamente essas estruturas racistas?

Vale lembrar que “a raça só vai se livrar dos exploradores quando decidir fazê-lo. Ninguém mais pode realizar essa tarefa por ela. Precisa planejar e fazer por si mesma. (Woodson, 2021, p. 120). Trazemos a discussão para o campo político para pensarmos na prática, como família étnica, construirmos juntas possibilidades de enfrentamento aos já citados problemas educacionais da pessoa negra no Brasil, pois acreditamos que, superando os problemas educacionais e construindo uma base sólida, afrocentrada, emancipada e forte, conseguiremos criar uma alternativa de sociedade pensada por e para nós.

Refletimos no decorrer do capítulo como foi nossa socialização escolar, fazendo um paralelo com o sistema atual de ensino e a lei 10.639/03. Armados de uma consciência crítica a respeito da atual situação dos alunos negres no sistema de ensino, discutimos as possibilidades de se pensar em escolas afrocentradas como formas de resistências e aquilombamento. Adiante, trazemos um outro recorte necessário para pensarmos a Educação Matemática pelas lentes da Afrocentricidade.

Vampiros Veganos¹⁶

Thiago Elniño (part. Luciane Dom)

*Eu trago ideias pra adiar o fim do mundo
Quando aos olhos de Gaia nosso fim é
necessário*

E cês achando que eles não sabem disso

Por isso, mais do que nunca

'Tão matando preto pra caralho

Já que robôs agora fazem serviço

*O excesso de mão de obra vai ficando
dispensável*

*E, mano, se for preciso, eles se escravizam
entre si*

*Nesse jogo de resta um, a lealdade é
descartável*

*E eu nem acho que ninguém criou vírus
nenhum*

*Mas eles usam toda desgraça desse mundo
a seu favor*

Não dá pra negar que eles são inteligentes

*Na hora de fazerem merda, eles merecem
louvor*

Estratégia, pretos!

Papo de Quilombismo!

*A nossa cara é ficar vivo, a deles é o
fascismo*

*É inocência pedir pra que não nos matem,
mano*

*Cês 'tão pedindo pra vampiro se tornar
vegano*

Engano

Engano

Engano

Engano

*Cês 'tão pedindo pra vampiro se tornar
vegano*

Engano

Engano

Engano

Engano

*Cês 'tão pedindo pra vampiro se tornar
vegano*

Eu vi o sangue de um irmão

Escorrendo pelo chão

Me diz quanto vale a vida lá no Carrefour

Quanto vale a vida lá no Car

Eu vi o sangue de um irmão

Escorrendo pelo chão

Me diz quanto vale a vida lá no Car

Quanto vale a vida lá no Car

Quanto vale a vida

Quanto vale a vida

Quanto vale a vida

Quanto vale a vida

Eu sou tipo um Thanos com recorte racial

*Se eu junto as jóias do infinito, cês sabem
quem vai sumir*

*Isso não se difere tanto do que os
caucasianos fazem*

*Mas eles nunca vão ter a dignidade
história de assumir*

*Eu não vou deixar a história do meu povo
se resumir*

*A um saco de dores e traumas herdados do
período da escravidão*

*É pra não deixar o ódio me destruir, me
consumir*

*Que eu transformo em arte o amor que
muitos vêem como uma espécie de
agressão*

*Sem digressão, é o orixá na frente e vai,
vai, vai, vai, vai*

*Várias porrada dos pequeno, uma hora
esse gigante cai*

*Pela minha mãe, pelo meu pai, pela honra
dos meus avós*

*Pela de todo ancestral que meu Ori escuta
a voz*

*O tempo é lento, ele é veloz, o tempo não
se dobra a ninguém*

*Por isso quem respeita o tempo, recebe o
melhor que o tempo tem*

*Carrega na eternidade o valor
fundamental*

*Dignidade do início até chegarmos no
final e vice versa*

4. Eu, Professore de Matemática Afrocentrade

Para contextualizar u leitore acerca da problematização trazida neste capítulo, falarei brevemente sobre como surgiram tais indagações. No início trajetória de mestrado, meu projeto de pesquisa não era sobre Afrocentricidade pois eu desconhecia tal conceito. Com a proposta inicial ao qual ingressei no programa de mestrado, buscava investigar o aprendizado de matemática em crianças pequenas, mas essa proposta precisou ser modificada pois era semelhante a uma outra pesquisa em desenvolvimento no grupo de pesquisa ao qual inicialmente fiz parte.

Com a oportunidade de refazer o meu projeto de pesquisa, optei por desenvolver uma pesquisa em uma comunidade quilombola com a intenção de investigar as práticas dos professorus que atuam na escola da comunidade. Porém, essa proposta de pesquisa também não pôde ser desenvolvida devido a pandemia de COVID-19, onde passamos por um período de quarentena e as aulas presenciais foram suspensas.

Devido a impossibilidade de contato com a comunidade quilombola e sem saber ao certo como proceder, foquei meus estudos em pesquisas que relacionasse o ensino de matemática com a comunidade negra.

Como o campo da Educação Matemática tem se relacionado com o recorte racial? Como a formação de professorus têm contribuído para superar o racismo em sala de aula? Quais ações têm sido desenvolvidas nesse campo que contribuem significativamente para o ensino de história e cultura africana e afrobrasileira? Esses foram alguns dos questionamentos que guiaram a busca por respostas.

Ao relacionar u alune negre e o ensino de matemática em banco de dados de pesquisas desenvolvidas, pude perceber o alto índice de pesquisas que traziam a Etnomatemática como referencial teórico e metodológico. A partir disso, mergulhei em pesquisa de autorus renomados na área para entender tal proposta. Me inscrevi em cursos de formação onde o foco era discutir educação de matemática antirracista, e tive a oportunidade de ouvir e tirar dúvidas com o próprio Ubiratan D'Ambrósio após estudar todos os textos dele disponíveis na internet e ainda comprar alguns de seus livros.

De fato, é um trabalho admirável em muitos sentidos. Mas um certo posicionamento em seus textos me chamava muita atenção, gerou um incômodo inexplicável. Como alguém que escrevia coisas tão potentes poderia ter um posicionamento ao mesmo tempo excludente? Não me soava justo a afirmação “ensinar a cultura do dominante sem que o sujeito perca o vínculo com a cultura original”. Porque insistir na ideia de uma cultura sobrepõe-se a outra?

Ao questioná-lo diretamente sobre isso, recebi a resposta de que devemos superar essa ideia de negro e indígena, pois todos tem iguais condições de aprendizagem. Será mesmo? Será que cristalizar uma cultura como dominante e tentar traduzir as práticas matemáticas de povos quilombolas e comunidades indígenas para a matemática acadêmica é uma estratégia de valorização da nossa cultura, ou a perpetuação de uma imposição de superioridade eurocêntrica?

Inúmeros questionamentos surgiam na medida em que me debruçava sobre tal perspectiva. Cheguei a questionar-me se o caminho da pesquisa seria esse, até que cheguei em outra de tantas bifurcações que preencheram esse caminho de pesquisa. Nessa, encontrei-me com a Afrocentricidade em uma pesquisa que fez uma leitura Afrocêntrica do modelo educacional brasileiro, onde o autor fez uma leitura precisa do trabalho de nomes renomados no contexto educacional, onde mesmo os autores tendo produzido ideias educacionais potentes que se tornaram renomadas e muito referenciadas, ainda assim, tinham posicionamentos que não superaram o racismo.

Demorei um tempo para digerir e conectar as ideias. A insatisfação que eu sentia era reflexo da revolta com o modelo educacional ao qual o autor estava imerso e dele não poderia sair. Ao invés de dedicar-me a uma pesquisa sobre a Etnomatemática proposta por Ubiratan D'Ambrósio, mudei os rumos da pesquisa para dedicar-me aos estudos da Afrocentricidade.

Na trajetória metodológica construída para a discussão com os participantes da oficina, estão alguns marcadores importantes na minha trajetória. Refletir sobre o incômodo gerado pela colocação do autor: “ensinar a cultura do dominante” me fez procurar por respostas que eu não encontraria na própria perspectiva.

Ao estudar sobre Afrocentricidade, ler as produções de autores afrocentricos, entendi que a Localização Psicológica, Social e Cultural é parte essencial de nós enquanto indivíduos, refletindo diretamente nas nossas produções. Enxergamos o mundo a partir do nosso centro, nesse sentido, como pensar a formação de professores de matemática a partir de um olhar racializado?

Portanto, não temos a intenção de fazer uma crítica ao pensamento de Ubiratan D'Ambrósio ou ao Programa Etnomatemática, entendemos que essa tarefa requer uma outra pesquisa. A proposta é trazer as categorias analíticas, em especial o conceito de Localização Psicológica, Social e Cultural, para refletirmos junto com os pares, sobre nossas referências, onde nos apoiamos na construção de um modelo educacional que traga a centralidade das experiências africanas e afrobrasileiras.

No decorrer dos capítulos anteriores, discutimos sobre o lugar singular que cada pessoa negra ocupa e como a Afrocentricidade pode potencializar esse lugar como uma ocupação política. Propomos pensar numa construção de ideias que coloque a pessoa negra no centro de sua narrativa, munida de autoestima que potencializa o agir a partir da centralidade do próprio ser, a partir de um lugar singular onde a vivência esbarra com diversos componentes que nos fazem ser quem somos. Neste capítulo, a proposta é que pensemos como a Afrocentricidade pode potencializar a atuação do professore/pesquisadore em Educação Matemática.

Antes de encontrar a Afrocentricidade enquanto uma teoria sistematizada, muito do Ser Afrocêntrico já fazia parte do meu modo de vivenciar o mundo. É interessante quando Asante traz que a Afrocentricidade diz mais sobre a localização do que sobre o tom de pele, porque, por mais que o nível de reconhecimento de pele tenha sido algo confuso na minha vivência, os níveis de reconhecimento do meio, consciência da personalidade e preocupação-interesse, que são categorias que fazem parte da Localização, estiveram mais presentes no meu viver, mesmo que sem uma sistematização teórica.

Na medida em que eu ascendia academicamente, intensificava-se ainda mais o desejo por retribuir para a sociedade o privilégio que é ocupar um lugar na Pós-Graduação de uma Universidade Federal. Trazer o nosso povo para falar nesse lugar, chamar demais pesquisadores de diferentes áreas para olhar para a pauta racial e dialogar com minha área de ensino e pesquisa, além de um privilégio, é uma alegria.

Passei boa parte do início da trajetória do mestrado lendo, buscando, refletindo, e ainda assim, insatisfeita. Nada do que eu lia me parecia justo ou suficiente para falar sobre educação para a comunidade negra. Porque ao explorar os saberes de comunidades negras nós (comunidade acadêmica) matematizamos ao nosso jeito? Esse modo de fazer pesquisa, com um olhar de tradutor do que é “dos outros” e o que é nosso, da comunidade matemática científica, me incomodava, mas via-me prese sem conseguir argumentar o porquê.

Quando encontrei a Afrocentricidade nesse caminhar irregular que é fazer pesquisa, muitos dos meus questionamentos puderam ser revisitados e explorados, encontrei uma possibilidade de dialogar com o que eu pensava a respeito da educação para o povo negro, de modo que eu pude sistematizar minhas ideias e conversar com pessoas que, assim como eu, carregam o desejo e a força de vontade de questionar-se e movimentar-se rumo a outros caminhos, diferente desse que nos oprime.

A construção da trajetória da pesquisa, desde os encontros na oficina e discussões até aqui, auxiliaram na reflexão proposta neste capítulo, onde proponho um recorte na área de

atuação do Ser Afrocentrado, afunilando a discussão para a área da Educação Matemática. Proponho-me a discutir e problematizar o atual cenário de pesquisa quando se trata de: aluno negro - (formação de) professores negros - educação para as relações étnico-raciais - ensino de matemática, palavras-chave que guiaram as buscas nos repositórios acadêmicos.

A partir do lugar que ocupamos, seus centros e suas margens, como os óculos da Afrocentricidade podem nos ajudar a olhar para esse cenário que está posto e refletirmos criticamente acerca das nossas representações?

Vale lembrar que a Afrocentricidade é uma questão de Localização porque os africanos vêm atuando às margens da experiência eurocêntrica (Asante, 2009). Esse caminhar das margens ao centro demanda esforços que muitas vezes nem sabíamos serem necessários, mas que, ao refletirmos criticamente nossa atuação, percebemos que muitas vezes caminhamos sem saber ao certo onde ir.

Se pensarmos em uma educação antirracista, ou educação matemática antirracista, o que estamos querendo dizer? Para onde tem caminhado nossas práticas de educação antirracista? Como temos avançado seguindo por esses caminhos?

Uma das categorias que nos auxilia a pensar tais movimentações é a Localização Psicológica, Social e Cultural. A Afrocentricidade é sobre Localização também porque, quando estamos vivendo no mundo nos expressando e contribuindo socialmente, ocupamos uma posição. Se estamos ocupando uma posição de privilégio no ambiente acadêmico e/ou nas escolas de ensino básico, estamos agindo a partir de um lugar onde muitos dos nossos semelhantes não têm acesso.

Ao refletirmos sobre “quem eu sou” damos espaço para a percepção sobre como nos enxergamos no mundo, se a raça faz-se presente na nossa percepção crítica de quem somos. Como vimos percorrendo ao longo dos capítulos anteriores, somos centro em nós mesmos. Nosso lugar singular de ocupação no mundo é centrado nas nossas próprias experiências e visões de mundo. Se somos indivíduos racializados pela sociedade, de alguma maneira, isso faz/fez/fará parte das nossas vivências.

Numa Localização afrocêntrica tudo que te cerca é importante. Tudo que te cerca pode potencializar ou minar seus modos de ser e agir no mundo. Nessa perspectiva, é interessante observar de forma crítica a Localização das nossas referências em todas as áreas da vida, em especial, no ambiente educacional ao qual estamos inseridos.

Refletir sobre a Localização não somente minha, mas das minhas referências em termos teóricos, me ajudou a entender que muito do que vemos sendo reproduzido na academia, ainda nos dias de hoje, está pautado na hegemonia branca. Não há a intenção de

julgar como perspectivas ruins ou qualquer outro adjetivo, mas, na maioria das vezes, são perspectivas eurocêntricas que perpetuam o racismo em seus minuciosos detalhes (seria então, ruim?).

É característico do eurocentrismo apresentar o branco e suas criações, hábitos e costumes como a condição humana universal, enquanto todo não branco é visto como grupos específicos, como etno. Vale lembrar que a Afrocentricidade não se coloca num patamar superior a qualquer outra perspectiva e sim numa linha horizontal, onde todas as perspectivas são válidas e validadas por si mesmas.

Diferente do que vemos a Etnomatemática fazer, com seu olhar de validação e tradução do que é ou não matemática. Enxerga o outro como uma extensão de si mesmo, com um olhar colonizador onde se sabe mais do que o outro por fazer uso de uma matemática acadêmica. Por que procuramos matemática acadêmica em situações do cotidiano de grupos específicos?

É importante salientar que não é a intenção invalidar a perspectiva Etnomatemática ou seus colaborados, o que estamos abordando aqui é que haja uma outra alternativa para se olhar para o ensino de Matemática e outras áreas do conhecimento, que valide as experiências africanas e afrodiaspóricas como ponto de partida, não mais na marginalidade de meros objetos de pesquisa.

Fortalecemos a nossa comunidade na medida que fortalecemos nossas referências, nossos modos de vivenciar a academia, nosso modo de fazer pesquisa. Dessa forma, tornamos as alternativas eurocêntricas desnecessárias para as produções que centralizam nossas experiências.

Há quem possa dizer que há muita coisa boa na perspectiva Etnomatemática, e sim, concordo. Porém, o que nos é interessante é que nossas referências sejam de pessoas que nos colocam como atores, protagonistas, sujeitos centrais e não objetos de pesquisa, assimiladores de uma cultura dita, até os dias de hoje, como dominante.

Não devemos deixar de observar que a Afrocentricidade, no campo da Educação, situa os povos africanos como agentes e não coadjuvantes. Os conhecimentos são validados por eles mesmos, e não porque um pesquisador munido de seu conhecimento acadêmico validou tal e tal coisa como matemática dos povos x, y ou z.

Também não podemos cair no erro de considerar que tudo que conhecemos veio de África como se os outros povos do mundo não tivessem contribuído para o que conhecemos hoje. De fato, muita coisa nasceu em África por ser o berço da humanidade, mas a

Afrocentricidade se preocupa também em estabelecer uma posição horizontal de importância para todos os conhecimentos e formas de fazer.

A afrocentricidade enquanto perspectiva epistemológica nos incentiva a criarmos nossas referências, resgatarmos estudos de intelectuais ao qual não temos acesso nas nossas formações. Essa pesquisa insere-se nos movimentos de aproximação de outra visão de mundo para além da visão eurocêntrica. Estamos advogando pela derrubada desse lugar de privilégio que perspectivas como a Etnomatemática ocupa.

Nós, enquanto professoras negres, se estamos ensinando Matemática de forma descontextualizada, estamos contribuindo com a manutenção do sistema de ensino eurocêntrico cujos méritos sempre são de uma parcela da população que não se parece conosco, mesmo que muito da Matemática que estudamos hoje tenha nascido em África.

Se não problematizamos o teorema de Pitágoras, por exemplo, muito explorado no ensino básico, estamos ensinando a técnica pela técnica, sem contextualizar a existência de saberes criados a partir da experiência histórica do nosso povo.

Um dos desafios talvez esteja em como trazer uma perspectiva afrocêntrica para a área da Educação Matemática em separado das outras áreas do conhecimento. Numa perspectiva afrocêntrica, somos multiversos, não somos fragmentados em matérias. Mas na medida em que precisamos acompanhar o desenvolvimento do mundo moderno, nos vemos na necessidade de fazer uso dessa matemática sistematizada num modelo europeu. Isso nos faz menos afrocêntricos?

A potência da educação afrocentrada não necessariamente está nos conteúdos, mas no conjunto de fatores que colocam alunas e professoras no centro de suas narrativas. Não queremos aqui fazer juízo de valor do trabalho de outres, mas sim convidá-las a uma leitura crítica, percebendo a localização ao qual essa pessoa esteve inserida, e refletirmos se é o caminho ao qual nós, pessoas afrocentradas, precisamos seguir, e refletirmos se tal conceito traz potência necessária para progredirmos enquanto comunidade, na criação de oportunidades de ser e existir plenamente, para nós e os que vem depois de nós.

Se conseguirmos partir da nossa localização enquanto pessoa negra, como interagimos com ideias de dominação branca? Nesse sentido, como questão problematizadora do quarto e último encontro, propus uma reflexão acerca do posicionamento que me fez questionar a potência da perspectiva Etnomatemática nas produções que centralizam o povo negro. Neste encontro, que aconteceu dia 11/08/2022, quinta-feira, com início às 19h30 e duração de aproximadamente duas horas, participaram Bromélia e Girassol.

4.1. “Cultura Dominante”

Tendo discutido com as participantes aspectos centrais da Afrocentricidade, como as categorias analíticas e os processos de transformação da consciência, propus que conversássemos sobre a seguinte frase: **“O grande desafio é como ensinar práticas e ideias da cultura dominante sem destruir os valores da cultura original”**. Foi explicado que se tratava de uma citação, sem dizer a autoria ou teoria-metodologia para não interferir nas respostas. Foi proposto que as participantes relatassem qual o sentimento ao ler essa frase, o que chamou atenção.

Bromélia: *Ensinar práticas e ideias da cultura dominante é o que normalmente temos vivido, estamos aprendendo o tempo todo as práticas da cultura dominante, então eu diria o inverso: qual seria o desafio de deixar de lado essa cultura dominante? Porque eu acredito que a gente já tem essa cultura no nosso dia a dia. E com isso daria um pouco de sentimento de pertencimento ao brasileiro, a nós, como latino-americanos, sabe? Porque eu senti muito isso quando eu cheguei aqui no Brasil, as pessoas falavam em inglês mais do que espanhol ou português, “ai porque eu prefiro inglês” falavam para mim, “não mas eu falo espanhol”, “ah espanhol nunca aprendi”, “espanhol é difícil”, mesmo que estamos mais perto do espanhol, não é aprendido tanto quanto o inglês. Então é isso, esse é o desafio. Como os valores da cultura original seja um pouco mais a prioridade e não a cultura dominante, e sim deixar de lado a cultura dominante, entendendo que a gente precisa, não é o nacionalismo, porque essa cultura de nacionalismo também é preocupante, mas no sentido de pertencimento, de valorização que a gente não tem. Eu percebo o brasileiro bem avançado em muitas coisas, mas ele não se acha potente nisso. Acredita em outras coisas, metodologias, estudos que trazem da França, da Europa, dos Estados Unidos, e do Brasil? Aonde fica nossas próprias coisas, cadê?*

Girassol: *Eu entendo que é tão naturalizado essa cultura dominante na gente que a gente faz no automático e eu acredito que nós somos uma classe de pouquíssimas pessoas, infelizmente, que questionam isso. E eu posso até me questionar, porque eu me questiono muito quando chega esse tipo de metodologia para mim, né? Eu sou uma pessoa que abraço. Eu amo dar aula. Então eu abraço a ideia, mas eu questiono muito essas metodologias que vem de fora e a gente... não digo agora, mas sei lá daqui a uns 10 anos a gente consiga trazer mais para uma realidade brasileira, mas isso na prática, as ideias da cultura*

dominante sem destruir os valores da cultura original, a gente precisa ter uma noção do que são as culturas originais, né? Será que todo mundo sabe? Eu não sei se eu sei né, de todas as culturas originais [dos povos indígenas e africanos]. Porque é tão naturalizado essa questão do eurocentrismo na gente que, para mim, essa cultura eurocêntrica é o natural, ela é o original. E aí eu não sei o quanto as pessoas têm isso dentro delas. Quando eu digo sobre o posicionamento de questionar é porque algo que eu faço há pouco tempo, não é um exercício que eu venho fazendo sempre. Talvez o meu filho venha a questionar melhor isso, mas é uma coisa que eu venho fazendo há pouco tempo porque eu venho de uma ideia de que os Estados Unidos é o top do top, e eu só fui descobrir que não era quando chegou a internet, isso tem uns 15 anos só atrás.

Interessante observarmos a colocação da participante Bromélia. Sendo uma pessoa estrangeira que veio estudar no Brasil, tem sua percepção dos fenômenos a partir do lugar de observadora de fora, observando as dinâmicas do Brasil em comparação a sua nacionalidade, também latina. Em suas observações, percebe que nos falta, enquanto brasileiros, sentimento de pertencimento.

Discutimos sobre o sentimento de pertencimento a brasilidade em outro contexto, e o que a participante trouxe aqui também nos ajuda a refletir sobre tal pertencimento. Como destacado por ela, “estamos aprendendo o tempo todo as práticas da cultura dominante”. Nesse sentido, até que ponto podemos diferenciar o que é nosso e o que é deles? Será que é possível haver essa separação?

A confusão nas mentes dos negros é um projeto de anulação da raça. Não sabemos mais o que somos, o que nos pertence e qual direção seguir. Fanon (2019) explicita bem essa confusão mental ao qual o povo negro sofreu e sofre ainda nos dias de hoje. Fomos retirados do nosso centro ancestral, afastados das nossas referências, nosso viver em comunidade foi atravessado por inúmeros fatores que nos impuseram outra maneira de sentir a vida.

Interessante nos questionarmos sobre qual sentimento de pertencimento queremos reivindicar. Seria sobre ser brasileiro? O que é ser brasileiro? Reivindicar a identidade de um povo que ergueu-se sobre nossos ancestrais, com morte, roubo, estupro, ceifamento da vida? Será que um dia conseguiremos ressignificar isso, ou viveremos sempre na sombra desse passado que nunca nos abandona? Até os dias atuais, a sociedade brasileira é marcada fortemente por essa separação que muitas pessoas racializadas sentem na pele.

A Afrocentricidade nos auxilia no caminho de volta ao nosso centro de origem. Ao pertencimento ancestral ao qual muito nos afastaram com a ideia de uma cultura dominante e

o fato de somente ela ser introduzida nas mentes dos brasileiros. Nisso, retorno a fala da participante Bromélia quando diz: “qual seria o desafio de deixar de lado essa cultura dominante?”

De fato, já somos bombardeados de informações, sobretudo nas escolas, sobre a cultura que se impõe como dominante. Isso não é um desafio para elus, é o que vem acontecendo desde que existe escola nesse território. Concordamos com Bromélia que o desafio mesmo é como deixar de lado essa cultura que se coloca como dominante frente a tantas outras existências nesse território.

Ao passo que Bromélia entende que temos no dia a dia outras culturas que não a dominante, mesmo que não sendo valorizada, Girassol enxerga a cultura eurocêntrica como natural, tão imersa em seu modo de ser, viver e agir, que não vê distinções do que ela é e produz, e o que o eurocentrismo produz na sociedade.

Observando a Localização de Girassol, pessoa que não sabe ao certo como se identificar racialmente, ora colocando-se como branca, ora colocando-se como parda, para ela, “essa cultura eurocêntrica, ela é o natural, ela é o original”. Essa fala toca no ponto sensível ao qual estamos discutindo a respeito da citação destacada para o debate: a Localização Psicológica, Social e Cultural. Muitas das nossas referências também têm naturalizado tal cultura, tal posicionamento frente aos demais. Nesse sentido, tudo que não se encaixa nesta cultura dita dominante vira etno, está na marginalidade porque o centro não pode ser outra coisa, a não ser a cultura eurocêntrica.

Vale pensarmos que essa localização não necessariamente precisa estar explícita, mas sempre vai esbarrar no nosso modo de ver-sentir-estar no mundo. Nossas produções estão carregadas do nosso Eu, a partir do lugar que esse Eu ocupa na sociedade. O diálogo com a Localização pelas lentes da Afrocentricidade nos auxilia a perceber as nuances que muitas vezes pode parecer que não faz diferença, mas demarca um lugar.

Outro ponto curioso é que a participante Girassol comenta como se essa citação fosse de fora do contexto brasileiro, afirmando que daqui há uns 10 anos a gente consiga trazer para nosso contexto territorial. Fato curioso quando percebemos que no final de sua fala, ela diz que sempre foi muito influenciada por uma cultura estadunidense. De fato, como ela mesma afirma e a participante Bromélia também comenta, enquanto brasileiros, estamos carentes de representações. A proposta de reflexão neste capítulo é sobre essas referências que chegam para nós como a salvação, como caminho único e ideal para “combater o racismo”, problema criado por eles, cuja solução eles também propõem oferecer.

A participante Girassol ainda questiona: “a gente precisa ter uma noção do que são as culturas originais, né?” alegando que não sabe que culturas são essas. De fato, somos muito carentes de referências históricas sobre os povos indígenas que pertenciam a esse território antes da invasão européia, como também sobre os povos africanos que, de acordo com Cunha Júnior (2023), colonizaram esse país com culturas mistas e conhecimentos variados.

Cunha Júnior defende que o Brasil não foi colonizado pelos europeus e sim pelos africanos, visto que a maioria populacional no desenvolvimento no país até os dias de hoje, é de pessoas negras, e os conhecimentos, cultura e modos de fazer que construíram essa sociedade, foram advindos do povo africano. Segundo ele,

(...) Os africanos, que foram trazidos e escravizados no Brasil, possuíam elevado nível cultural, sendo que transmitiram essa cultura na construção de tudo que foi feito no Brasil em quase 300 anos da nossa história. Na realidade, pela transmissão dos conhecimentos, quem colonizou, de fato, o Brasil foram os africanos, pensando colonizar como transferência de conhecimentos e a produção da cultura, e não como forma de dominação e invasão de territórios (Cunha Junior, 2023, p. 48).

É importante repetir sempre que essa anulação de culturas em prol da existência de uma única cultura dominante faz parte do genocídio do nosso povo e dos povos indígenas. Sabendo disso, como corroborar com a ideia de uma cultura dominante ainda seja a regra?

Após conversarmos sobre a frase citada e suas possíveis interpretações, expus para as participantes que se trata de uma afirmação sobre o propósito da Etnomatemática, exposto em mais de um texto do autor Ubiratan D’Ambrósio (2005, 2008). Observemos a seguir suas reações.

Bromélia: *Estudo em uma das melhores pós-graduações avaliadas do Brasil. Tem coisas que não se fala, não se discute dentro da pós-graduação. Tem coisas que não ficam visíveis, que não se discute. Coisas da vida fundamentais, e quando você vê uma pós-graduação muito reconhecida a nível internacional, a matemática fica no topo e você se dá conta que tem outras teorias muito, muito mais relevantes, mas ninguém fala, ninguém fala delas, então eu concordo nessas ideias com você. Eu te agradeço por participar de um curso que me permite olhar outras possibilidades nessa procura do meu doutorado. Eu acho bem legal você fazer esses embates. Pra você, Ubiratan pode ser que não seja a figura ideal, mas é conhecida por muitos de nós. Se você fala do Ubiratan, você tem que ser súdito do Ubiratan e não necessariamente acontece, eu conheci ele aqui na Colômbia, também se falava muito de Ole Skovsmose. E eu nunca me imaginei estar aqui com eles vivos*

conseguindo perceber o que eles falavam e quando eu cheguei eu falei “não, mas não é tanto assim como se fala no texto” você se dá conta que você pode ter outras ideias um pouco mais de acordo com o contexto da sociedade que a gente vive, eles já passaram, e a matemática tem que ter uma mudança, as outras matemáticas tem que ter uma mudança e a gente continua como eles pensavam em seus momentos de pós-graduação que eles faziam pois não avança, eu espero que os meus 50, 60 anos eu esteja em outro nível fazendo outro tipo de pesquisa do que eu estou fazendo agora porque se não é assim eu vou ficar no mesmo. Não sei se vocês sabem, tem um processo das formigas que elas ficam fazendo um círculo, um ciclo circular. E quando uma formiga se perde ela fica nesse processo circular e elas morrem de esgotamento, então isso pode acontecer, se a gente fica nos mesmos círculos sabe, nas mesmas coisas, tem que avançar, tem que dar outras prioridades para novas teorias, então eu adorei participar da sua conversa, de aprender sobre outras teorias, te agradeço.

Girassol: *Na minha turma de Mestrado não tinha nenhum negro. Dos professores que deram aula pra gente a minha orientadora, ela é igual Tuane, ela foi se descobrir negra porque ela tem a pele clara, ela foi se descobrir negra depois de muito tempo. Dos meus professores, tirando ela que se reconheceu há pouco tempo como negra, eu não tenho nenhum negro, e aí Tuane falando sobre o Ubiratan é fácil entender a fala dele porque nós vivemos num país racista e machista. E aí quando você pega os discursos nas mesas, você tem uma mulher para três homens ou quando você tem duas mulheres para três homens nas falas mais fortes e muitas vezes interrompidas são para as mulheres, é bem complicado. Não me surpreende essa fala dele, eu fico na verdade decepcionada porque ele trabalha muito nessa questão da insubordinação. E é uma coisa que na primeira vez que eu li... eu não estudo ele, mas eu já li algumas coisas dele. Eu achei muito legal. Eu enquanto professora, você tenta romper com essa coisa burocrática e se vê muitas vezes fazendo ao contrário, mas não me surpreende porque é um homem branco.*

“Se ficarmos nas mesmas coisas, a gente não avança”. Faço das palavras de Bromélia, as minhas. Estarmos inseridos em Programas de Pós-Graduação bem avaliados não garante que tenhamos uma formação adequada para sociedade que buscamos melhorar. Interessante a participante relatar isso, pois muitos de nós passam anos na Graduação e seguem para a Pós-Graduação sem contato com outras perspectivas teórico-metodológicas além de mais do mesmo. A academia é racista e excludente, estar em contato com a Afrocentricidade, entendida como uma perspectiva radical de mudança social é nadar contra

a maré de dominação hegemônica que domina os programas de Pós-Graduação, independente de sua avaliação.

Essa pesquisa faz parte de um projeto maior de pessoas que têm se dedicado a aproximar a Afrocentricidade das discussões acadêmicas. Se ficarmos nas mesmas coisas, exaltando a Etnomatemática por olhar para “matemáticas outras”, insistindo na aplicação de uma lei há mais de duas décadas, a gente não avança, como não temos avanços significativos em termos de estrutura educacional.

Temos consciência de que Etnomatemática é um programa, que está em constante desenvolvimento e muitos pesquisadores estão abordando de formas a fugirem dessa perspectiva colonial. Muito nos interessa maneiras outras de fazer pesquisa, distinta desse modelo predador ao qual tais perspectivas teórica-metodológicas têm se demonstrado.

Parte do porque a Afrocentricidade enquanto perspectiva teórica não aparece na academia é respondido pela colocação de Girassol. Onde estão as pessoas negras nos bancos da Pós-Graduação? Onde estão os docentes negres concursados na Pós-Graduação? Não podemos deixar de problematizar a ausência de uma parcela significativa de pessoas negras fazendo pesquisas acadêmicas e lecionando a níveis de mestrado e doutorado, produzindo pesquisas por e para nosso povo.

Como discutido nos capítulos anteriores, o epistemicídio e o racismo científico têm grande parcela de culpa nessa ausência, que é refletida nas produções acadêmicas e assim o sistema se retroalimenta.

Outro ponto que vale destaque na fala da participante Girassol é o fato de sua professora da Pós-Graduação ser uma mulher parda que também estava perdida no limbo racial. Como conversamos no primeiro capítulo, estar deslocado do centro racial é muito comum no Brasil. Descobrir-se uma pessoa negra é um marco na vivência de pessoas pardas que há tempos vagavam pelo limbo racial. Reivindicar essa identidade traz potência e significância para nossa atuação, seja em que área for.

Trazer isso como um marcador de identidade ressignifica nossas histórias, tanto que a professora em questão compartilhou com a turma da participante essa descoberta, marcada como recente. Tal descoberta marcou-a como a única professora negra de Girassol, uma referência que marca também as ausências.

Além disso, a participante Girassol destaca um ponto importante quando diz que “é fácil entender a fala dele porque nós vivemos num país racista e machista”, “não me surpreende porque é um homem branco”.

Asante nos lembra que a Localização é uma categoria que enfatiza que todas as relações são baseadas em centros e margens, assim como em suas respectivas distâncias de cada lugar do centro e da margem.

Pensar em um homem cis hétero branco, produzindo conhecimento a partir de sua realidade como centro de sua perspectiva, em uma academia racista, sexista, homofóbica e excludente, nos ajuda a entender que, de fato, sua localização está em sua vivência enquanto pessoa no mundo. O que observamos na leitura de seus textos é o caráter distante e minoritário ao qual o autor trata de grupos diferentes do grupo ao qual ele pertence como homem branco.

O que argumentamos não é a exclusão das ideias de Etnomatemática propostas por Ubiratan, mas um olhar crítico para tais, destacando a quais grupos tal proposta realmente privilegia. O fato de não termos, ainda, no campo da Educação Matemática, uma proposta por e para o povo negro que exalte nossa cultura integrando aos conhecimentos necessários para a sociedade moderna, nos leva a ficarmos preses em metodologias que exaltam a cultura dominante como puramente produto da intelectualidade européia.

O vasto número de pesquisas que usam o povo quilombola como objeto de pesquisa, com um olhar colonizador buscando traduzir os conhecimentos de uma comunidade ao conhecimento acadêmico, reflete o que estamos discutindo aqui.

Dito isso, é fácil entender que nessa afirmação contida em mais de um texto do autor “o grande desafio é como ensinar práticas e ideias da cultura dominante sem destruir os valores da cultura original” ele enfatiza a existência de uma cultura dominante frente a culturas outras, culturas originais, onde para que o sujeito exista plenamente no mundo, precise assimilar as práticas e culturas de quem os domina.

Esse tipo de colocação nos lembra alguma coisa? O período escravocrata, talvez? Onde os africanos deveriam assimilar a linguagem do homem branco, sua religião e modos de vivência distintos de sua cultura original como estratégia de sobrevivência? Até quando?

Mas é claro que aqui, nesse caso, o referido autor leva em consideração a cultura original, desde que seja entendida como secundária e assimilada aos valores da cultura dominante. Não é contra a existência, desde que seja dentro de um parâmetro aceitável.

Até quando?

Nesse sentido, é imprescindível nos questionarmos: porque isso nos representaria? Por que quando abrimos o banco de dados e pesquisamos por “Educação Matemática e aluno negro” há uma enchurrada de pesquisas reproduzindo ideias a partir dessa perspectiva? É impressionante o dar-nos conta de que muitas das pesquisas produzidas em Educação

Matemática no Brasil que abordam questões raciais tem a Etnomatemática como fundamentação teórica-metodológica principal.

O que tem orientado nossas pesquisas negras em Educação Matemática parte de um programa pensado por uma pessoa branca que nos coloca como outres, cuja preocupação está em perpetuar a ideia de dominantes e dominados e assimilação em oposição a existência plena.

Essa frase foi destacada para a discussão por ter sido a partir desse posicionamento que dei-me conta do deslocamento do nosso centro racial que tal perspectiva propõe. Nossa Agência busca fortalecer o compromisso com nosso centro racial, de modo que referências que afirmam compromisso com o eurocentrismo educacional deve sim, ser analisada criticamente antes de ser incorporada em nossas produções.

Asante (2009) nos lembra que toda produção que não atende aos interesses eurocêntricos se torna uma produção marginalizada. Quando se fala de explorar diversas culturas, ainda subjacente e impregnado a ideia eurocêntrica de que tudo o que não é diretamente advindo do colonizador é etno. Porque não podemos pensar na nossa cultura como algo central, inteiro e sem necessidade de traduções? Porque a perspectiva do homem branco, mesmo que maquiada de integracionista, merece estar no centro do debate educacional?

Assim como o eurocentrismo é uma perspectiva de mundo ao qual autores como Ubiratan D'Ambrósio têm sua localização, a Afrocentricidade também é uma perspectiva de mundo onde autores como Asante, Karenga, Renato Nogueira, Ricardo Benedicto, Aza Njeri, entre outros, têm sua localização afrocentrada.

Anteriormente, discutimos sobre bases para um currículo afrocentrado ao qual diversos autores têm se debruçado a fim de compor nosso referencial e fortalecer nossas propostas por uma Educação Afrocentrada. Perspectivas essas que centralizam a tradição e inovação pensando na plena existência do nosso povo.

Na sociedade que visamos construir não existem dominantes e subalternos. Não existe uma cultura que nos lembra a todo momento o lugar de inferioridade onde a colonização colocou o povo negro e através de inúmeros mecanismos, o aprisionam e o mantém lá.

Paralelo ao que discutimos a respeito da lei 10.639/03 ao qual nos impuseram como grande avanço, o Programa Etnomatemática não nos representa quando o assunto é educação para alunes negres. Não é aceitável que um programa criado por um homem branco vá nos representar ou falar por nós, quando o que vemos é a constante tentativa de tradução de um sistema complexo, passado também pelos mais velhos pela oralidade, sendo traduzido para

uma matemática acadêmica europeizada, ao qual nos retirou a possibilidade de escrever a nosso modo quando lá atrás roubou nossos conhecimentos e os pintou de branco, para agora dizer: olha como esses quilombolas não alfabetizados produzem nossa matemática a modo deles. NÃO. Não produzimos a seu modo, caro homem branco, vocês é que reproduzem ao nosso.

Diante do exposto, retorno as considerações trazidas nos capítulos anteriores. Nós, enquanto professorus e pesquisadorus matemátiques somos, antes de tudo, sujeitos negres vivendo no mundo. É necessário nos darmos conta da nossa localização enquanto pessoas negras vivendo na diáspora brasileira, o segundo país de maior número de pessoas negras do mundo.

É necessário refletirmos criticamente nosso lugar de ocupação, refletirmos sobre nossas ferramentas disponíveis a partir desse lugar, e nos armarmos de conhecimento sobre nós e o mundo, a fim de nos unirmos como família étnica, cada qual em suas potencialidades, e enfrentamos de igual pra igual, na medida que avançamos rumo a educação de fato libertadora.

A ênfase na potencialidade do ser vem de encontro com nossa agência afrocentrada, na capacidade intelectual que temos, a partir do lugar que ocupamos, de impulsionar uma Educação Afrocentrada que nos coloque como agentes transformadores do mundo. É importante e necessário que nossas referências estejam alinhadas com nosso propósito.

Discutimos anteriormente que a Educação Afrocentrada não é utopia para muitas de nós. A movimentação que fazemos no campo da Educação Matemática abraça outras movimentações em várias áreas do conhecimento.

Depois das conversas e trocas com as participantes, busquei entender um pouco sobre a experiência delas na oficina, sobre como foi para elas esse exercício de aproximação com a Afrocentricidade enquanto uma estratégia de enfrentamento.

4.2. Como você configura o seu encontro com a Afrocentricidade?

Os debates trazidos durante a oficina certamente não são novidade para as participantes. Busquei trazer, na medida do transferível, uma visão afrocentrada para a interpretação dos fenômenos. É certo que a Afrocentricidade não se resume a uma única visão, as diferentes afrocentrades tem perspectivas de mundo diferentes. O que nos une é a agência afrocêntrica.

Após as participantes se apresentarem, eu também me apresentei. Após as participantes opinarem, eu também opinei, explicitando como as lentes da Afrocentricidade têm me ajudado a entender, valorizar, questionar e criticar os fenômenos, como também busquei apresentar a forma como outros autores têm dialogado sobre tais questões.

De quem conduziu essa experiência, posso dizer que foi gratificante, desafiadora, e muito potente. E para elas, como teria sido?

A fim de investigar as potências (ou não) desses encontros, propus ouvi-las a respeito de seus encontros com a Afrocentricidade. No começo, todas relatam que não conheciam a teoria, então, qual foi a primeira impressão que ficou? Para isso, trouxe o questionamento **“Como você configura o seu encontro com a Afrocentricidade? Você a classificaria como estratégica?”**

Questionar sobre considerar ou não a Afrocentricidade como estratégica, foi estratégico. Discutiremos sobre isso mais a diante.

Girassol: *Para mim foi um encontro bem bom. Quando eu vi a palavra pesquisei na internet e tal ela traz... vamos dizer assim, ela é didática, porque quando você fala ‘afro’ você entende que é cultura africana, ‘centrismo’ você associa com eurocentrismo então mais ou menos que você faz essa associação. Se eu vejo ela como estratégia, eu acho que apesar de ser uma palavra bonita, vamos dizer assim, nova para mim, a gente já tenta fazer isso, né? Não vou dizer um todo mas a gente tem uma parte eu acho que artística, né? Eu falo de atrizes e atores, que eles têm esse poder da representatividade, eles usam isso bem. Então de uns 10 anos pra cá assumir o cabelo afro, ele só acontece por conta dessa representatividade. Então eu acredito, acredito que as chaves vão começar a virar quando a gente tiver as representatividades. É porque eu lembro algumas décadas atrás que o perfil de mulher era Barbie, para mim, né? Era Xuxa, né? É muito pouco ainda, eu falo enquanto mulher também é muito pouco essa representatividade. A Afrocentricidade, não digo que ela seja uma estratégia, eu acho que a gente tá dando nome, né? Eu falo pelo cabelo afro, né gente, hoje quantas mulheres usam aquele negócio que alisa né? Formol que passava? E aí você tem um produto para isso, você tem salões especializados para formarem os cachos, enfim. Eu acho que é isso.*

Bromélia: *Então, desde a parte particular com o processo meu com estudo, eu achei um encontro bem legal, um encontro que me permitiu olhar outras possibilidades. Como que a Afrocentricidade está atento a você corrigir sabe, corrigir as coisas que você dava por*

feito, porque olha tinham eurocentrismo, mas olha, aqui está essa possibilidade, corrigir o lugar, corrigir seu amor pelas coisas, sabe? Da onde você nasce, cresce, vive, e assumir no caso do Brasil, assumir que a sua população vem de África. Então entra num processo de configurar-se desde África e como ele foi mudando e se tornando, então eu vejo ele como uma possibilidade muito legal, uma perspectiva muito interessante. Uma perspectiva muito interessante para entrar nos currículos matemáticos e todas as novas tendências cheguem, para não simplesmente ficar em tese de mestrado ou doutorado, mas que chegue mesmo na prática que seria o que se contaria como uma estratégia, né? Porque esse é o meu grande dilema como pesquisadora, como eu consigo chegar com tantas ideias legais que estão nos textos na prática, como eu consigo encantar, fazer uma feitiçaria de todas as coisas legais que a gente escreve e passar para as pessoas, falar olha tem essa tese, olha, você pode procurar uma tese doutorado aqui no repositório. Você pode olhar outras coisas novas, parece que esses conhecimentos ficam muito nessa linha e não chegam para a população, para as pessoas, mas estou pensando nessa posturas, né? Será que fica muito chato ler em ônibus essas coisas como dissertação, será que as pessoas ficariam ouvindo ideias das dissertações em ônibus essas coisas sabe, práticas culturais que cheguem na população do dia a dia, eu acho que isso seria o melhor encontro e a melhor estratégia para essa Afrocentricidade tornar-se vital porque é um termo perfeito, afrocentricidade, o centro ser que seja o afro. E isso acontece já no dia a dia, mas como chegar para que essa população do dia a dia, do cotidiano que fica nas ruas vendendo coisas, não fique lendo best-sellers de sei lá, Londres, mesmo que eu goste, mas que fique um pouco mais nisso. Acho que você está fazendo a sua tarefa legal, Tuane, cada um tá fazendo suas coisas, né? Então hoje foi Girassol, fui eu que ficamos aqui encantadas. Acho que a gente ficou “encantada” um pouco, né, com a força da Afrocentricidade, agora está de nós chegar para os nossos Campos. Obrigado.

Sobre a fala da participante Girassol, vale observar que a valorização da cultura e história africana não se resume à estética. É sim, uma parte importante que não deve ser negligenciada, reconhecemos a importância de tal valorização também pelos níveis de transformação da consciência, onde os processos de reconhecimento de pele, do meio e a personalidade são importantes e necessários, mas não para por aí. Estamos tratando de uma conversa mais profunda do que a aceitação de características fenotipicamente negras. Sabemos que somos negres, amamos ser negres, e aí? Buscamos potência para agir também a partir desse reconhecimento e aceitação.

A participante conclui com a fala: *“acredito que as chaves vão começar a virar quando a gente tiver as representatividades”*, nós podemos trazer essa fala para o aspecto ao qual estamos discutindo aqui. Ela concorda que haver representatividade é importante para as coisas começarem a mudar, pois as referências de pessoas fazendo o que você gostaria de fazer, te impulsiona a seguir em frente. Nesse sentido, destacamos a importância da representatividade negra afrocentrada nas nossas produções acadêmicas, para que “coisa de negro” não seja pensado somente pela valorização dos nossos cabelos afros.

Sobre questionar se as participantes consideram a Afrocentricidade estratégica, é interessante observarmos, não apenas nesse pequeno recorte mas em todo lugar onde se falar sobre Educação Afrocentrada, a forma como essa ideia é rebatida de maneiras diversas. Até que ponto temos “permissão” da branquitude para avançar? “Representar sua cultura e arte por uma cota, tudo bem, cotas para universidades, tudo bem, mas agora, isso que vocês estão querendo fazer é excluir os brancos”. (Fala meramente ilustrativa sem compromisso com a realidade).

Em sua colocação, a participante Bromélia abordou um ponto interessante: como fazer com que as pessoas que estão fora da academia acessem esses conhecimentos produzidos aqui? Esse é tema de inúmeras discussões nos programas de Pós-Graduação, sobre diferentes teorias e metodologias.

Concordamos com a participante quando ela diz que a estratégia é levar esses conhecimentos para dialogar com as pessoas fora da academia. De fato, estamos diante de um desafio. E para além desse diálogo com a sociedade, ainda precisamos enfrentar o desafio de permanecer enquanto pesquisadore afrocentrade nesse modelo de academia excludente.

Destaco o apreço pelo reconhecimento da participante em estar numa oficina sobre um tema ao qual elas nunca tinham ouvido falar antes. Como destaca, foi relevante para o processo formativo dela estar em contato com outra perspectiva teórico-metodológica fora da lógica excludente do colonialismo.

Diante desse relato e desse agradecimento, ousar dizer que o objetivo da oficina foi alcançado. Não buscamos tratar sobre a matemática afrocentrada e maneiras de como fazer ou não fazer. Nosso interesse esteve no professor que ensina matemática operando dentro desse sistema, na reflexão de seu processo formativo.

Chegamos num momento histórico, após 20 anos de implementação de uma lei que prometia reparação, onde não avançamos. Precisamos arregaçar as mangas e nos mobilizar em prol do que acreditamos e queremos de futuro para nosso povo.

Acredito que a base para a mudança social é a educação, que é feita por gente. Somos parte desse sistema organizado para nos manter em subalternidade. Porque não pensarmos em unir nossos esforços para sairmos, gradativamente, dele? Para tanto, é necessário que nós tomemos como nossa responsabilidade, porque os governantes não vão fazer isso por nós.

Acredito que na formação de professoras, seja inicial ou continuada, é necessário mais debates acerca da Afrocentricidade. Que possamos nos questionar mais, nos incomodar mais, nos indignar mais e procurar sempre por respostas. Que possamos encontrar pessoas dispostas a discutir nossas ideias e contribuir para nosso desenvolvimento pessoal e profissional, pois como bem lembrou a participante Bromélia, não podemos continuar sempre nos mesmos lugares.

4.3. Eu Sou ume, Mas Não Sou só¹⁷

O ensino de Matemática tem muito a contribuir com uma outra narrativa que nos coloca como povo que historicamente construiu a base do conhecimento que manipulamos hoje. O que temos acesso na educação básica, até mesmo no ensino superior, não reflete a amplitude e complexidade dos saberes matemáticos produzidos no continente africano.

A história do nosso povo não começa pelo fenômeno da escravização, por isso, uma perspectiva afrocentrada vai advogar, também, pela retomada histórica desses conhecimentos e uma abordagem para além do contexto brasileiro, pois muito antes de sermos trazidos para esse território, nosso povo tinha um conhecimento técnico avançado.

Cunha Júnior (2023) traz questões pertinentes às diversas áreas de estudo, incluindo a Matemática, sobre como povos africanos da antiguidade desenvolveram tecnologias, técnicas e ferramentas complexas antes da era comum.

Outro autor que aborda o tema é Jefferson Todão, no livro “A Origem Africana da Matemática” publicado em 2024, onde o autor nos possibilita conhecer a história escondida da Matemática, na qual o epistemicídio e o racismo científico camuflam e apontam como única (aquela que aprendemos).

Também podemos citar o trabalho de Forde (2019), onde, por meio de procedimentos de análise histórica, o autor investiga matrizes matemáticas de ascendência africana e tece reflexões que problematizam a presença africana no ensino de Matemática.

¹⁷ Povoadas, Sued Nunes. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIEzUVxAb8c>

Esses trabalhos são alguns exemplos das produções que têm sido desenvolvidas no âmbito nacional que nos ajudam a conhecer e entender as relações da matemática, não necessariamente da forma como conhecemos hoje, com nosso continente de origem. O epistemicídio nos rouba, a todo momento, a possibilidade de expandir nossos conhecimentos e nos apropriar das criações dos nossos ancestrais. Cabe a cada um de nós o esforço de sairmos dessa lógica colonialista de aprisionamento de mentes e buscarmos expandir nossos horizontes intelectuais, pois, reitero, ninguém vai fazer isso por nós.

Assim como as demais áreas acadêmicas, o campo da Educação Matemática se constitui como território de disputa, onde perspectivas teóricas se estabelecem pela inserção e manutenção de seus devotos. Aproximar a Afrocentricidade deste território constitui-se como um desafio que marca a necessidade de olhar para perspectivas outras, para além da ótica ocidental de produção.

A Afrocentricidade é um projeto radical de construção de uma nova realidade, a ponto de tornar a atual desnecessária para o nosso povo. Não que ela não deva mais existir, mas advogamos pela construção de uma possibilidade de nossos mais jovens se enxergarem como autoras, intelectuais e produtores de conhecimento, isso não se faz vendo apenas o protagonismo branco, como vemos no ensino atual.

Acredito não ser utopia, pois vejo muitas pessoas trabalhando nessa direção. Orientação afrocêntrica que nos impulsiona a perseverar junto daqueles que também fazem parte das que acreditam nessa possibilidade. É importante revisitar sempre nossas referências, assim como nossos motivos.

Nesse sentido, advogamos também pela valorização do Ser Professore e Ser Pesquisadore como uma vivência múltipla, que acolhe diversas outras vivências inerentes a nossa vivência no mundo. A Afrocentricidade nos convida a pensar numa prática profissional alinhada com os valores e condições pessoais, onde nossa vivência educacional não pode existir em separado da vida fora da escola/universidade.

Nesse capítulo, a proposta era que refletíssemos juntas, baseadas no que discutimos acerca da Afrocentricidade, o quanto esse modo de ver/sentir/existir na vida nos auxilia na percepção dos fenômenos à nossa volta, em especial, no meio acadêmico ao qual fazemos parte. Tendo refletido sobre o conceito de localização psicológica, social e cultura, propomos uma análise crítica sobre nossas referências, ou seja, quem /o que tem nos representado quando pensamos em educação matemática e negritude.

Nossa intenção não é trazer as respostas, mas refletir e problematizar se essa perspectiva ao qual muitos de nós tem se debruçado e dedicado suas pesquisas e práticas, nos

representa e nos impulsiona em termos de mudança social. Cabe a cada um de nós fazermos o juízo sobre o caminho que desejamos trilhar. A contribuição deste trabalho é apresentar essa perspectiva pautada no nosso centro racial, e segurar as mãos daqueles que decidirem se aventurar por esse caminho.

Não à toa, o título da oficina foi “Afrocentricidade e Educação Matemática: construindo redes de apoio”. É, também, no apoio dos pares que temos força para progredir nessa caminhada desafiadora e gratificante.

Não vejo como pensar Afrocentricidade e Educação Matemática sem antes pensar nas pessoas que compõem o que chamamos de comunidade de educadoras matemáticas. Essa comunidade plural e diversificada, que há cada dia mais abrange sua atuação em termos de discussões políticas, nos impulsiona a enxergarmos terreno fértil para tais colocações.

Os óculos da Afrocentricidade podem não servir para todas as pessoas negras que compõem essa comunidade, mas de certo serve para muitas, e futuramente, outras. Que possamos refletirmos e darmos o nosso melhor, na medida de nossas potências, no lugar que ocupamos, com as ferramentas disponíveis, para um bem viver em comunidade onde não seremos descartáveis e lides como dominados.

Vamos juntas?

Correnteza - Interlúdio, Pt 2¹⁸

Thiago Elniño (feat. Daiana Damião)

*Pra que você chegasse até aqui
Muita água já rolou
Apesar das barreiras
Muita gente teve que ser correnteza
Pra que você chegasse até aqui
Seus ancestrais foram correnteza
E se em algum momento você não tiver forças
Pra ser correnteza
Lembre-se que um dia será um ancestral
E que a água sempre encontra um caminho*

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=EkEM1vS7O5Y>

5. Não há fim no fluxo das águas

Caminhar em direção ao aquilombamento é uma tarefa desafiadora, sobretudo quando se é impedido. Privilegiadas são as crianças que debatem pautas raciais dentro de casa, cujo familiares vivem a negritude de forma positiva e amorosa. Para mim, a negritude sempre esteve muito visível, mas eu não sabia o que significava. Aprendi teoricamente, anos depois.

Pelo desejo de troca de ideias e experiências com mais pessoas, nasceu essa pesquisa, onde busquei aproximar a Afrocentricidade enquanto um conceito teórico-metodológico que nos auxilia em nossas pesquisas e práticas educacionais, mas também com um modo de enxergar o mundo, conseqüentemente, modo de viver e experienciar o cotidiano mais conectados com o modo africano, de nossos ancestrais.

Esse texto foi um convite direto à reflexão sobre quem somos, sobre nossas preocupações, sobre o agir em comunidade. Como estamos usando nosso lugar de privilégio acadêmico? Estamos nos preocupando com pessoas como nós que não têm a oportunidade de acessar os conhecimentos que nós tivemos? O que fazer a partir desse lugar político de ocupação, que é o sistema de ensino?

Enquanto professorus e pesquisadorus, ocupamos um lugar de formadorus de opinião, de agentes de mudança, e ainda assim, nos questionamos se temos autonomia necessária para mudar o sistema de ensino ao qual estamos inseridos. Sabemos das inúmeras dificuldades que enfrentamos, do racismo científico, do epistemicídio, da falta de representatividade. O que podemos fazer diante de um problema que é enorme e parece não ter solução?

Não há reforma nesse sistema que dê conta de resolver tamanhos problemas. Esse conflito me angustiava de forma violenta, até encontrar na Afrocentricidade um caminho potente para pensar e agir, a partir de um lugar de autoaceitação e conseqüentemente, união com o povo negro afrobrasileiro. Essa perspectiva nos impulsiona a criarmos nossas soluções, propõe criarmos nossas escolas, nossas universidades, formar nossos professorus a partir de um lugar de potência negra, onde a ancestralidade africana é fundamento para um futuro que desejamos construir.

Com as leituras, discussões e vivências, pude evidenciar que este é um caminho potente, que nos acolhe em nossas angústias de não pertencimento. Certamente não é o único, mas pensando em nossa experiência acadêmica e na instituição escolar, a Afrocentricidade enquanto uma teoria de mudança social abarca aspectos relevantes onde conseguimos unir nossa vivência enquanto pessoa racializada dentro e fora do sistema escolar, potencializando a autonomia em diversas áreas da vida.

Auxilia-nos na compreensão da necessidade do aquilombamento, união fraterna entre o povo africano na diáspora. Essa união só é possível quando conseguimos nos enxergar como pertencentes, como descendentes, como parte do povo africano. Amar e sentir a nossa ancestralidade africana e por ela ser acolhida. A partir desse lugar de Localização Psicológica, Social e Cultural, e aqui insiro, Espiritual, fortalecemos nossa agência, nosso poder de ação a partir do lugar que ocupamos, com as ferramentas que manipulamos, para nos colocarmos à disposição do outro irmane negro, para a nossa comunidade, para o fortalecimento e crescimento de todos.

Este caminho que estamos inseridos, acessando diversos alunes todos os dias, acessando pesquisadoras e professoras, numa enorme rede de conexões de pessoas, é um caminho potente e desafiador. Ao mesmo tempo que há uma obrigatoriedade de estarmos nesse espaço, ele não nos pertence. Foi feito aos moldes culturais de quem tentou nos destruir. Discutimos anteriormente que essa tentativa nunca chegou ao fim, e por isso, esse espaço está corrompido.

Estamos nos esforçando enquanto comunidade há muito tempo, numa tentativa de conseguir um espaço onde possamos nos expressar livremente, educar nossas crianças como os mais velhos nos ensina. Uma enorme ilusão. Enquanto estivermos sob o olhar vigilante do colonizador, continuaremos a ser instrumentos de seus caprichos.

Ao seguirmos esse caminho da educação formal, o primeiro passo é nos educarmos individualmente, sairmos das amarras colonialistas ao qual o sistema de ensino nos prendeu. Sairmos do limbo racial, do lugar de não pertencimento, para um lugar de acolhimento e união fraterna. Para abraçar a coletividade, precisamos nos encontrar com nossa história, com a potência negra que há em nós. Olhar para nós, nossa história familiar, nossa história enquanto pessoa racializada, a partir do entendimento das relações raciais e com os óculos da Afrocentricidade, nos coloca em outro lugar de entendimento sobre quem somos no mundo.

Nessa pesquisa, exploramos juntas uma trajetória de encontro com a Afrocentricidade, apresentada em forma de oficina, que reflete um pouco da minha própria trajetória enquanto pesquisadora negra na área da Educação Matemática. Tal caminho metodológico foi construído de forma fluida e intuitiva, tendo como base teórica a Afrocentricidade, unindo experiência do pesquisador e explorando as potencialidades da Afrocentricidade no contato com o outro, enquanto caminhávamos na trilha da descoberta de si, da união com o povo negro, abraçando a potencialidade de caminhar na trilha da educação e ser instrumento de mudança social.

Explorar, com as questões problematizadoras e as tarefas propostas, alguns pontos marcantes nas trajetórias que se cruzam e ouvir diferentes posicionamentos a respeito, diversos pontos de vista partindo de lugares de singularidade da pessoa, refletiu a potência dessa pesquisa que não se encerra neste texto. Para além de um trabalho de conclusão do mestrado, foi um desafio gratificante colocar-me como ouvinte de pessoas que, assim como eu, tiveram suas trajetórias raciais marcadas pela dúvida.

Essa pesquisa caminhou com a minha trajetória no mestrado. Iniciamos em março de 2020 e pouco tempo depois começou a pandemia de COVID-19. Foi uma trajetória marcada pela mudança, pelos fins e recomeços. A pesquisa foi atravessada por esse ciclo de renascimentos várias vezes. Mudamos do presencial para o online, mudei de tema (algumas vezes), mudei de orientadore, de grupo de pesquisa, mudei de estado, mudei para várias casas e por apego não mudei o telefone. Essa pesquisa esteve no protagonismo em muitos momentos, em alguns precisou ser coadjuvante, mas nunca telespectadore, sempre atravessando minha vida e pela vida sendo atravessada.

Fiz e refiz a oficina, outra experiência de reconstrução, de renascimento de algo tão especial que se deseja abraçar, mas não tem forma. Curioso como algo no campo das ideias pode ser tão significativo. Foi dentro dessa experiência que conheci Tulipa, participante que esteve na primeira edição da oficina e voltou na segunda, relatando que a experiência a impulsionou a desenvolver um projeto afrocentrado em sua escola e agradeceu por isso.

Algo que não mudou desde o começo do mestrado foi o interesse na linha de formação de professorus. Valorizo a troca com pessoas e o aprendizado mútuo. Contribuir com a jornada formativa de outra pessoa é algo que me enche de alegria, e ouvir o relato de Tulipa mostrou-me que a pesquisa surtiu efeito, cumpriu um objetivo. Ao alcançar a mente e o coração daquela professora, que retornou grata em contar sua experiência, pude sentir mais uma vez o poder da união. Tudo que nós tem, é nós, e juntos, podemos muitas coisas.

Caminhar com a pesquisa, construindo um percurso metodológico nunca antes percorrido foi um desafio. Para mim, o resultado mais marcante da pesquisa, que não pode ser mensurado nessas páginas. O crescimento enquanto pesquisadore que trouxe essa experiência de entrega, dedicação e conflitos, é algo que mudou a minha visão enquanto pesquisadore, enquanto professore e enquanto pessoa que se conecta com outras por meio da comunicação, aprendendo e ensinando na medida em que caminha. Foi uma experiência de fortalecimento da agência afrocentrada, que pode ser praticada enquanto vivemos em nossos mais variados ofícios.

Para investigar a potência (ou não) da Afrocentricidade como óculos analítico para as questões que atravessam a prática do professor/pesquisador negro, propus refletir sobre o questionamento: “o que pode o encontro de professorus/pesquisadorus negres com a Afrocentricidade?” como objetivo central de investigação na pesquisa. Durante a trajetória metodológica desenvolvida para a oficina, outras questões foram investigadas a fim de contemplar a questão inicial.

“O que pode” é subjetivo e depende da Localização Psicológica, Social, Cultural e aqui insiro, Espiritual da pessoa. Nesse sentido, busquei investigar tal Localização, explorando os Processos de Transformação da Consciência nos quatro dias de oficina, propondo questionamentos e tarefas que pudessem refletir tal localização de cada ume, apoiade na Afrocentricidade sistematizada por Asante (1980) e explorada por diverses autorus.

Tenho como premissa a importância de cada pessoa para a luta coletiva. Cada pessoa negra ocupa um lugar singular no mundo, seja qual ofício desempenhar. Nesse sentido, busquei enaltecer o lugar singular de cada ume através da valorização e percepção positiva de si, explorando, por meio dos Processos de Transformação da Consciência, a Localização de cada ume e o fortalecimento da Agência.

Nesse sentido, no primeiro capítulo busquei explorar o “Eu Sou”, como forma de refletir sobre como nos enxergamos, observarmos a qual lugar pertencemos, refletindo sobre a conexão com a comunidade ao qual pertencemos. Tínhamos a hipótese de que a consciência racial para pessoas pardas poderia estar deslocada, o que de fato percebemos em suas falas.

Ao evocar a reflexão sobre seus próprios processos enquanto pessoas negras no mundo, as participantes foram convidadas a responder “quando me descobri negro?” de forma a analisar quando o fato de ser uma pessoa negra passou a fazer parte ativamente da vida que elas já levavam. Esse questionamento trouxe muitas dúvidas, o que sugere marcas de marginalidade racial presentes em suas trajetórias, onde a centralidade na raça é um caminho que elas estão trilhando.

Por termos sido tão afastades do nosso centro racial, refletir sobre esse caminhar de volta ao centro de maneira consciente é algo que torna-se um marcador para muitas pessoas negras, sobretudo, pessoas negras de pele clara, popularmente conhecidas como pessoas pardas. Evidenciamos o deslocamento racial das participantes que reflete a categoria Marginalidade/Centralidade, assim como a Localização Psicológica Social e Cultural.

Nesse sentido, um dos resultados apontados pela pesquisa é a falta de letramento racial para falar de si. A alienação da mente e do corpo causam prejuízos que não podem ser

medidos, mas que refletem na visão distorcida sobre a própria identidade racial. A partir desse deslocamento racial percebido nas falas das participantes, evidencia-se a fragmentação da identidade negra como forma de evitar a luta coletiva. Nesse sentido, destacamos a relevância do letramento racial na formação do professor para além de como abordar a temática negra em sala de aula.

No segundo capítulo, busquei unir a potência do Ser com o coletivo, de modo a investigar como nos relacionamos com os problemas do nosso povo e como a Afrocentricidade nos auxilia na percepção das situações de opressão que vivemos enquanto comunidade. Discutimos sobre o genocídio da população negra em diversos contextos, trazendo para análise a categoria Agência para pensarmos juntas estratégias de enfrentamento ao racismo a partir do nosso lugar de ocupação.

Tínhamos como hipótese que a Localização da pessoa interfere em sua visão de mundo, o que para cada uma saltaria aos olhos a depender do que lhe atravessa de forma mais significativa. Cada pessoa trouxe para análise a partir de suas vivências e discutimos como um olhar afrocêntrico pode nos auxiliar na percepção do nosso povo no mundo, refletindo sobre como o individual pode encontrar-se com o coletivo, sem se anular ou sobrepor.

A partir da investigação no segundo dia, mostrei que a Localização Psicológica, Social e Cultural é importante e essencial ser considerada para nos entendermos enquanto pessoas negras, entender o nosso centro racial e nossas sinceras preocupações para que possamos agir.

Tendo refletido sobre nossa própria vivência racial, voltamos o olhar para a reflexão sobre como temos lidado com a educação racial das mais jovens ao qual temos acesso. Ao explorar o processo de Preocupação-Interesse como um processo de Transformação da Consciência, foi possível notar como o pertencimento gera estratégias de ação. Nota-se, na fala da participante Camélia, autodeclarada parda, um comprometimento com as crianças negras ao qual têm acesso, onde a participante se interessa em interferir em situações de racismo em seu ambiente de trabalho, preocupando-se com o bem estar e saúde mental das crianças.

A valorização da potência do ser pode ser explorada em qualquer área do conhecimento. A partir do terceiro capítulo, fiz um recorte para a área educacional, onde centralizamos nossas discussões acerca do sistema educacional brasileiro, sobre a lei 10.639/03 e a vivência das participantes dentro desse sistema de ensino.

Tinha como hipótese de que o ensino de história e cultura negra não seria algo presente na formação inicial das participantes, e todas relataram que o estudo sobre o nosso

povo se resumia ao tema escravidão. Podemos refletir sobre como nossa formação na educação básica até o ensino superior foi atravessada pelo epistemicídio, nos impedindo de acessar conhecimentos sobre nosso povo no mundo, sobretudo no desenvolvimento da Matemática.

A marginalidade a respeito da raça que discutimos nos capítulos anteriores é reforçada quando afirmam não terem tido acesso, na educação básica ou no ensino superior, a história e cultura africana e afrobrasileira, tendo sido reforçada a ideia do povo negro contribuir para a formação desse país apenas como escravizado. Tal perspectiva cristalizada na mente de milhares de brasileiros nos impede de nos enxergarmos como potentes criadores, como capazes de construir intelectualmente, pois somos vazios de representação.

Na vivência das participantes, a educação básica não contribuiu para seu próprio letramento racial, pelo contrário, negligenciou a potência do povo negro quando cristalizou-o como escravizado, apagando nossa história e cultura, nossas construções intelectuais, inferiorizando o povo negro. Como consequência, milhares de mentes foram sequestradas para o não pertencimento, para assimilar a ideia de que uma cultura pode se colocar como dominante. Perspectivas que se colocam como defensoras do povo negro e ainda assim defendem a ideia de uma hegemonia intelectual não devem ser assimiladas por nós como único recurso acadêmico.

Pensar sobre a lei, sua aplicabilidade e resultados práticos gerou discussões interessantes com as participantes. Podemos explorar o processo de Preocupação-Interesse e fortalecer nossa Agência na medida em que nos percebemos como parte de uma comunidade de educadoras negres dispostas a construir um sistema de ensino afrocentrado. Nesse pequeno grupo, notamos o desconforto e a insatisfação com o sistema de ensino em que estamos inseridas, notamos que não aprendemos nada sobre nosso povo, e isso é muito triste, sobretudo por entender que não é uma realidade deste grupo, mas de todo território brasileiro.

Exploramos a categoria Centralidade-Marginalidade de forma a escancarar como o sistema de ensino brasileiro nos aprisionou para nos deixar nesse lugar de assimiladoras de uma cultura que não é a nossa, e nos impede, a todo momento, de acessarmos a potência da conexão com o educar do nosso povo. Aqui, não me refiro a conteúdo pois a separação em matérias é um conceito colonial, refiro-me a uma educação que ressoa os ensinamentos da ancestralidade negra para um bem viver de qualidade.

Trazendo um outro recorte para análise, no quarto capítulo centralizamos as discussões na área da Educação Matemática, sistematizando nossas discussões acerca da

Localização da pessoa, refletindo nas nossas referências neste campo de pesquisa e ensino, que nos apoiam nas pesquisas e no trabalho em sala de aula.

Em nossas discussões acerca dos recortes trazidos para a análise a partir do entendimento da relevância da Localização, observamos que a Etnomatemática não rompe com o colonialismo quando perpetua a ideia de uma cultura que deve ser assimilada por todos como dominante. Dessa forma, torna-se necessário ampliarmos o debate acerca das nossas referências e nos percebermos também como referências para nossos alunos.

Quando vi-me sem referências na área da Educação Matemática para discutir sobre a real centralidade das experiências africanas, senti-me perdido e sem motivação para continuar pesquisando nessa área. Encontrar a Afrocentricidade fora deste contexto matemático foi extremamente importante para essa pesquisa.

O caminho metodológico da oficina buscou exaltar a potência do ser negro como fundamental e necessário para a construção de um futuro afrocentrado, isso inclui o rigor e o cuidado ao escolher quem caminha ao nosso lado. Saber identificar o que nos exalta e o que nos oprime, o que nos ajuda a avançar significativamente e o que nos mantém estrategicamente na mesma posição com migalhas de melhorias.

Entender a nós mesmos como potentes criadores, partes de uma comunidade tão potente quanto, nos impulsiona a não aceitar menos do que nosso próprio povo sempre nos ofereceu. Beber de nossas fontes nos impulsiona a olhar para o passado e pensar o futuro com estratégia, zelo e audácia. Problematicar as escolhas teórico-metodológicas que nos acompanham no caminhar acadêmico fortalece a nossa comunidade e cria espaço para mudanças significativas.

A partir do caminho metodológico proposto na oficina, conclui-se que a trajetória das participantes foi marcada por episódios onde o enfrentamento racial esteve presente, mas muitas vezes velado. Concluímos que a consciência racial, bem como o empoderamento enquanto pessoa negra é fator importante para a tomada de decisões para combater o racismo, seja dentro ou fora de sala de aula.

A história de vida das participantes racializadas interfere em sua visão de mundo, bem como em suas tomadas de atitude frente ao racismo enfrentado por elas ou por pessoas à sua volta. Em especial no meio acadêmico, podemos perceber em suas falas que o processo de Preocupação/Interesse se manifesta em diversos níveis, auxiliando-as no enfrentamento do racismo sofrido por alunos.

O presente trabalho permitiu que fosse revisitado a trajetória de encontro do próprio pesquisador com a Afrocentricidade, evidenciando que nossas experiências com o

deslocamento racial não são únicas e não são raras. No caminhar com encontros e atravessamentos, foram surgindo questões relatadas pelas participantes que eram similares a vivências de outras, e assim, tivemos a oportunidade de nos conectar pelas vivências raciais similares.

O Processo de Transformação da Consciência não é algo que se dá de forma simples e rápida, requer interesse e um caminhar rumo ao compromisso com o povo negro. Nessa pesquisa, busquei aproximar os participantes desse caminho, mostrando como podemos nos relacionar com a vida a partir dessa perspectiva afrocêntrica, e como essa visão de mundo pode nos impulsionar rumo a mudança que desejamos.

Um sistema educacional afrocêntrico pode trazer o impulso necessário para formação de pessoas que acreditam serem capazes de mudar o mundo, não mais satisfeitos em viver às margens de uma sociedade que nos impõe a todo momento o não lugar, a marginalidade, fazendo-nos conviver com a morte e com a escassez de oportunidades. Para tanto, é de suma importância que, enquanto professorus e pesquisadorus, possamos assumir uma postura crítica a respeito da nossa própria formação, carregada de referências acadêmicas que podem potencializar nosso agir político no meio acadêmico.

Pergunto-me se conseguiremos avançar de forma significativa na construção de uma educação emancipatória pro nosso povo negro se nos apoiarmos em perspectivas teóricas que aberta ou discretamente, insistem no posicionamento de superioridade cultural. Com a reflexão sobre a Localização de nossas referências, sobretudo no campo da Educação Matemática, podemos evidenciar a necessidade de haver mais referências de autorus negres propondo e discutindo formação de professorus por uma perspectiva afrocentrada.

Trazer a Afrocentricidade como referencial teórico-metodológico para o campo da Educação Matemática abre caminhos para pesquisas futuras que buscam descolonizar o modo de fazer pesquisa, contribuindo para a negação de perspectivas que nos colocam como assimiladorus de uma cultura que se impõe como dominante frente à riqueza cultural do Brasil.

Discutir a formação continuada de professorus à luz da Afrocentricidade abre espaço para pensarmos pesquisas futuras sobre os impactos da formação inicial de professorus com foco na ancestralidade africana. Será que muda a forma como us professorus negres se sentem em relação à profissão? Como tal formação pode impactar na autoestima e senso de pertencimento de professorus e estudantes negres?

Para tanto, é imprescindível pesquisas mais aprofundadas sobre como implementar a Afrocentricidade no currículo das universidades de licenciatura, seja em Matemática ou

outras áreas de ensino, assim como em programas de formação continuada com foco na Afrocentricidade. Como isso pode ajudar professoras negras a se sentirem mais confiantes e preparadas para lidar com as questões raciais dentro e fora da sala de aula?

É um convite para que possamos pensar e articular juntas estratégias de derrubada do privilégio de uma cultura que se coloca como dominante na educação das nossas crianças. A descolonização das nossas mentes é um processo que necessita nascer dentro de nós como um desejo de conquista, para que assim consigamos elevar nossas irmãs.

Concluo que é indispensável para a formação de professoras que a formação enquanto sujeito seja tomada como prioridade. Não podemos desconsiderar a Localização Psicológica, Social, Cultural e Espiritual de quem está em posição de liderança, influenciando nossas crianças dia após dia. Faz-se necessário uma consciência de luta coletiva para que as professoras negras possam agir, a partir desse lugar político de ocupação, para a libertação do povo negro dentro e fora de sala de aula. Para tanto, é indispensável a formação do próprio sujeito, a centralidade da raça em contrapartida a marginalidade ao qual fomos empurradas, sobretudo pelo sistema educacional.

Referências Bibliográficas

ASANTE, M. **Afrocentricidade: a teoria de mudança social**. Afrocentricity, 1980.

ALMEIDA, Carla Verônica Albuquerque. **Currículo afrocentrado**: implicações para a formação docente. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. N. 31: mai.-out./2019, p. 71-86.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade, Educação e Poder: Uma Crítica Afrocêntrica ao Eurocentrismo no Pensamento Educacional Brasileiro**. São Paulo, 2016. 298 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Filosofia e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2016.

_____. Educação Quilombista: uma proposta de educação afrocentrada no Brasil. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n. 31, p. 18-3, 2019.

CARDOSO, Fernando Henrique. Entrevista. In: Pompeu, Roberto Toledo de. O Presidente segundo o Sociólogo, a nódoa da escravidão. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

DJONGA *et all*. **A Favela Venceu**. Rio de Janeiro: JR ON. 2021. (4min39s).

D'AMBROSIO, Ubiratan. **O Programa Etnomatemática: uma síntese** Acta Scientiae Canoas v. 10 n.1 p.7-16 jan./jun. 2008.

_____. **O Programa Etnomatemática como uma Proposta de Reconhecimento de Outras Formas Culturais**. Yupana, n5. p. 63 a 70. 2005.

ELNIÑO, Thiago. **Odú - Caminho**. Rio de Janeiro: independente. 2021. (3min20s).

_____. **Ubuntu**. Rio de Janeiro: independente. 2017. (2min44s).

_____. **O Livro da Selva**. Rio de Janeiro: independente. 2019. (4min12s).

_____. **Pedagoginga**. Rio de Janeiro: independente. 2017. (4min56s).

_____. **Vampiros Veganos**. Rio de Janeiro: independente. 2021. (4min40s).

_____. **Correnteza - Interlúdio, Pt 2**. Rio de Janeiro: independente. 2021. (31s).

EMICIDA *et all*. **Principia**. São Paulo: Sony Music Entertainment Brasil. 2019. (5min55s).

FERNANDES, Florestan. **A Formação Política e o Trabalho do Professor**. Marília: Lutas anticapital, 2019.

FORDE, Gustavo Henrique Araújo. **Matrizes Negro-Africanas Do Cálculo Algébrico**: o conhecimento matemático presente no papiro ahmes. Revista da ABPN, v. 11, Ed. Especial -

Caderno Temático: "Saber-fazer em Ciências & Tecnologias - Trajetórias Afrodiaspóricas" dezembro de 2019, p. 109-127

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2013.

JÚNIOR, Henrique Cunha. **Abolição inacabada e a educação dos afrodescendentes**. Revista Espaço Acadêmico, n. 89, outubro de 2008.

_____. **Tecnologias Africanas e Educação**. Salvador: EDIFBA, 2023. 55 p. V. 7.

LIMA, C. **Teoria da afrocentricidade e educação: um olhar afrocentrado para a educação do povo negro**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 104. 2020.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MENEZES, Waléria. **O Preconceito Racial e suas Repercussões na Instituição Escola**. In: Trabalhos para Discussão. n. 147, agosto de 2002.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

_____. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Elisa (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2019.

NJERI, Aza. **Educação Afrocêntrica como via de Luta Antirracista e Sobrevivência na Maafa**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 31: mai.-out./2019, p. 4-17.

NOGUEIRA JR, Renato. Afrocentricidade e Educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. **Revista África e Africanidades**, n.11, 2010.

TODÃO, Jefferson. **A Origem Africana da Matemática**. Editora Ananse, 2024. 192 pg.

WOODSON, Carter Godwin. **A Des-educação do Negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Presidência da República - Casa Civil - Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: junho de 2024.

Glossário de Pronomes Neutros

a/o - u

Abandonades - abandonadas (os)

aceites - aceitas (os)

acolhide - acolhida (o)

africanes - africanas (os)

afro-brasileire - afro-brasileira (o)

afrocêntricos - afrocênticas (os)

aliades - aliadas (o)

apagades - apagadas (os)

atentes - atentas (os)

bombardeades - bombardeadas (os)

branques - brancas (os)

brasileire - brasileira (o)

caru leitore - cara (o) leitora (o)

condicionades - condicionadas (os)

convidade - convidada (o)

daquelus - daquelas (os)

despreparades - despreparadas (os)

dispostes - dispostas (os)

Diverses autorus - diversas (os) autoras (os)

dominades - dominadas (os)

ela/ele - elu

escravizades - escravizadas (os)

escravus - escravas (os)

espectadorus - espectadoras (os)

filhes - filhas (os)

futures - futuras (os)

incluídes - incluídas (os)

inscrites - inscritas (os)

inserides - inseridas (os)

integrades - integradas (os)

interessades - interessadas (os)

irmanes - irmãs, irmãos

levades - levadas (os)

libertes - libertas (os)

mediadorus - mediadoras (os)

mesmes - mesmas (os)

muçulmanes - muçulmanas (os)

muites - muitas (os)

mulates - mulatas (os)

negres - negras (os)

nossus - nossas (os)

outré - outra (o)

parde - parda (o)

pesquisadorus - pesquisadoras (os)

produtorus - produtoras (os)

professorus - professoras (es)

segure - segura (o)

silenciades - silenciadas (os)

socializades - socializadas (os)

solitáries - solitárias (os)

todes - todas (os)

unides - unidas (os)

valiose - valiosa (o)

várius - várias (os)

velhes - velhas (os)

verdadeires - verdadeiras (os)